

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E A FORMAÇÃO DE PROFESSORAS  
NORMALISTAS: AS NOÇÕES DE AFRÂNIO PEIXOTO E DE  
THEOBALDO MIRANDA SANTOS.**

**CURITIBA**

**2007**

**ROBERLAYNE DE OLIVEIRA BORGES ROBALLO**

**HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E A FORMAÇÃO DE PROFESSORAS  
NORMALISTAS: AS NOÇÕES DE AFRÂNIO PEIXOTO E DE  
THEOBALDO MIRANDA SANTOS.**

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para obtenção de grau de Mestre em Educação, na  
Linha de Pesquisa de História e Historiografia da  
Educação, Programa de Pós-Graduação em  
Educação da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Vieira

**CURITIBA**

**2007**

*Dedico este trabalho a Luiz Gustavo, pelo amor e incentivo.*

*À Giovana, filha amada e muito sábia.*

*À Giuliana, menina meiga,  
cujo amor me inspira.*

*Ao Prof. Carlos Eduardo, simplesmente por acreditar...*

## **AGRADECIMENTOS**

O grande poeta português Fernando Pessoa, escreveu que “o valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis”.

Este é o meu momento! Mas ele não existiria não fossem as pessoas “incomparáveis” que se fizeram presentes neste processo. Por isso, meus agradecimentos representam a mais singela, porém a mais significativa e emocionada forma de dizer o quanto a realização deste trabalho não dependeu apenas de meu empenho individual, mas daqueles que o tornaram um trabalho possível.

Ao Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> Carlos Eduardo Vieira meu especial agradecimento pela competente orientação, pela amizade e por me fazer apaixonar pela pesquisa em História da Educação. À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gizele de Souza, pelos valiosos conselhos profissionais e “pedagógicos”, pela amizade, incentivo, e pela participação em meu exame de qualificação. À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Diana Gonçalves Vidal, por quem tenho especial admiração, pelas importantes contribuições realizadas no exame de qualificação.

Aos amigos e professores de Mestrado, que, além dos bons momentos compartilhados, ensinaram-me e contribuíram significativamente para a realização deste trabalho. Ao Benedito Costa Neto pelo “esmero” na revisão de meu trabalho.

Às amigas e aos amigos que trabalham comigo no Núcleo Regional de Educação da Cidade Industrial de Curitiba, pelo apoio e compreensão. Às pedagogas, professoras e professores, educadoras e educadores, diretoras e diretores de escolas e de CMEIs, que, como eu, trabalham para/pelas crianças de nosso município.

Aos professores do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná, em especial os do DEPLAE, com quem tive o privilégio de conviver; agradeço o apoio e o respeito.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, pelo apoio e estrutura.

Aos funcionários do Instituto de Educação do Paraná Prof.<sup>o</sup> Erasmo Pilotto, da Biblioteca da Universidade Federal do Paraná, da Biblioteca Pública do Paraná, do

Arquivo da Companhia Editora Nacional – IBEP, que me propiciaram acesso às fontes utilizadas neste trabalho.

Aos meus amigos de “infância”, por estarem sempre a meu lado.

Aos meus pais, João e Reumilda, por me ensinarem a ser o que sou.

Aos meus irmãos, à vovó Nair e demais familiares pelo amor e carinho.

Às minhas filhas, razão de meu viver, pelo amor e pelos beijos durante os infinitos dias de escrita do meu texto.

Ao meu marido, pelo companheirismo, amor e dedicação.

A todos, que de alguma forma fazem parte de minha vida, o meu “muito obrigado”!

*Só há um caminho para a conquista da natureza,  
dos homens, de si mesmo: saber.  
Não há outro meio de o conseguir: querer.*

*Afrânio Peixoto*

## RESUMO

Este trabalho apresenta a análise das obras *Noções de História da Educação*, de Afrânio Peixoto e *Noções de História da Educação*, de Theobaldo Miranda Santos, que serviram de suporte para os processos de formação de professoras normalistas a partir da década de trinta do século XX no Brasil. As obras analisadas pertencem à Coleção Atualidades Pedagógicas do projeto editorial denominado Biblioteca Pedagógica Brasileira, dirigido por Fernando de Azevedo (1931-1949). Esta pesquisa evidencia as concepções de História da Educação do período retratado, permitindo vislumbrar as concepções de História da Educação e de História que produzem sentidos no universo da Educação, permitindo vislumbrar tanto a representação como o processo de formação da professora normalista, em particular. Assim, o contexto mostrado é o de produção destas obras, os procedimentos historiográficos utilizados pelos autores para escrevê-las, a educação brasileira presente nas narrativas dos autores e a sua materialidade. Conclui-se com este trabalho que as obras em questão são expressão particularizada de idéias sobre o conhecimento histórico e educacional. A História da Educação neste sentido reuniu e estreitou a relação entre *história, educação e civilização*, por meio de um passado que se tornou lição. Esta trajetória de pesquisa permite acompanhar os dissensos e os consensos dos autores com relação à escrita da história da educação, em especial da brasileira.

**Palavras-chave:** Concepções de História e História da Educação; Manuais Escolares; Formação de Professoras Normalistas; Afrânio Peixoto; Theobaldo Miranda Santos.

## ABSTRACT

This essay presents the analysis of the works *Impressions on the History of Education* by Afrânio Peixoto and *Impressions on the History of Education*, by Theobaldo Miranda Santos, that served as a basis for the process for the education of school teachers during the decade of the 30's in 20th century Brazil. The works reviewed are a part of the Collection of Pedagogical News that belong to the editorial project called "Brazilian Pedagogical Library" which was directed by Fernando de Azevedo (1931-1949). This research points out the conceptions of the History of Education during the covered period allowing thus a glimpse at the conceptions of the History of Education and conceptions of History that have an impact on the universe of Education and also at the representation and process for the education of school teachers particularly. In other words, the context shows the production of these works, the historical research procedures chosen by the authors while writing them, the Brazilian education present in their narration and its materialness. This essay leads to the conclusion that the works are a particular expression of ideas about educational and historical knowledge. In this way, the History of Education has tightened the relation between *history, education and civilization* by means of the past turned into a lesson. The writing of this essay allows us to follow the disagreements and agreements of the authors in what concerns the writing of the history of education, specifically the Brazilian.

**Key words:** Conceptions of the History of Education; School manuals; Education of School Teachers; Afrânio Peixoto; Theobaldo Miranda Santos.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fig. 1 - Afrânio Peixoto.....	22
Fig. 2 - Esquemática sobre a relação entre <i>passado</i> – <i>presente</i> – <i>futuro</i> .....	28
Fig. 3 - Coruja simbólica de Atenas.....	55
Fig. 4 - Contracapa do Manual de Afrânio Peixoto, 3.ed.,1942.....	111
Fig. 5 - Contracapa do manual de Theobaldo Miranda Santos, 1.ed.,1945.....	112
Fig. 6 - Exemplo de uma parte do “Sincronismo” sobre o Brasil.....	113
Fig. 7 - Exemplo de sumário: “A educação realista”.....	114
Fig. 8 - Nota sobre “A Educação em Roma”.....	115
Fig. 9 - Sugestão de leitura sobre “Platão”.....	115
Fig. 10 - Bibliografia sobre a “Educação Feudal”.....	116
Fig. 11 - Exemplo de enunciados no Capítulo I do manual de Afrânio Peixoto.....	118
Fig. 12 - Exemplo de enunciado (página inteira) no Capítulo I, do manual de Theobaldo Miranda Santos.....	119
Fig. 13 - Exemplo de enunciados no Capítulo I, do manual de Theobaldo Miranda Santos.....	119
Fig. 14 - Cerimônia da iniciação da puberdade numa tribo africana.....	124
Fig. 15 - Letras Egípcias.....	125
Fig. 16 - Planta da qual o papiro era produzido.....	125
Fig. 17 - Acima um papiro, abaixo um escriba.....	125
Fig. 18 - Vaso pintado, mostrando meninos gregos no cotidiano escolar (PEIXOTO).....	126
Fig. 19 - Vaso pintado, mostrando meninos gregos no cotidiano escolar (SANTOS).....	126
Fig. 20 – Sócrates (PEIXOTO).....	126
Fig. 21 – Sócrates (SANTOS).....	126
Fig. 22 - Cotidiano de um jovem estudante e os materiais escolares.....	127
Fig. 23 - Criança recebendo ensinamentos de um mestre.....	127
Fig. 24 - Castigos nas escolas romanas.....	128
Fig. 25 - A educação em Roma.....	128
Fig. 26 - Aula na Faculdade de Medicina (séc. XIV).....	129

Fig. 27 - Aula de Filosofia numa escola monástica.....	129
Fig. 28 - Simbolismos medievais.....	130
Fig. 29 - “Linotipo, maquina tipográfica moderna”.....	131
Fig. 30 – Montaigne (PEIXOTO).....	132
Fig. 31 – Montaigne (SANTOS).....	132
Fig. 32 - College de Oxford (Inglaterra).....	132
Fig. 33 - “Universidade de Harvard (Estados Unidos)”.....	133
Fig. 34 - “Pátio de Sorbonne (Paris, França)”.....	133
Fig. 35 - “Na mesa do mestre há um feixe de varas”.....	134
Fig. 36 - Madame de Maitenon.....	134
Fig. 37 - Rousseau.....	134
Fig. 38 – Dewey (PEIXOTO).....	135
Fig. 39 – Dewey (SANTOS).....	135
Fig. 40 - Gustavo Capanema (figura de página inteira).....	135
Fig. 41 - D. João VI (figura de página inteira).....	136
Fig. 42 - Fernando de Azevedo.....	136
Fig. 43 - Henrique Dodsworth (figura de página inteira).....	136
Fig. 44 - Da esquerda para direita: Decroly, P. Bovet, B. Ensor, E. Claparède, Geheeb, Ferrière.....	137
Fig. 45 - Da esquerda para direita: D. Bosco, Willmann.....	137
Fig. 46 – Baile de formatura.....	139

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>01</b>
<b>1 MÉDICO E DENTISTA PRODUZINDO MANUAIS DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO.....</b>	<b>18</b>
1.1 Afrânio Peixoto: <i>Noções de História da Educação</i> .....	19
1.2 Theobaldo Miranda Santos: <i>Noções de História da Educação</i> .....	22
1.3 Os autores <i>desenhando</i> o significado de História da Educação.....	26
1.4 Paul Monroe: <i>lições de história para Afrânio Peixoto e Theobaldo Miranda Santos</i> .....	42
<b>2 ESCRITAS DA HISTÓRIA NOS MANUAIS DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO.....</b>	<b>53</b>
<b>3 EDUCAÇÃO BRASILEIRA NOS MANUAIS DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO.....</b>	<b>82</b>
3.1 O “pioneiro” e o “leigo católico”: <i>a educação brasileira reinventada</i> .....	82
3.2 <i>Noções</i> de uma “escola moderna”.....	95
<b>4 PRODUÇÃO DE UM INVENTÁRIO PEDAGÓGICO NOS MANUAIS DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO.....</b>	<b>106</b>
4.1 <i>A organização pedagógica</i> dos manuais.....	109
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>139</b>
<b>FONTES.....</b>	<b>143</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>146</b>

## INTRODUÇÃO

Considero que a História seja a “Ciência do Homem” (FEBVRE, 1989), ou a ciência dos homens reais e não apenas dos heróis, dos homens simples e não só dos da intitulada nobreza, e sim dos homens que vivem em uma determinada sociedade, que convivem em determinados grupos e que possuem determinada cultura.

Nesta perspectiva, a pesquisa sobre a História da Educação nos aproxima das construções sociais e culturais de homens, dos movimentos de construção coletiva de significados da realidade, e nos permite tentar entender a função social do passado pelos *diversos sentidos históricos* que esta história nos proporciona.

Por isso, do sonho adolescente de me tornar professora pelo Instituto de Educação do Paraná, a realidade me presenteou com esta formação, que, mais tarde, tornou objeto de minha paixão e pesquisa. Assim a História da Educação vem me “ensinando” que a história da formação de professoras normalistas reflete uma dinâmica muito própria e que ainda está viva na memória de centenas de pessoas, inclusive em minha memória.

Em 1989, aos dezesseis anos de idade ingressei no Instituto de Educação do Paraná, após um teste seletivo. Assim, passei a fazer parte de um grupo de aproximadamente duzentas alunas que, como eu, além de almejar cursar o “Segundo Grau” também desejava obter o *Título de Professor de Primeiro Grau de 1ª a 4ª Série com conclusão da Habilitação de Magistério do Ensino de Segundo Grau*.

A Escola Normal Secundária<sup>1</sup> de Curitiba, mediante reformas de ensino, passou a ter sede própria no dia 7 de setembro de 1922, à Rua Emiliano Pernetta nº 92, como é relatado no discurso abaixo:

---

<sup>1</sup> O Instituto de Educação do Paraná teve diferentes denominações ao longo de sua trajetória histórica, como nos aponta Marilda Iwaya em sua dissertação: *Palácio da instrução: representações sobre o Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto (1940-1960)*.

1876 – Escola Normal.

1923 – Escola Normal Secundária.

1936 – Escola de Professores.

1946 – Instituto de Educação do Paraná.

1992 – Instituto de Educação Prof. Erasmo Pilotto.

1993 – Instituto de Educação do Paraná Prof. Erasmo Pilotto

S. Exa. o Sr. Dr. Caetano Munhoz da Rocha, inaugurando este belíssimo “Palácio da Instrução” destinado a receber a Escola Normal Secundária do Paraná e suas Escolas de Aplicação, realizou uma das mais justas aspirações do povo paranaense; executou o mais belo e significativo ato de seu governo, e se organizar o seu corpo docente com os elementos competentes do professorado primário, instituirá, pela primeira vez, a carreira do magistério, tornando-se o verdadeiro integralizador da instrução pública no Paraná. (LYSIMACO FERREIRA DA COSTA, 1922)<sup>2</sup>

Rememorando um pouco desta história, torna-se importante ressaltar a figura de Lysimaco Ferreira da Costa como responsável pela reorganização e pela estruturação da Escola Normal. Este professor assinou as “Bases Educativas para a organização da Nova Escola Normal Secundária do Paraná<sup>3</sup>”, que estabelecia a divisão do Curso Normal em Geral e Especial.

Com relação ao Curso Geral, que a princípio teria duração de três anos, o professor Lysimaco relatou que a “cultura geral quanto mais completa for, tanto mais erudito será o professor primário, e mais apto se tornará para enfrentar o curso profissional e para exercer suas funções quando se encontrar à frente da sua escola” (1923).

Para o Curso Especial ou Profissional, ficou estabelecido que as matérias fossem ministradas semestralmente, divididas num período de três semestres. Estas matérias deveriam proporcionar ao futuro educador:

(...) uma boa técnica metodológica, apoiada nos princípios gerais e regras da Pedagogia e nas noções fundamentais da Psicologia da Educação, para que possa eficazmente e o mais rapidamente possível, transmitir aos seus escolares os conhecimentos hauridos no Curso em geral e determinados pelos programas de ensino, tal é o seu fim. (FERREIRA DA COSTA, 1923)

De forma bastante simplificada poderia dizer que, neste contexto, começou a tomar corpo significativa a trajetória histórica dos *saberes* para a formação de professores normalistas em Curitiba.

---

<sup>2</sup> Trecho do discurso proferido pelo Dr. Lysimaco Ferreira da Costa, diretor do Ensino Secundário no ato inaugural da Escola Normal, publicado no jornal “A República” em 11 de setembro de 1922. In: COSTA, *A dimensão de um homem: Lysimaco Ferreira da Costa – o educador* (documentário), 1987.

<sup>3</sup> As “Bases Educativas para a organização da Nova Escola Normal Secundária do Paraná” traçam normas de organização da Escola Normal Secundária, assinadas em 23 de janeiro de 1923 pelo professor Lysimaco Ferreira da Costa. In: COSTA, *A dimensão de um homem: Lysimaco Ferreira da Costa – o educador* (documentário), 1987.

Ao observar as primeiras bases educativas estabelecidas para o Curso Normal, percebi a importância do conjunto de saberes escolares destinados à formação de professoras, acreditando que estes saberes poderiam revelar ações refletidas e compartilhadas por diferentes orientações/grupos que demarcaram sua relação com a sociedade em uma determinada época e em determinado contexto cultural.

Esta observação despertou-me o olhar para a Disciplina de História da Educação em seu contexto de constituição e concretização para a formação de professoras. Mas, devido à falta de arquivos e documentos mais precisos sobre o desenvolvimento desta disciplina em Curitiba, tanto nos arquivos do próprio Instituto de Educação como nas demais instituições e centros de pesquisa, o trabalho tomou um novo rumo não menos significativo.

Assim sendo, por acreditar que a formação de professoras nas Escolas Normais e nos Institutos de Educação a partir da década de 30 do século XX no Brasil indica um conjunto de práticas, que estão atreladas a discursos sobre formas de conduzir a aprendizagem das moças, passei a privilegiar nesta pesquisa os livros de História da Educação, porque “livros, bibliotecas e leituras” formavam dispositivos que auxiliariam na formação, revelando o anseio por renovação educacional, aliado aos ideais de aprimoramento profissional das futuras professoras (VIDAL, 2000, p.12). E também porque, neste contexto, tornou-se maior a utilização de livros pelas escolas de formação. Logo, os livros fazem parte da cultura escolar, entendida como:

(...) práticas e condutas, modos de vida, hábitos e ritos, a história cotidiana do fazer escolar- objetos materiais – , função, uso, distribuição no espaço, materialidade física, simbologia, introdução, desaparecimento... – e modos de pensar, bem como significados e idéias compartilhadas. (FRAGO, 1994, p.5)

Resumindo, o eixo central dessa dissertação pretende desvelar a historicidade dos livros de História da Educação presentes na formação de professoras das Escolas Normais e Institutos de Educação. Meu intuito, através da análise das narrativas, é articular os conhecimentos presentes nos livros a uma rede de significados produzidos em relação à sociedade, à época e à educação. Com este processo historiográfico busco

compreender a memória educacional existente na cultura de formação docente, que forja a representação do bom professor.

Clarice NUNES (1995) colaborou com nossa perspectiva de trabalho, ao realizar um estudo sobre o livro de José Ricardo Pires de Almeida: *História da Instrução Pública no Brasil (1500-1889)*, mostrando a historicidade desta obra, através de estudo extensivo e intensivo, percebendo as peculiaridades desta, e, ao mesmo tempo, a “rede de significados da sociedade e da época de que estão impregnados” (1995, p.52). Este seu trabalho é uma leitura que revela, através das narrativas e do papel desempenhado pelo historiador que produz a obra, sentidos elaborados sobre a educação brasileira. NUNES mostra os escritos e as idéias do historiador, médico higienista e intelectual do final do século XIX Pires de Almeida, revelando o comprometimento de sua obra com o contexto no qual está inserido. Mas a questão mais importante do estudo de NUNES, que se aproxima com o que pretendemos, é a análise em torno das narrativas que tecem redes de significado, e que utilizam a história para denunciar, classificar, problematizar e enaltecer os fatos acontecidos no passado (1995, p.54).

Ao buscar compreender e interpretar livros, estamos “ao mesmo tempo criando outros sentidos para a obra estudada e junto com eles instituindo instrumentos de captação e elaboração de significados” (NUNES, 1995, p.57). Aliás, não só os livros permitem captar sentidos, mas a organização de bibliotecas escolares<sup>4</sup> tanto para alunos como para professores tornou-se peça chave para a transformação das práticas em sala de aula e para a compreensão dos sentidos dados à educação.

Nesta perspectiva, lembramos da significativa atuação de Fernando de Azevedo, que, ao assumir a direção da Instrução Pública do Distrito Federal, preocupou-se em organizar as bibliotecas escolares. Segundo VIDAL (2000), a partir de 1928, cada escola primária carioca ficava obrigada a manter duas bibliotecas: uma para alunos e outra para professores. Além de normatizar a constituição de bibliotecas escolares, Fernando de Azevedo propôs uma organização mais racional da Biblioteca

---

<sup>4</sup> Texto de Diana Gonçalves Vidal sobre as estratégias de formação docente, enfocando a organização de bibliotecas escolares no Rio de Janeiro de 1927 a 1935. Cf. CARVALHO; VIDAL. *Biblioteca de formação docente: percursos de leitura (1902-1935)*, 2000.

da Escola Normal. Ampliando a utilização de materiais impressos com o passar de alguns anos, a escola em certa medida foi remodelada e a função do professor passou a ser idealizada pela missão de civilizar pela instrução. Neste sentido, o livro foi um instrumento que ora contribuiu para a manutenção da tradição ora para a renovação educacional.

O lançamento do projeto editorial da Companhia Editora Nacional denominada Biblioteca Pedagógica Brasileira (BPB), em 1931, organizada por Fernando de Azevedo, um dos principais intelectuais ligados aos ideais de renovação pretendidos com o ideário da Escola Nova<sup>5</sup>, contribuiu para aprofundar os estudos sobre a constituição de bibliotecas escolares. Maria Rita de Almeida TOLEDO esclarece que a execução deste projeto colaborou para que a editora participasse “ativamente dos embates estabelecidos na década de trinta em torno da reforma da cultura pela reforma da escola” (2001, p. 63).

Na frente editorial o projeto formativo do magistério do grupo vinculado ao MEN [Movimento pela Escola Nova] teve em Fernando de Azevedo o seu principal protagonista. O empreendimento editorial intitulado Biblioteca Pedagógica Brasileira, da Companhia Editora Nacional, foi o grande marco desta estratégia (ROBALLO; VIEIRA, 2006, p. 04).

Com a missão pedagógica, cívica e de renovação cultural, a BPB passa a atingir um vasto público por constituir-se de cinco coleções, ou séries: *I- Literatura Infantil*, *II- Livros Didáticos*, *III- Atualidades Pedagógicas*, *IV- Iniciação Científica* e *V- Brasileira*.

Para Fernando de Azevedo, a BPB foi definida como:

(...) uma larga ofensiva de renovação cultural sobre quatro frentes: as crianças, pela série I, de Literatura Infantil: os estudantes de todas as escolas

---

<sup>5</sup> Em 1932 é lançado o *Manifesto dos Pioneiros da Nova Educação* redigido por Fernando de Azevedo e assinado por figuras como Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Venâncio Filho, Cecília Meirelles, Afrânio Peixoto (que escreve o livro *Noções de História da Educação*), entre outros. O *Manifesto* procurou formular uma política liberal nacional e atualizada de educação para o país com base na escola pública, única e leiga, marcando de forma incisiva a história da educação brasileira. Para NAGLE, em seu livro *Educação e Sociedade na Primeira República*, 2001, a ação dos chamados *pioneiros da educação* marca um diferencial em nossa história, no sentido que agiam não apenas como políticos, mas como especialistas portadores de conhecimentos técnicos e científicos, chamando a esse movimento “otimismo pedagógico”.



primárias, profissionais, secundárias e superiores, pela série II – de Livros Didáticos (livros de texto, manuais e livros fontes); os professores de todos os graus de ensino, pela série III – Atualidades Pedagógicas; e o público escolar, como a população extra e poscolar (sic), pela série IV – Iniciação Científica. O caráter eminentemente nacional desse movimento é dado não só pela orientação do plano editorial, como, também, especialmente, pela série V, Brasiliana, a mais vasta coleção e sistematização de estudos brasileiros. (AZEVEDO, em texto de apresentação da Série Atualidades Pedagógicas, contida na orelha do livro “Noções de História da Educação” de Afrânio Peixoto, 2 ed., 1936)

Este empreendimento foi considerado renovador por “selecionar títulos e autores entendidos como necessários para o novo leitor brasileiro, organizando-o e orientando-o pelos critérios dessa seleção e pelo estímulo à produção nacional” (TOLEDO, 2001, p.72).

No conjunto de obras que integra a BPB, aliado ao desejo de conhecer aquelas que geraram práticas formadoras para normalistas, privilegiei as que produziram sentido à formação de professoras. Assim, as obras que se aproximavam deste desejo pertenciam à Coleção Atualidades Pedagógicas (CAP), destinadas especificamente à formação de professores e que:

(...) compunha uma rede de temas interligados, que pretendia cobrir amplamente as questões que diziam respeito à escola e à educação. Os critérios fundamentais apresentados para a seleção das obras são: suas “bases científicas”; os “problemas gerais e particulares da educação”; e, a partir desses critérios, a seleção de autores – obras de brasileiros ou de qualquer outra língua (traduzidos para o português) especialmente escrita para o público visado. O editor visa, com a série, garantir uma cultura científica para o professor que, ao mesmo tempo, torne-o consciente dos problemas políticos – *problemas gerais* – que a ação educativa envolve, e tecnicamente capaz para realizar o ato de educar – *problemas específicos*. (TOLEDO, 2001, p.75)

A CAP tinha por objetivo, segundo Fernando de Azevedo, aperfeiçoar cultural e profissionalmente os professores, através da circulação de vários livros em diferentes espaços sociais e, principalmente, nas escolas de formação de professores. A coleção, propagadora dos ideários de renovação pedagógica (Escola Nova) e de modernidade, também representou um lugar destinado à propagação de saberes pedagógicos. O grande número de obras que faziam parte desta coleção compreendia questões sobre a escola e a educação, sendo em sua maioria de larga circulação durante décadas.

A proposta da *Atualidades Pedagógicas* é precedida por um largo debate do que seria necessário para a renovação ou remodelação da ação do professorado brasileiro. É a oportunidade de Azevedo constituir o programa de formação do professorado pensado desde os anos vinte e o espaço para dar voz aos autodidatas tolhidos pela burocracia, hierarquia e rotina das Instruções Públicas dos estados. (TOLEDO, 2001, p.74)

Neste processo, escolhi as obras que representaram um repertório de conhecimentos ligados à disciplina de História da Educação, visto estar ligada à identidade dos cursos de formação de professores, representando assim aspectos de uma *disciplina formadora*. Ou seja, em termos científicos amplos, procurei investigar concepções de História da Educação presentes em obras que se tornaram *manuals escolares* (devido à expansão de seu uso nas Escolas Normais e nos Institutos de Educação de acordo com programas e currículos de ensino), a fim de elucidar possíveis discursos que foram produzidos para a formação das professoras normalistas.

A relação entre *identidade docente* e a *História da Educação* deve-se ao fato de esta disciplina ter se desenvolvido nas Escolas Normais e nos cursos de formação de professores. Pesquisas mostram que esta disciplina nasceu no final do século XIX, primeiramente na Europa e nos Estados Unidos, estando intrinsecamente relacionada ao campo da Pedagogia e não relacionada à História especificamente (LOPES; GALVÃO, 2001).

A História da Educação é filha tardia da idéia de abordagens múltiplas em Educação; não é incluída, entre as ciências auxiliares com o mesmo escopo das matriciais, que sejam Psicologia, Sociologia e Biologia. Assim como a Filosofia não poderia ser denominada apropriadamente de ciência, A História também não o poderia. Assim, a Filosofia e a História da Educação foram incorporadas não exatamente como ciências, mas como disciplinas formadoras. (WARDE, 2000, p.91)

No Brasil, a história da História da Educação está relacionada à das Escolas Normais, sendo introduzida no currículo da Escola Normal do Rio de Janeiro a partir de 1928. A introdução desta disciplina nestas escolas passou a fazer parte de um contexto de reformas em diversos Estados da Federação.

A disciplina de História da Educação, segundo WARDE, desde sua implantação nos currículos das escolas de formação de professoras, passou pela “programatização”.

Primeiramente sofreu uma “pragmatização moral” porque desta disciplina utilitária havia de se tirar alguma lição, algum ensinamento doutrinário e útil. Em torno das décadas de 1950 e 1960, quando começam a surgir estudos históricos relativos à Educação, “a pragmatização já instaurada foi secularizada” (2000, p. 91).

É provável que obras referentes à temática de História da Educação tenham sido publicadas em maior número, a partir de 1930, devido à introdução desta disciplina nos currículos das Escolas Normais. Segundo Miriam Jorge WARDE (2000), de 1931 a 1960 na CAP, foram publicados 77 títulos, além de reedições, dos quais pelo menos oito podem ser classificados como obras de História da Educação.

Porém, mesmo com o desenvolvimento da disciplina e o aumento de publicações de obras referentes ao tema, segundo TOLEDO (2001), de 1931 a 1949, período proposto em meu trabalho, os textos dedicados à História, à Filosofia e à Sociologia da Educação, estão em menor número, dentro da coleção. Os autores são em sua maioria brasileiros, com exceção de Paul Monroe. Assim, a escolha se deu pelos manuais que inserem de forma explícita em seu título a temática História da Educação e que foram produzidos por educadores brasileiros. Nestes termos, as fontes privilegiadas em meu trabalho são as seguintes:

- *Noções de história da educação*, de Afrânio Peixoto.
- *Noções de história da educação*, de Theobaldo Miranda Santos.

Estes dois livros preocuparam-se em apresentar aos alunos a educação em seu processo, no que poderíamos chamar de desenvolvimento civilizatório. De certa forma, o próprio campo do saber da história da educação é apresentado na CAP como algo novo. No catálogo de apresentação da coleção há um texto de Afrânio Peixoto – “História da Educação” – que revela as intenções que impulsionaram a publicação desta nova obra, para um novo campo de saber que se estabelecia no país:

‘Não há, para sistematizar conhecimentos, como um curso normal que ordene o conhecimento e preencha as lacunas com aquisições novas. É o primeiro dos nossos, precursor do qual não se deve exigir muito, mas que tem, entretanto, um pouco de tudo, inclusive de história da educação’. Como se vê, é um livro precioso para os que se interessam pelo palpitante assunto. (Catálogo, 1939, p.35. Apud: TOLEDO, 2001, p.96)

Importa-nos que estes livros fizeram parte da maioria dos Programas de Ensino das Escolas Normais. Para exemplificar este argumento, segundo Diana Gonçalves

VIDAL (2001), dos nove programas de ensino acompanhados de bibliografias, que aparecem nos arquivos do Instituto de Educação do Distrito Federal em 1937, o livro de Afrânio Peixoto *Noções de História da Educação*, está na categoria dos mais utilizados. A obra *Noções*, publicada em 1933 pela BPB, foi considerada o primeiro manual didático brasileiro sobre história da educação, destinado à formação de professores, escrito por um dos primeiros professores chamados a ministrar a nova disciplina. Maria Rita de Almeida TOLEDO (2001) escreve em sua tese que, entre os títulos de grande tiragem (5000 exemplares), encontram-se: Afrânio Peixoto – *Noções de História da Educação*; Onofre Penteado Jr. – *Fundamentos do Método*; e o título de José de Almeida – *Noções de Psicologia aplicada à Educação* (2001, p.102).

Escolhi o recorte temporal de 1931 a 1949 porque estes manuais foram editados sob a direção de Fernando de Azevedo, que dirigiu o empreendimento de 1931 até 1946, sendo substituído por Damasco Penna em 1947. Mas, apesar de este novo diretor ter assumindo este empreendimento editorial, os últimos volumes que já haviam sido anunciados por Fernando de Azevedo antes de deixar a direção da CAP continuaram sendo publicados até 1949.

É importante lembrar que Azevedo não foi escolhido para ser diretor do empreendimento devido ao “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova” (1932), já que a BPB é lançada no ano que antecede ao Manifesto e ao conflito que se estabelece entre os “renovadores” e os “católicos”. O nome de Fernando de Azevedo à frente do projeto tornou-se significativo por ser um intelectual renomado, visto que proporcionaria à coleção popularidade, criando assim “a necessidade do consumo dos textos alocados, por ser autoridade reconhecida na matéria” (TOLEDO, 2001, p.58). A fora isso, este intelectual vinculou seu projeto político ao da BPB, que se tornou uma ofensiva contra uma literatura escolar tradicional. Logicamente, não se poderia esperar outra atitude de um dos principais representantes do movimento de renovação educacional (Escola Nova) que se estabeleceria no país.

Segundo TOLEDO, a coleção, mesmo estando sob a direção de Azevedo, passou por duas fases distintas:

(...) pode-se afirmar que o primeiro período da Coleção pode ser dividido em duas fases distintas: entre 1931 e 1939, em que há grande diversidade de

texto em relação aos campos do conhecimento oferecidos para conformar a cultura pedagógica do leitor; e uma segunda fase, entre 1940 e 1950, em que a política educacional é a abordagem dominante, conjugada à exclusão dos campos do conhecimento como a pedagogia, a didática e a administração escolar. (2001, p. 86)

Estas fases foram marcadas por sucessos e crises:

Os anos de gestão de Azevedo se caracterizam por uma primeira fase de grande impulso à série, com um número expressivo de lançamentos de novidades, seguido de uma fase de crise da produção geral, com poucas novidades e um pequeno impulso às reimpressões. Essa segunda fase já pode ser considerada uma transição na programação da série, marcada por suspensões de escolhas e pela interferências (sic) da hierarquia superior na programação, deixando de produzir o programa de publicações proposto por Azevedo. Os três anos que se seguem são de continuidade dessa transição, alternando a produção de novos títulos com as re-impressões, garantindo a manutenção da série, mas sem dar-lhe um novo impulso. (2001, p.101)

Ao privilegiar as obras de História da Educação que fizeram parte da CAP, não poderia deixar de enfatizar que este contexto está marcado pela construção de um ideário de modernidade, civilidade e que visa a formação da identidade nacional. Médicos, educadores, engenheiros, literatos, enfim, intelectuais que atuavam em diferentes frentes, discutiam apaixonadamente o tema da identidade cultural e nacional do país, configurando a institucionalização de um ideário moderno, que passa a ocupar diferentes lugares sociais. O Brasil, no horizonte destes discursos, passa a ser um Estado Nacional em processo de afirmação, com a vida cada vez mais focada na urbanidade. Tanto a década de 20 como a de 30 do século XX foram fundamentais para a reestruturação da escola e do campo pedagógico. Reformas da instrução pública, projetos de reformulação da formação de professores e projetos de renovação de ensino tomam corpo em intensos debates travados entre intelectuais e profissionais do ensino, que conduzem o projeto de modernização do Estado. São criados os ministérios e outros órgãos que absorvem “representantes do mundo intelectual da época” (HERSCHMANN; PEREIRA, 1994, p. 40).

As obras escolhidas permitiram até certo ponto adentrar neste universo de debates travados entre diferentes profissionais que escreveram sobre educação e modernidade. Assim, me propus a fazer a *releitura* destes livros, primeiramente respeitando seu desenho e delineamento, para depois interpretar e produzir

considerações a respeito. O trabalho de interrogar as narrativas contidas nestes manuais não foi um mero olhar sobre o que está escrito, mas a verificação da soma de *concepções formadoras de sentidos*. Neste momento, torna-se importante esclarecer que chamo *narrativa os conteúdos explicitados em relação ao seu contexto de produção*. Por isso, interrogo quem está escrevendo, para quem se está escrevendo e as práticas sociais que engendraram tais narrativas. Fiz isto porque entendo que uma explicação histórica não é absoluta, por ser este processo não arbitrário, no qual certos acontecimentos relacionam-se de maneira particular, dentro de contextos sociais e culturais que não são estáticos, como já dito, em outras palavras.

Neste sentido, procuro demonstrar que estes manuais fazem parte de uma memória educacional de formação da professora normalista, pois quando esta professora passa a ensinar, está forjando “conteúdos, abordagens, ferramentas, materiais, técnicas, enfim de tudo que faz parte de sua cultura profissional, dos seus modos de fazer” (NUNES, 2003, p.117).

Os discursos que circulavam nestes manuais de História da Educação passaram a ser utilizados como forma de dar respostas, em um menor tempo possível, para os problemas que surgiam na ação educativa. É sobre este aspecto que, na raiz desta investigação histórica, tornou-se importante rediscutir algumas matrizes do pensamento educacional contidas nestas obras, que de alguma forma sedimentaram saberes à formação de professores.

A obra de Afrânio Peixoto, publicada em 1933, com a segunda edição publicada em 1936 e a terceira e última edição em 1942, demonstra em sua narrativa um propósito de ensinamentos úteis, capazes de guiar apaixonadamente a formação de professores.

A historia da educação é a historia *analítica e íntima* da civilização humana. O que por alto, *superficial e sinteticamente*, em linhas gerais, no relevo e nas depressões de uma perspectiva distante, política e econômica, é a historia da civilização, – miudamente, em traços pequenos, profundos e exatos, com a proximidade averiguavel das causas e consequencias, uma explicando a outra, é a historia da educação. (PEIXOTO, 1942, p.9)

Esta obra está na categoria das mais utilizadas em cursos de formação de professoras, como observa Diana Gonçalves VIDAL (2001):

A leitura dos Programas de Ensino da Escola de Educação [Distrito Federal] apontava para alguns *best-sellers*. Dos nove programas acompanhados de bibliografia, publicados pela (sic) *Arquivos do Instituto de Educação*, sete indicavam como leitura obrigatória e recomendável, *Como pensamos*, de John Dewey, e *Introdução ao estudo da Escola Nova*, de Lourenço Filho (...). Indicados por três programas: *Escola Moderna*, de Maria Reis Campos; *Higiene*, de J. P. Fontenelle; *Psicologia Del niño*, de Robert Gaupp; *Noções de história da educação*, de Afrânio Peixoto, e *Le developpement mental et l'intelligence*; de W. Pyle, (...). (p. 193, grifos nossos)

(...) Muitos dos autores citados nos programas também vinham indicados nos resumos [de aulas] como Gaupp, Gonzales, Afrânio Peixoto e Maria Reis Campos. (p.194)<sup>6</sup>

Em Santa Catarina também encontramos a obra de Afrânio Peixoto em circulação, como mostra a “Circular n. 32. Florianópolis, 26 de setembro de 1935”<sup>7</sup>

Sr. Diretor: Recomendo-vos os seguintes livros para uso da biblioteca desse Grupo, que poderão ser adquiridos na Companhia Editora Nacional – São Paulo sob a direção de Fernando de Azevedo – Série III – *Atualidades Pedagógicas*.

1. Fernando de Azevedo: Novos caminhos e novos fins
2. John Dewey: Como pensamos: Como formar e educar o pensamento
3. Anísio Teixeira: Educação Progressiva: uma introdução à filosofia da educação
4. Ed. Claparède: A educação funcional: traduções e notas de Jaime Graiborn
5. Afrânio Peixoto: Noções de História da educação. (...) (DAROS; SILVA; DANIEL, 2005, p. 31)

O manual *Noções de História da Educação* de Theobaldo Miranda Santos foi publicado primeiramente em 1945 e a segunda edição no ano de 1948, sendo que ambas fizeram parte da CAP. Mas a partir da terceira edição (1951) seu manual de História da Educação passa a fazer parte da coleção intitulada Curso de Psicologia e Pedagogia<sup>8</sup>, que agrupava as obras deste professor:

<sup>6</sup> Segundo Diana Gonçalves VIDAL, em sua obra: *O exercício disciplinado do olhar: Livros, Leituras e Práticas de Formação Docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937)*, 2001, a obra de Afrânio Peixoto aparece como indicação no resumo das aulas de “Leitura e linguagem”, bem como em programas de ensino (ex. Filosofia da Educação), como também nas “Leituras recomendáveis para alargamento da cultura geral”, da Escola de Professores do Instituto de Educação.

<sup>7</sup> *Fontes históricas: contribuições para o estudo da formação de professores catarinenses (1883-1946)*, é o título do livro organizado pelas professoras Maria das Dores Daros, Leziany Silveira Daniel e Ana Claudia da Silva, publicado pelo Núcleo de Publicações do CED/UFSC – NUP/CED, 2005.

<sup>8</sup> Conforme pesquisa no acervo da Companhia Editora Nacional (IBEP) – São Paulo, verifiquei que até a década de 1960 os volumes não publicados foram os seguintes: V.05, V. 07, V. 18, V. 19, V. 20, V. 21.

<b>VOLUME</b>	<b>OBRA</b>
<b>01</b>	Noções de Filosofia da Educação
<b>02</b>	Noções de História da Educação
<b>03</b>	Noções de Psicologia Educacional
<b>04</b>	Noções de Sociologia Educacional
<b>05</b>	Noções de Biologia Educacional
<b>06</b>	Noções de Didática Geral
<b>07</b>	Noções de Didática Especial
<b>08</b>	Noções de Administração Escolar
<b>09</b>	Noções de Prática de Ensino
<b>10</b>	Metodologia do Ensino Primário
<b>11</b>	Manual do Professor Primário
<b>12</b>	Manual do Professor Secundário
<b>13</b>	Orientação Psicológica da Criança
<b>14</b>	Métodos e Técnicas do Estudo e da Cultura
<b>15</b>	Noções de Psicologia Experimental
<b>16</b>	Noções de Psicologia da Criança
<b>17</b>	Noções de Psicologia do Adolescente
<b>18</b>	Noções de Psicologia Diferencial
<b>19</b>	Noções de Psicologia da Aprendizagem
<b>20</b>	Noções de Psicologia dos Anormais
<b>21</b>	Noções de Psicologia Aplicada

As edições do manual de Theobaldo Miranda Santos pertencentes ao Curso de Psicologia e Pedagogia são as seguintes: 3ª edição, de 1951; 4ª edição, de 1952; 5ª edição, de 1954; 6ª edição, de 1955; 7ª edição, de 1957; 8ª edição, de 1958 e 9ª edição, de 1960. Devo ressaltar ainda que a obra deste professor não foi programada por



Fernando de Azevedo, mas sim por Octalles Marcondes Ferreira<sup>9</sup>, uma imposição vinda do “dono” da editora. Em contrapartida, Afrânio Peixoto foi convidado por Fernando de Azevedo a escrever o seu manual de história da educação.

No mapa de edições<sup>10</sup> do acervo do IBEP pude verificar que o manual de Theobaldo Miranda Santos sempre obteve tiragens significativas, como mostro a seguir:

ANO	EDIÇÃO	NÚMERO DE EXEMPLARES
1945	1ª	4110
1948	2ª	5.016
1951	3ª	7.045(MAIO) *4.984(JULHO) *reedição
1952	4ª	6.019
1954	5ª	5.015
1955	6ª	6.000
1957	7ª	7.000
1958	8ª	5.000
1960	9ª	6.900

Na mesma direção, Clarice NUNES (1996) destaca entre os autores de manuais o professor Theobaldo Miranda Santos, por alcançar “de 1945 a 1964, dez edições consecutivas sem qualquer alteração significativa, (tendo ultrapassado) a tiragem de 15 milhões de exemplares apenas no que diz respeito a suas publicações lançadas pela Editora Agir” (p. 68).

<sup>9</sup> Octalles Marcondes Ferreira foi o dono de duas editoras: a Companhia Editora Nacional e a Civilização Brasileira. O mercado editorial fica então dividido em duas frentes: Nacional para os “renovadores” ligados a Azevedo e Civilização Brasileira para os “católicos”, englobando neste período diferentes leitores, com diferentes frentes de publicações (TOLEDO, 2001, p.66).

<sup>10</sup> Os mapas de edições consultados na Companhia Editora Nacional (IBEP) – São Paulo, foram os seguintes: 1934-1936 (mapas anteriores a este período não foram localizados no acervo); 1939-1945; 1946-1950; 1951-1955; 1956-1965.

Neste contexto de circulação e produção de manuais e a partir das narrativas<sup>11</sup> presentes nas obras, pensamos suas relações intra e extra-textuais: por um lado as entendemos como expressão de idéias sobre o conhecimento histórico que tem uma finalidade formativa associada à Escola Normal e, por outro, como evidência de um contexto intelectual no qual as obras estão em sintonia.

Em linhas gerais, esta pesquisa trata de dois polígrafos – *Afrânio Peixoto e Theobaldo Miranda Santos* – que contribuíram enormemente para uma noção de ensino da História da Educação para alunas normalistas brasileiras. Por isso, mostro o produto de uma escrita como “norte”, como molde, como estatuto para centenas de milhares de mulheres – *professoras* – as quais foram (e continuam sendo) o primeiro contato de milhões de brasileiros com o ensino formal. Procuro, também, discorrer análise do diálogo entre a escrita de uma História da Educação no Brasil e a escrita de uma História da Educação na Europa e nos Estados Unidos, principalmente.

Esta pesquisa, igualmente, não trata da questão de gênero, como poderia supor a situação das normalistas, tampouco utiliza as ferramentas da chamada escola da recepção em relação aos “usos” dos manuais. Não pretendi fazer uma investigação sobre a concepção e o “papel” histórico de alunas normalistas, mas me detive a investigar os manuais de História da Educação de Peixoto e Miranda Santos como fontes e objetos importantes para a história da profissionalização docente no âmbito das escolas normais. Procurei, por meio da análise dos manuais, *desenhar* a constituição de um saber específico, selecionado, a partir do que havia de “essencial” para o conhecimento das alunas, e também mostro as representações acerca dos modos pelos quais a educação é tratada e idealizada.

No primeiro capítulo, “Médico e Dentista produzindo manuais de História da Educação”, apresento uma breve biografia de Afrânio Peixoto e outra de Theobaldo Miranda Santos. Também faço apontamentos sobre a produção destes manuais: situo os meios pelos quais as obras foram veiculadas, os critérios teóricos e metodológicos utilizados (periodização, fontes, estruturação e interlocutores). Em seguida, mostro o

---

<sup>11</sup> O termo “narrativa” neste trabalho surge com sentido comum (contar, expor) e não com o sentido com que é tomado pela Teoria Literária, por exemplo. “Narrativa”, aqui, diz respeito ao modo como os dois autores construíram seus respectivos textos, com descrições, com referências a “grandes” nomes da História, da Literatura, da Política.

*desenho* que os autores fazem sobre o significado da História da Educação. As duas obras possuem em seus prefácios e no interior de seus capítulos, narrativas que explicam a “importância” da história da educação.

Mostro também neste capítulo as características do autor Paul Monroe e da sua obra *A Brief Course in the History of Education*, publicada em 1907 e traduzida pela BPB em 1939 sob o título: *História da Educação*. Esta escolha foi possível porque, no conjunto de obras e autores que colaboram para o *desenho* da História da Educação nos manuais de Peixoto e Miranda Santos, este autor (Paul Monroe) foi sempre citado, além de sua obra também pertencer à CAP. Outra questão é que o livro de Paul Monroe foi considerado um dos mais utilizados na Escola de Professores. VIDAL (2001) citando Silveira, em nota de rodapé, justifica este apontamento (n. 62, p. 194):

Elisabete Silveira aponta como livros e autores mais utilizados na Escola de Professores, segundo alunas entrevistadas: Lourenço Filho, *Introdução ao estudo da escola nova*; Anísio Teixeira, *Educação Progressiva*; Agayo, *Didática na escola nova*; Dewey, *Vida e educação, Educação e democracia e Como pensamos*; Monroe, *História da Educação*, Fernando de Azevedo, *A educação e seus problemas*; Claparède, *Educação funcional*; Afrânio Peixoto, *História da Educação*; (...). Quase todos destacados com mais de uma citação nos programas ou com, pelo menos, uma indicação. (SILVEIRA, E. C. C. O surgimento da disciplina Educação comparada no Instituto em 1932: a sutileza de seu projeto, p. 164, grifos nossos)

No segundo capítulo, “Escritas da História nos manuais de História da Educação”, as narrativas construídas foram problematizadas a partir da análise dos sentidos da pragmática, da exemplaridade e da escatologia presentes nos textos de Afrânio Peixoto e Theobaldo Miranda Santos. Busquei também mostrar o texto nos seus performances, ou seja, nos explícitos e implícitos momentos de engajamento no projeto de reforma ético-política da sociedade brasileira.

No terceiro capítulo, “Educação brasileira nos manuais de História da Educação”, busco retratar a educação brasileira e a escola, no discurso dos autores brasileiros – o “pioneiro” (Afrânio Peixoto) e o “leigo católico” (Theobaldo Miranda Santos), na perspectiva do contexto de 1930. Neste capítulo, procuro enfatizar as narrativas elaboradas pelos autores das obras, que analisam/criticam/enaltecem o passado, interpretando-o, como percurso necessário e inexorável “rumo à modernidade”. Estas interpretações, em certos momentos apenas *citam* outras obras,

mas em outros momentos são movidas por pontos de vista refletidos pelos próprios autores e que merecem atenção especial neste trabalho, pois interrogam o passado e crêem numa civilização brasileira moderna e educada, propondo o que se deve fazer para não cometer os mesmos erros anteriores.

No quarto capítulo, intitulado Produção de um *inventário pedagógico* nos manuais de história da educação, evoco a construção de um inventário pedagógico a partir das observações que fiz sobre estes manuais didaticamente elaborados para atender os cursos de formação de professores. Assim, apresento estes manuais como objetos culturais organizados e estruturados por meio de orientações pedagógicas que buscavam assegurar a aprendizagem e o ensinamento de conteúdos aos indivíduos que se deseja formar. Logo, por *inventário pedagógico* entendo o legado deixado por Afrânio Peixoto e Theobaldo Miranda Santos sobre a educação, a sua prática e a sua teoria.

## 1 MÉDICO E DENTISTA PRODUZINDO MANUAIS DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Os manuais pedagógicos representaram uma forma de disseminar uma cultura própria de formação de professoras, construindo e tentando “impor formas de apreender e intervir” nas diferentes instituições de formação (SILVA, 2003). Vivian Batista da SILVA<sup>12</sup>, ao escrever sobre livros utilizados em disciplinas pertencentes a currículos de escolas de formação de professoras, alerta-nos sobre a constituição desta cultura própria.

Assim como SILVA, denomino as obras de Afrânio Peixoto e Theobaldo Miranda Santos *manuals pedagógicos* (retratarei com maior ênfase esta questão no capítulo 4), por terem sido escritos a fim de desenvolver as temáticas previstas para o ensino de disciplinas profissionalizantes dos currículos das escolas de formação docente. Trata-se de obras cujo texto prevê um conjunto de conteúdos que impõem formas do que se deveria aprender, além de estarem adequados aos programas oficiais, neste sentido:

(...) esse gênero assume uma posição muito peculiar na literatura educacional (da qual se destacam a imprensa periódica e outras obras feitas para orientar o exercício do magistério, a exemplo de guias sobre temas de ordem moral, administrativa ou metodológica), pois, ao reunir e sistematizar conteúdos tipicamente escolares, propõe-se a tratar de maneira sucinta e acessível o que há de “essencial” em termos de educação, favorecendo assim um primeiro contato do leitor com essas questões. (SILVA, 2003, p.30)

Constata-se que circularam diferentes conhecimentos no interior dos manuais em questão. Nesta movimentação acentuada de leitura para professoras, os autores destes manuais selecionaram e moldaram conhecimentos que acreditavam ser significativos para a aprendizagem das alunas. Pela forma própria de apropriação de diferentes fontes, os autores escreveram imaginando conduzir as futuras professoras para a arte de ensinar. Particularmente, quanto à História da Educação, as obras revelaram uma reinvenção de conhecimentos pela reescrita dos principais assuntos que os autores elencaram como sendo importantes para a formação.

---

<sup>12</sup> O texto de Vivian Batista da Silva: *Uma história das leituras para professores – análise da produção e circulação de saberes especializados nos manuais pedagógicos (1930-1971)*, foi apresentado na 25ª Reunião Anual da Anped, GT 2 de História da Educação em 2002, sendo publicado em 2003 na Revista Brasileira de História da Educação, n. 06.

O contexto de produção destes manuais, os conhecimentos elencados e os autores das obras tornaram-se peças-chave na constituição de um pensar sobre História, Educação e Formação Docente.

Neste capítulo, redimensiono as trajetórias de formação e profissional de Afrânio Peixoto e Theobaldo Miranda Santos, a fim de contextualizar vida e obra dos sujeitos com o processo de escrita de seus manuais. Assim, rememorar as trajetórias de Afrânio Peixoto e Theobaldo Miranda Santos auxilia na compreensão sobre o percurso dos pensamentos que fundamentaram muitas das narrativas contidas nas obras.

### **1.1 Afrânio Peixoto: *Noções de História da Educação***

Afrânio Peixoto<sup>13</sup> nasceu em Lençóis, na Bahia, em 17 de dezembro de 1876, vindo a falecer na cidade do Rio de Janeiro, em 12 de janeiro de 1947. Formou-se na Faculdade de Medicina, em 1897, em Salvador. Em 1901 foi nomeado professor substituto de Medicina Pública, na Faculdade de Direito da Bahia. No mesmo ano mudou-se para o Rio de Janeiro e em 1902 tornou-se Inspetor Sanitário de Saúde Pública do Distrito Federal. Em 1904 assumiu a direção interina do Hospício Nacional de Alienados. Retornando ao Brasil, após uma longa viagem por muitos países da Europa, foi classificado em primeiro lugar, mediante concurso, como professor das cadeiras de Higiene e Medicina Legal da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Foi empossado também na cátedra de Medicina Pública da Faculdade de Ciências Jurídicas do Rio de Janeiro.

A carreira de sucesso na área médica não contentou este intelectual que, tal como muitos dos expoentes da elite letrada da época, notabilizou-se por uma intervenção social ampla e multifacetada. Na década de 1910, percebo claramente a manifestação desta tendência de intensa e diversificada ação social, de tal maneira que a especialidade do médico, a erudição do literato, o magistério do educador e a vocação política do intelectual encontraram-se na trajetória e na produção científico-

---

<sup>13</sup> Parte deste texto sobre a vida e obra de Afrânio Peixoto está em nosso artigo: Afrânio Peixoto e as noções de história da educação: a questão da formação de professores na década de trinta no Brasil. In: CONGRESSO LUSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, V.I, 2006. *Percursos e Desafios da Pesquisa e do Ensino de História da Educação*. Uberlândia, Minas Gerais, Brasil, 2006.

literária de Peixoto. Neste período, ele foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras, ocupando o lugar de Euclides da Cunha, tendo chegado em 1923 à presidência da academia<sup>14</sup> No plano político foi Deputado Federal pela Bahia em 1924 e reeleito na legislatura seguinte. Durante sua atuação no parlamento, chamou a atenção para temáticas como malária, acidentes de trabalho, analfabetismo e insânia mental. No plano da educação, Peixoto foi Diretor da Escola Normal do Rio de Janeiro e Diretor Geral da Instrução Pública do Distrito Federal, nos anos 1915 e 1916 respectivamente. Lecionou História da Educação nos cursos de formação de normalistas. Em 1932, foi signatário do célebre Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, junto com Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira e outros tão célebres. Nos anos seguintes se tornaria o primeiro reitor da Universidade do Distrito Federal (UDF).

Peixoto foi um viajante contumaz, conhecendo a Europa e as suas instituições acadêmicas, científicas e educacionais. Foi também ao Oriente buscar inspiração para sua literatura e, na América do Norte, encontrou o modelo de organização política e cultural com a qual se identificou: a democracia liberal.

Magistério, medicina legal e higiene, política, literatura, poesia e administração pública foram as principais áreas de intervenção deste intelectual. A formação de Peixoto, como evidenciam estes dados da sua biografia, sintetizou o encontro entre os seguintes projetos formativos: a especialidade médica, apoiada na ciência positiva; e as humanidades, a partir das Letras, da História e da Filosofia. Com seu discurso socialmente autorizado, Peixoto afirmava que todos os males do Brasil resumiam-se em um único fator determinante: “privação, deficiência, ou perversão da educação física, intelectual, cívica ou política” (PEIXOTO, 1950, p.170)<sup>15</sup>. A condição vital dos homens e a condição vital da democracia, segundo ele, apenas se realizariam caso fosse assegurado o direito e o dever da instrução popular. Nesses termos, Peixoto reiterava o refrão da intelectualidade do período que elegeu a educação como projeto

---

<sup>14</sup> Na academia pertenceu à comissão de Redação da Revista (1911-1920); à comissão de Bibliografia (1918) e à Comissão de Lexicografia (1920 e 1922). Em 1923, por sua iniciativa, a Academia iniciou uma série de suas publicações, sob o título de *Biblioteca de Cultura Nacional*, numa coleção que, em 1931, passa a ter o nome de *Coleção Afrânio Peixoto*, em homenagem a seus feitos.

<sup>15</sup> As citações de Peixoto utilizadas, com a data de 1950, foram extraídas do livro *Afrânio Peixoto*, organizado pelo ex-aluno e admirador L. Ribeiro. Trata-se de uma antologia de textos e de pensamentos de Peixoto sobre diferentes temas.

social prioritário. Negligenciar tal projeto, segundo as representações da época, significaria não alcançar a desejada modernidade.

Afrânio Peixoto foi um dos homens mais representativos da cultura brasileira do período. Durante décadas, apaixonou-se sucessivamente por temas variados, por países como a França, Portugal e Estados Unidos, como também por personalidades da vida cultural, tais como Castro Alves e Camões. O *ethos* nacionalista, presente de maneira intensa na atmosfera intelectual do período, revelava-se intimamente articulado ao projeto de formação do povo, a partir das idéias de formação e de difusão da consciência nacional. Aos intelectuais – apoiados nos seus poderes de compreensão, de síntese e de expressão – caberia a elaboração desta consciência e à escola caberia a missão de disseminá-la. Segundo Peixoto:

A mesma raça se desune em povos diversos, a mesma religião não reúne povos diferentes: Gregos, Romanos, Germanos, Iberos foram assim. Serão assim os Brasileiros. Uma nação, define Renan, é uma grande solidariedade, constituída pelo conhecimento dos sacrifícios feitos, dos sacrifícios ainda por fazer; resume-se, no presente, em fato concreto: o desejo, o consentimento inequívoco de continuar a vida comum (...). O que nos cumpre é preparar hoje, o Brasil de amanhã. Educar o brasileiro de agora para lhe dar uma consciência de si e, portanto dar a todos uma consciência nacional (PEIXOTO, 1950, p.78).

Para Peixoto, o processo educativo leva à democracia, pois “para exercer o seu direito, o homem precisa conhecer-se e aos seus deveres” (PEIXOTO, 1950, p.78). Os povos ignorantes abdicam de si e passam a servir os outros. Um Brasil próspero, segundo Peixoto, deveria ser instruído e educado, honrando assim a cultura greco-latina, as tradições lusitanas e a sua própria história. Conclui Peixoto: “Só há um caminho para a conquista da natureza, dos homens, de si mesmo: saber. Não há outro meio de o conseguir: querer” (PEIXOTO, 1950, p.78). Percebo nestas passagens a evidente preocupação cívico-patriótica, a crença no poder da educação, bem como a intenção de mobilizar o povo e a nação para alcançar os fins propalados.

Observo ainda que seus traços o uniam à elite letrada do seu tempo: discurso nacionalista, crença na educação, desejo de modernidade e convicção sobre o papel dos intelectuais na formação do povo e na construção da nação. Verificamos, também, o papel conferido ao ensino da História neste processo de formação. O estudo da



história universal e pátria estava associado à idéia de nos reconhecermos como nação, com identidade própria, bem como percebermos como esta identidade era parte de um processo que nos unia aos gregos, aos latinos e, mais recentemente, aos portugueses. Cultuar as heranças gregas, latinas e lusitanas e, sobretudo, as tradições nacionais permitiriam ao povo brasileiro se reconhecer como herdeiro e como protagonista do desenvolvimento da civilização ocidental.



Fig.. 1 - Afrânio Peixoto  
Fonte: RIBEIRO, 1950, p.XXI

## **1.2 Theobaldo Miranda Santos: *Noções de História da Educação***

Theobaldo Miranda Santos nasceu a 22 de junho de 1904 na cidade de Campos, no Estado do Rio de Janeiro e faleceu em 1971. Pertencia a uma família tradicional. Em sua cidade natal diplomou-se no Liceu de Humanidades e na Escola Normal Oficial. Anos depois, diplomou-se em Odontologia e Farmácia no Colégio Grambery, de Juiz de Fora – colégio fundado em 1889, de iniciativa metodista, que utilizava

pedagogia e métodos americanos de ensino.

Iniciou sua carreira como professor<sup>16</sup> na Escola Normal de Manhuaçu, em Minas Gerais. Alguns anos depois, retornou à cidade de Campos onde se tornou diretor do Liceu de Humanidades, no qual havia estudado. Nesta instituição foi professor das disciplinas de Física, Química e História Natural. No colégio Nossa Senhora Auxiliadora foi professor de História da Civilização. Anos mais tarde na escola Superior de Agricultura e Veterinária tornou-se catedrático de História Natural e, na Faculdade de Farmácia e Odontologia de Campos, foi catedrático de Ortodontia e de Odontopediatria.

Em 1938 transferiu-se para a cidade de Niterói, então capital do Estado do Rio de Janeiro, a convite do Secretário da Educação para assumir a disciplina de História Natural no Instituto de Educação. Foi professor posteriormente da cátedra de Prática de Ensino na Universidade do Distrito Federal, no Colégio Notre-Dame de Sion e no Instituto Católico de Estudos Superiores.

Em 1942, foi nomeado Diretor Geral do Departamento de Educação Primária e assumiu a disciplina de Filosofia e História da Educação da Pontifícia Universidade Católica e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santa Úrsula.

Em 1944, após ser classificado em primeiro lugar, assumiu a cátedra de Filosofia da Educação do Instituto de Educação do Rio de Janeiro. Em seguida, em caráter interino, assumiu por duas vezes a função de Secretário Geral de Educação e Cultura da Prefeitura do Rio de Janeiro e também foi diretor do Departamento de Difusão Cultural.

Theobaldo Miranda Santos lia e falava fluentemente inglês, francês, espanhol e alemão. Sua carreira foi notável, ocupando inúmeros cargos na esfera pública e educacional: foi Diretor do Ginásio e da Escola Normal Oficial da cidade de Campos, Diretor do Departamento Técnico-Profissional da Prefeitura do Distrito Federal, Diretor do Departamento da Educação Primária do Distrito Federal, foi Membro da Comissão Técnica do Estado do Rio de Janeiro e Membro oficial do Estado na Convenção Educacional Fluminense. No Instituto de Educação da Universidade

---

<sup>16</sup> Alguns dados biográficos de Theobaldo Miranda Santos estão na dissertação de Maria Helena de Jesus Silva Moraes, intitulada *Da pedagogia que 'pegou de galho' à uma pedagogia cristã nova e brasileira: Theobaldo Miranda Santos (1904-1971) e seus manuais didáticos*.

Católica, foi professor de Filosofia da Educação e, na Escola de Serviço Social, foi professor de Pedagogia e Psicotécnica.

Começou sua produção como escritor nos idos de 1930, escrevendo inúmeros artigos para jornais como o *Monitor Campista* e revistas como *A Ordem* – revista oficial do grupo católico. Em 1932 publica o artigo *Escola Nova e a realidade brasileira* demonstrando suas preocupações com a implantação do ensino técnico e profissional no país.

Seu primeiro livro foi *A criança, o sonho e os contos de fada* (sem data), em seguida publicou a *Coleção Criança Brasileira e o Brasil – Minha Pátria* na qual ensina virtudes morais e cívicas, além do culto aos heróis nacionais. Segundo dados<sup>17</sup>, a Companhia Editora Nacional divulgou que Theobaldo Miranda Santos foi o autor que mais publicou obras em toda a América Latina, nesta ocasião. Foram cerca de 150 obras sobre literatura infantil, psicologia, pedagogia, sociologia, filosofia, ensino primário, ensino secundário, curso normal e superior.

Dentre suas obras destacam-se: *A arte de estudar e fazer exames: como estudar* (1949, 1ª ed.), *A escola Primária: organização e administração*, *Cartilha Riquezas do Brasil: aprendizagem rápida da leitura por meio de canções-de-roda*, *Brasil, minha pátria*, *Manual de filosofia: introdução a filosofia geral* (1946, 1ª ed.), *Filosofia da Educação*, *Lendas e Mitos do Brasil* (ainda publicado pela Companhia Editora Nacional), *Geografia: curso comercial básico*, *Práticas de ensino: o ensino e a aprendizagem*, *as técnicas de ensino*, *os planos de ensino*, *a verificação do ensino*, *Introdução à pedagogia moderna*, *Noções de metodologia do ensino primário (de acordo com os programas dos Institutos de Educação e das Escolas Normais)*, *Métodos e técnicas do estudo e da cultura: ler, escrever, conversar, estudar, adquirir cultura*, *Noções de pedagogia científica – para uso das escolas normais, institutos de educação e faculdades de filosofia*, *Manual do professor primário – o professor, a escola, o aluno, os métodos, as medidas, as instalações*, *Noções de didática geral – para uso das Escolas Normais, Institutos de Educação e Faculdades de Filosofia*.

MORAIS escreve que as obras de Theobaldo Miranda Santos não eram

---

<sup>17</sup> Esses dados podem ser encontrados em: MORAIS, M. H. J. S. *Da pedagogia que “pegou de galho” à uma pedagogia cristã nova e brasileira*: Theobaldo Miranda Santos (1904-1971) e seus manuais didáticos, 2004.

originais, mas:

(...) resultado de fichamentos, resumos e preparações de aula, e que foram posteriormente editados. Compêndios de análises rápidas, sumários como o próprio autor os definia nas “Advertências” o que nos leva a inferir que escrever manuais não parece ter sido uma atividade secundária no conjunto de seus afazeres, mas fruto do que ele próprio julgava ser do “fazer docente”: divulgar esse fazer, os pressupostos que o guiaram e, portanto, um complemento daquilo que fazia em sala de aula, pois, assim, os seus manuais alcançariam a muitos mais futuros docentes (2004, p.43).

Embora suas obras não representassem produções originais, elas são fruto de uma experiência vivida e necessária para o contexto ao qual estava inserido. Nesta perspectiva, observei que os manuais de Theobaldo Miranda Santos, em grande parte, foram direcionados à formação das professoras normalistas, evidenciando-se temas como: administração escolar, filosofia da educação, sociologia da educação, história da educação, didática, metodologia e prática de ensino.

A carreira de Theobaldo Miranda Santos foi marcada pela sua conversão ao catolicismo que, de certa forma, impôs-se sobre sua trajetória intelectual. Na revista A Ordem (julho de 1935) ele publica uma saudação feita a Alceu Amoroso Lima durante o Congresso Eucarístico de Campos:

(...) a razão do íntimo júbilo que me empolga ao dirigir-vos esta modesta saudação é a seguinte: sou católico convertido por vós.

(...) A minha história é a história dessa geração cuja adolescência foi envenenada pelo espírito dissolvente e as suas inquietações. O meu espírito ainda não amadurecido recebeu a influência aniquiladora dessa atmosfera dramática de desencanto e perplexidade (...).

Sem um roteiro certo, sem uma orientação segura, influenciado pela minha educação secundária e universitária de caráter agnóstico e naturalista [Colégio Grambery de cunho pragmatista norte-americano], durante longos anos erreí perdido pelos caminhos intrincados do racionalismo científico, do ecletismo filosófico e do sibaritismo estético (SANTOS, 1935, p.81. Apud: MORAIS, 2004, p.84-5).

Alceu Amoroso Lima, o Tristão de Ataíde, segundo Antonio Carlos VILLAÇA (2006), foi um erudito que ambicionava renovar a “nossa esfera cultural, impregnada de naturalismo, relativismo, de cientificismo” através de seu olhar voltado para o sentido religioso da vida, o que resultou na escrita de ensaios católicos que podem ser lidos ainda hoje, pois abrangem temáticas sobre “economia, sociologia, direito,

filosofia política” (p.182-3).

Quatro décadas de circulação das obras de Theobaldo Miranda Santos representam um vasto período de circulação de saberes que revelam um repertório de conteúdos e conceitos para a formação de professores. Este dentista, escritor, professor e administrador, foi um divulgador de saberes pedagógicos como também de práticas educativas católicas (a exemplo de Alceu Amoroso Lima) a fim de subsidiar os professores nas escolas.

Seu manual de História da Educação é um exemplo da reunião, da compilação de diversos autores que, sendo reconstituídos ou absorvidos no interior de seu próprio discurso, revelam teses de uma pedagogia cristã, mas que também mostram a busca intensa pelos conhecimentos ditos “modernos”. Neste sentido, acreditava que a educação era o meio para integrar e reformar a sociedade, através da adaptação dos conhecimentos científicos aos fins filosóficos:

O princípio que defendemos é o da economia cristã em que o trabalho serve ao homem e não o homem ao trabalho. Repudiamos, a tese dos que pregam o domínio da técnica sobre o homem, da máquina sobre a personalidade, dos valores econômicos sobre os valores espirituais. Foi essa filosofia negadora dos direitos da pessoa humana que levou o mundo ao drama de sangue e de dor que estamos vivendo neste momento. Queremos que as nossas crianças trabalhem para que sejam mais fortes, mais dignas e mais felizes e para que possam modelar, com as suas próprias mãos, o monumento grandioso da civilização brasileira do porvir. (SANTOS, 1951, p.512)<sup>18</sup>

### 1.3 Os autores *desenhando* o significado da História da Educação

Gostaria de rememorar através de Erasmo Pilotto, primeiro professor da disciplina de História da Educação no Instituto de Educação do Paraná, em Curitiba, no ano de 1934, o que ele escreve a respeito desta disciplina:

(...) no próprio trabalho de classe, no ensino das diversas matérias de ensino, cabe, sempre, aqui e ali, uma referência a cousas de interesse geral. A cadeira de história da educação deve merecer um especialíssimo cuidado. A educação reflete, sempre, com fidelidade absoluta, todo o ambiente espiritual de uma civilização, de uma cultura. (PILOTTO, 1954, p.123, grifos nossos)

---

<sup>18</sup> Busquei manter nas citações a grafia original dos manuais de Afrânio Peixoto e Theobaldo Miranda Santos.

Esta concepção assumida por Erasmo Pilotto sobre a disciplina de História da Educação em seu livro *Prática da Escola Serena* (1954) revela, após aproximadamente vinte anos de maior circulação das obras editadas sobre o tema, uma trajetória de concepções que passam a produzir e reproduzir sentidos nas mais variadas instituições de formação de professores. Esta aproximação apresentada por Erasmo Pilotto entre *história, educação e civilização*, está presente nos dois manuais da CAP analisados nesta dissertação.

Mas como se processa estas relações nos respectivos manuais?

Afrânio Peixoto, educador que cultuava as heranças e tradições nacionais, no prefácio da segunda edição de seu livro *Noções de História da Educação* (1936), indica esta aproximação:

Acusaram-me de andar, *pari-passu*, com a história da civilização, como se não fosse implícito que a educação é essa mesma civilização, na sua estrutura, como a forma total e sensível depende do arcabouço básico e íntimo: a história dos homens feitos depende da história da formação dos homens... Uma má educação, tirânica e arrogante, faz uma civilização guerreira e desumana (sic), como boa educação, digna desse nome, trará justiça e conformidade entre os homens. A história da civilização é a história dos resultados da educação... A história da educação é a chave ou decifração da outra. Está certo. E está até nas primeiras linhas do livro, que os exigentes não leram... (PEIXOTO, 1942, p.08)<sup>19</sup>

Estima Peixoto que uma vida feliz para os homens e para a humanidade é consequência de uma educação perfeita. A educação para este autor “aproxima o futuro pela socialização”, como é mostrado a seguir, numa figura esquemática sobre a relação entre *passado – presente – futuro*. A figura explica que o passado era dominado pelos fatores geográficos: hábitat (que fez as raças e os indivíduos); o presente traz as influências biológicas (crescem as influências sociais e reduz-se o fator geográfico) e o futuro reduzirá os fatores individuais, ambientes e físicos em proveito dos sociais:

---

<sup>19</sup> Afrânio PEIXOTO, em seu livro *Noções de História da Educação* de 1942, publicou o mesmo prefácio da 1ª edição (1933), sendo que na página seguinte está o prefácio da 2ª edição (1936). O autor não escreve um prefácio específico para a 3ª edição.

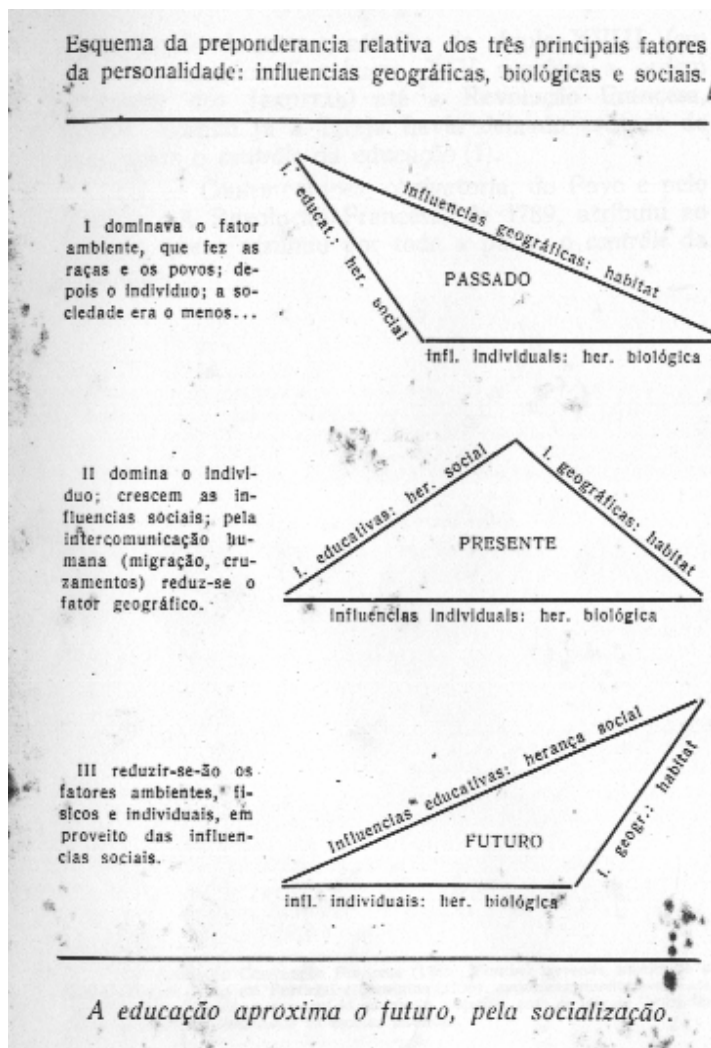


Fig.. 2 - figura esquemática sobre a relação entre *passado* – *presente* – *futuro*  
 Fonte: PEIXOTO, 1942, p.16

Segundo ele, este futuro, este ideal, está sendo preparado, do passado ao presente, pela história da educação (1942, p.15). Ou seja, a história da educação anuncia o processo de evolução da civilização e declara a idéia de que um homem para ser partícipe da sociedade precisa ser educado, instruído, e, infelizmente, aqueles que não foram educados, seriam sempre ignorantes e desumanos. Nesta perspectiva, a civilidade é gerada pela educação, e as noções sobre a história de uma civilização tornam-se o caminho pertinente para mostrar às normalistas que é possível preencher lacunas e ordenar o que se conhece, a partir do conhecimento, segundo Peixoto, “panorâmico” sobre o passado (PEIXOTO, 1942, p.07).

Na narrativa de Peixoto, a educação é a essência de uma sociedade civilizada.

Torna isto claro ao escrever com repulsa sobre o comportamento dos povos indígenas que habitavam o Brasil, no período de seu descobrimento, narrando que estes por não terem acesso à educação, “comiam uns aos outros”, viviam em “poligamia” e na “promiscuidade” (1942, p.278). Mas, com a contribuição da educação pela “virtude” ministrada pelos jesuítas, que a utilizavam como estratégia, Peixoto concluiu que em menos de vinte anos estes padres iniciaram o processo civilizador do Brasil:

(...) os Indios já não se comem, já têm sua família, uma mulher, uma casa, uma roça; os filhos aprendem e por eles já querem escrever à Rainha por mulheres piedosas que lhes façam, pelas filhas, o que pelos filhos fazem os Padres, que ensinam com proveito português, solfa, canto, ofícios. (PEIXOTO, 1942, p.280)<sup>20</sup>

Reuniu nestas considerações, história e educação pela idéia de civilizar através de bons hábitos e atitudes que se expressam através do corpo; segundo ele, o mal educado começou no “desasseiado, no ‘mal-ouvido’, no ‘mal-criado’ e chega a desordeiro, rebelde, criminoso, revoltado, revolucionario...” (PEIXOTO, 1942, p.235).

Esta série de enunciados significativos que expressam a maneira de pensar e de agir deste médico e higienista está em sintonia com um contexto que, a partir dos anos 1920, processa discursos voltados para a higienização, a medicalização, o controle e conformação do corpo, fundamentados em propósitos do progresso, desenvolvimento e modernidade – inerentes à idéia de “limpeza, beleza, educação e saúde” (CAMARA, 2004, p.166). A escola, neste contexto, para além da instrução, como nos lembra Sônia CAMARA (2004), deveria dar lições de higiene e cultura nacional, deveria educar costumes e hábitos, instaurando na escola um novo perfil de aluno, de espaço escolar e de professor.

Para reforçar sua crença, não apenas nos preceitos higiênicos, como nos morais, Afrânio Peixoto utiliza as idéias de Horace Mann<sup>21</sup> em suas “Noções”, para enfatizar que não basta apenas formar bons gramáticos e calculadores, é preciso formar o caráter do homem, “com a noção dos deveres recíprocos, a piedade social” (PEIXOTO, 1942,

<sup>20</sup> Mantive a grafia original das edições utilizadas nesta pesquisa.

<sup>21</sup> Segundo Paul MONROE (1968), o educador Horace Mann (1796-1859) foi secretário do *Massachusetts School Board* e estabeleceu um conjunto de reformas que melhoraram as escolas, a preparação de professores, o currículo e o método de ensino. Mas o que importa são os valores em questão, relacionados às noções de dever e noções de civilidade, que, apresentados no texto de Peixoto, colaboram para a construção de uma narrativa com finalidade mais educacional que histórica.



p.250).

Este signatário do *Manifesto Pioneiro da Escola Nova* acredita que a finalidade da escola é a formação do homem de bem, de um bom cidadão, sendo que “os viciosos e incorrigíveis (sic), embora inteligentes, eram menosprezados, como na vida” (PEIXOTO, 1942, p.250). Peixoto escreve que a ignorância é um crime, por isso a escola é um meio para se evitar esta ignorância, ensinando valores como a “paz, conformidade, virtude, progresso, apenas educando os homens” (PEIXOTO, 1942, p.252).

Valores como conformidade, virtude, progresso e ordem evocam a necessidade de se formar um homem novo, de tornar o homem cidadão neste projeto civilizatório republicano. Para além de uma questão meramente semântica, está o intuito de tornar o indivíduo pertencente a uma sociedade, sendo que estas palavras clamam pelo *novo*, pedem que a história ensine a afastar retrocessos e a afastar o que é velho e ultrapassado.

Evidencia-se na narrativa de Afrânio Peixoto a história da educação como uma história “analítica e íntima” da civilização, pois de maneira geral a história da civilização busca explicar a política e a economia da sociedade (PEIXOTO, 1942). No entanto, a história da educação se justifica segundo o autor, na busca por explicar causas e conseqüências dos fatos ocorridos no passado, sendo o presente a ponta extrema deste passado e o futuro é correspondente ao que o homem espera ou teme. A educação para Afrânio Peixoto revela-se como a redenção da humanidade, sendo a *escola ativa* o suporte necessário para que as mudanças ocorram, o que demonstra os ideais de modernidade ligados a um passado que explica o que se deve/ou não fazer.

Através deste contato com a escrita de Afrânio Peixoto, somos levados a refletir sobre a amplitude do conceito de “educação” (*ou educações*), algo que não ocorre como modelo único, pois as ações e os processos educativos e sociais que intervêm no desenvolvimento dos indivíduos em determinado tempo e lugar nos proporcionam conhecer seu significado contextualizado. Como já mencionado, as transformações narradas por Peixoto mostram a construção de um significado de educação atrelado à civilidade em confronto com a ignorância de povos primitivos.

Clarice NUNES (1995, p.58) aponta que na operação utilizada por Afrânio

Peixoto para delimitar o lugar da história da educação, a educação inscreve-se enquanto sujeito e objeto, através do relato panorâmico da evolução das idéias pedagógicas e pela história da civilização.

A educação olha o futuro, nossa preocupação, tentando o aperfeiçoamento dos órgãos desse imenso e imortal organismo, que é a sociedade. Se é problema a resolver na escola ativa da vida o futuro humano, ele só pode ser resolvido com a experiência anterior do passado humano. E' a justificação, educativa, pedagógica, do estudo dessa história da educação. (PEIXOTO, 1942, p.09)

Neste sentido *história, educação e civilização* na primeira e segunda parte do texto de Peixoto (dos primitivos ao Renascimento e aos Educadores “modernos”) são retratadas/desenhadas à luz da utilização dos seguintes autores<sup>22</sup>:

AUTOR	DADOS SOBRE O AUTOR	TEMÁTICA DE CITAÇÃO
BÍBLIA		<i>Levítico, Provérbios</i> : para retratar a educação dos judeus
BURKE (Provavelmente Peixoto se referiu a Edmund Burke)	Filósofo, advogado e político anglo-irlandês (1729-1797)	São Beda (673-735)
BUTCHER	Estudioso, autor de estudos sobre a Grécia Antiga	Grécia
CASTRO ALVES	Poeta brasileiro com intensa produção literária (1847-1871)	Renascimento (a importância dos livros)
JOHN DEWEY	Filósofo e pedagogo norte-americano (1859-1952)	Rousseau
FAGUET	Crítico, historiador, ensaísta	Rousseau
FONTENELLE (Bernard Le Bouyer de Fontenelle)	Escritor francês (1657-1757)	Emmanuel Kant
GABRIEL COMPAYRÉ	Ocupou o cargo de Inspetor Geral da Instrução Pública da França; foi Reitor da Universidade de Lyon no período de 1895 a 1905. Autor de manuais sobre	Charles Demia e São João Batista de La Salle

<sup>22</sup> Gostaria de lembrar ao leitor que fiz esta listagem enfatizando os “dados dos autores citados” e das “temáticas de citação”, porque Peixoto não deixa claro quais obras utiliza e tampouco escreve o nome completo dos autores citados.

	pedagogia e educação	
HARNACK		Período Monástico
HERZOG (Provavelmente Peixoto se referiu a André Maurois Herzog)	Novelista e ensaísta francês (1885-1967)	Universidades Medievais
HORÁCIO	Poeta lírico e satírico, autor das “Epístolas”- Epístola aos Pisões ( também chamada Arte Poética) (65 a.C - 8 a. C)	Roma
JOSEPH ERNEST RENAN	Escritor, filósofo, filólogo e historiador francês (1823-1892)	Grécia Roger Bacon
LA BRUYÈRE (Jean de La Bruyere)	Ensaísta e moralista francês (1645-1696)	Rabelais
LEIBNIZ (Gottfried Leibniz)	Filósofo alemão, matemático, cientista, diplomata e bibliotecário (1646-1716)	Escolástica
LOUIS RIBOULET	Pedagogo francês, autor de Historie de La Pédagogie e Rumo a Cultura (trad.) (1871-1944)	Roma e para retratar o escolástico Vicente de Beauvais
LUÍS VAZ DE CAMÕES	Poeta português (1524-1580)	Renascimento
MABILLON	Monge Beneditino, fundador da paleografia (1632-1707)	São Beda
MAX MULLER <sup>23</sup>	Linguísta e filólogo inglês	Povo hindu
MOLIÈRE (Jean-Baptiste Poquelin)	Francês, escritor de peças teatrais – mestre da comédia satírica	Mme. de Maintenon
PAUL MONROE	Professor de História da Educação (1869-1947)	Povos selvagens e a Grécia; educadores monásticos, o Império Carolíngio, a educação da Cavalaria, o Renascimento
SAINT BEUVE (Charles Saint-Beuve)	Francês, crítico literário (1804-1869)	Descartes

\*Afrânio Peixoto em seu livro utiliza apenas o sobrenome dos autores, por isso faltam dados para completar alguns quadros.

<sup>23</sup> Segundo CÂMARA JR E J. MATTOSO no livro *História da Linguística*, 4ª ed., com tradução de Maria do Amparo Barbosa de Azevedo. Petrópolis: Vozes, 1986, p.56, Max Müller foi um linguísta e filólogo sanscritista. Seu primeiro trabalho na Inglaterra foi uma edição crítica dos *Vedas* contendo os mais antigos e os mais genuínos hinos religiosos do Índico.

Este procedimento de eclipsar as fontes na narrativa produz um completo apagamento da relação empiria-reflexão. A afirmação, exposta no prefácio da primeira edição, de que “era preferível uma perspectiva panorâmica, a campos microscópicos e meramente documentais” (PEIXOTO, 1933, p.07) foi realmente levada às últimas conseqüências, uma vez que os vestígios sobre a documentação mobilizada para a construção da narrativa foram cuidadosamente omitidos, ao contrário de Theobaldo Miranda Santos, que compõe seus textos com um vasto número de referenciais.

Mas apesar destes obstáculos, a pesquisa mostrou que a escrita de Peixoto está marcada pela presença de escritores e poetas franceses, brasileiros, portugueses e ingleses, destacando-se também a presença de filósofos das mesmas nacionalidades citadas anteriormente. Da mesma forma, como afirma PINTASSILGO<sup>24</sup>, há autores franceses associados à pedagogia moderna que se difundiu na França da 3ª República, em particular Gabriel Compayré, um dos autores cujos textos estão mais presentes no discurso dos manuais (inclusive nos manuais analisados neste trabalho) e ainda autores norte-americanos como Paul Monroe (autor mais citado por Peixoto nesta primeira parte do texto).

Na terceira parte do texto de Peixoto que trata da Educação Contemporânea (Educadores contemporâneos como: Pestalozzi, Girard, Froebel, Herbert; Comte, Stuart Mill; países como os Estados Unidos, a América Latina, o Brasil; métodos como o da Escola Nova) destacamos a utilização dos seguintes autores:

AUTOR	DADOS SOBRE O AUTOR	TEMÁTICA DE CITAÇÃO
“RUI” BARBOSA (Ruy Barbosa)	Escritor brasileiro, jurista, político, diplomata, filólogo (1849-1923)	Monarquia e República
ARISTIDES MILTON		República
ARTUR SCHOPENHAUER	Filósofo alemão (1788-1860)	Sobre castigos Corporais
AZEVEDO SODRÉ	Médico e professor	República

<sup>24</sup> Texto de PINTASSILGO, J. (2006): *Os manuais de pedagogia no primeiro terço do século XX: entre a tradição e a inovação*. In: J. PINTASSILGO; M. C. FREITAS; M. J. MOGARRO; & M. M. C. CARVALHO (orgs.). *História da escola em Portugal e no Brasil. Circulação e apropriação de modelos culturais* (p.175-200). Lisboa: Edições Colibri / CIEFCUL (<http://cie.fc.ul.pt>), acesso em 08 jun 2007.

	(1864-1924)	
CAPISTRANO DE ABREU	Historiador brasileiro (1853-1927)	Monarquia (sobre a carência de documentos antigos)
CARNEIRO DE CAMPOS		Monarquia (educação)
CARTAS AVULSAS DOS JESUÍTAS		Sobre Jesuítas, República
CENSOS EDUCATIVOS		República (1920, 1930, 1940)
CLIFFORD		William James
COSTA BARROS (Pedro José de Costa Barros)	Militar, Presidente da Província do Ceará e Senador do Império do Brasil (1779-1839)	Monarquia
DITTES	Pedagogo alemão (1829-1896)	Basedow
DUARTE SILVA		Monarquia (educação)
FITCHE (Johann Gottlieb Fichte)	Filósofo alemão (1762-1814)	Pestalozzi
GILBERTO FREYRE	Escritor brasileiro, sociólogo e antropólogo (1900-1987)	Ensino colonial
HAMILTON		Estados Unidos
HENRY BARNARD	Educador americano (1811-1911)	Estados Unidos
HORACE MANN	Educador americano, abolicionista (1796-1859)	Educação nos Estados Unidos
HORÁCIO	Romano, poeta lírico e satírico, autor das “Epístolas”-Epístola aos Pisões (também chamada de “Arte Poética”) (65 a.C - 8 a. C)	Pragmatismo
HUXLEY (Thomas Henry Huxley)	Biólogo britânico (1825-1895)	William James
J. DEWEY	Filósofo e pedagogo norte-americano (1859-1952)	William James
J. P. “PAVLOW” (Ivan Petrovich Pavlov)	Fisiólogo russo (1849-1936)	Reflexos condicionais
JOÃO BARBALHO		República (analfabetismo)
JOÃO DE BARROS		Brasil colônia (Obra: <i>Diálogo em louvor da nossa linguagem</i> – 1540)
JOHN DEWEY	Filósofo e pedagogo norte-americano (1859-1952)	Escola Nova
JOSÉ BONIFÁCIO	Poeta brasileiro,	República

	naturalista, estadista maçom (1897-1970)	
KANT	Filósofo prussiano (1724-1804)	República (governantes)
LENIN	Revolucionário russo, líder do partido comunista (1870- 1924)	Escola Nova – sobre Marx
LIBERATO BARROSO	Senador durante a Primeira República	Monarquia
LINO COUTINHO	Senador no Império	Monarquia (educação das meninas)
LOURENÇO FILHO	Educador brasileiro (1897-1970)	*Citado em nota de rodapé na 1ª edição de <i>Noções</i> (1933) como sendo o livro mais usado por Peixoto sobre a Escola Nova (Obra: <i>Introdução ao estudo da escola nova</i> )
LUCCOCK	Comerciante inglês que morou no Brasil de 1805 a 1825	Brasil colonial
LUIZ AGASSIS	Brasileiro, naturalista (1817-1873)	República
MACAULAY (Thomas Babington Macaulay)	Poeta inglês, historiador e político (1800-1859)	Estados Unidos
MAC-MASTER		Estados Unidos
MARIA MONTESSORI	Educadora italiana, médica, feminista	Deficientes Mentais
MOREIRA DE AZEVEDO		Fim do tempo colonial
OZIEL BORDEAUX REGO		República (educação)
PADRE PERO RODRIGUES	Século XVII (?)	José de Anchieta (Obra: <i>Vida do Padre José de Anchieta</i> , An. da Bib. ,1909, p. 109)
PAULINO DE SOUSA	Senador do Império (1834-1901)	Monarquia
PIRES DE ALMEIDA	Historiador brasileiro	Monarquia (Obra: <i>La instruction publique au Brésil</i> )
PRATT		William James
PRIMITIVO MOACIR	Historiador brasileiro	Monarquia
RIBEIRO DE ANDRADE (Provavelmente Peixoto se referiu a Antônio Carlos Ribeiro de Andrada)	Político brasileiro (1870-1946)	Monarquia (educação)
RODOLFO DANTAS	Senador do Império	Monarquia
SIMÃO DE VASCONCELOS		José de Anchieta (Obra: <i>Vida do Venerável Padre José de Anchieta</i> , Lisboa, 1672)
SOUSA FRANÇA		Monarquia (educação)
SOUSA MELO (Miguel de Sousa Melo e Alvim)	Militar e político Luso-brasileiro	Monarquia (educação)

STUART MILL	Filósofo inglês, economista, pensador liberal	Educação de qualidade
VILHENA		Sobre a “Baía” (Bahia)
VITOR HUGO	Escritor e poeta francês (1802-1885)	Basedow

Esta visualização dos autores utilizados por Peixoto garante, em certa medida o entendimento sobre o diálogo mantido por ele com o pensamento histórico em seu contexto. Desse modo, escritores, políticos e poetas deram ao livro de Afrânio Peixoto um “tom” poético, por vezes dramático e ao mesmo tempo crítico sobre variados assuntos abordados. Filósofos e educadores alemães, filósofos e educadores franceses e americanos são constantemente utilizados pelo autor como forma de garantir os conteúdos contemplados. Do mesmo modo, historiadores brasileiros foram utilizados na organização de sua escrita sobre a educação no Brasil.

Em suma, para Peixoto a História da Educação “(...) é tratada enquanto evolução das idéias pedagógicas, revelando uma concepção da escrita da história da educação apoiada nas crenças do poder das idéias e da centralidade na cultura dos ícones da história intelectual da filosofia e da pedagogia” (ROBALLO; VIEIRA, 2006, p.04).

Mantendo o mesmo modelo de escrita, bem como o título *Noções de História da Educação* inaugurado por Peixoto, Theobaldo Miranda Santos escreve que o objetivo de seu “compêndio” é analisar as doutrinas pedagógicas e as instituições educativas. Por isso, optou pelo “método tipológico” para explicar os tipos de educação em sua gênese e evolução, por acreditar ser um estudo mais fecundo do que a “exposição monótona dos fatos educacionais em sua lenta evolução cronológica” (SANTOS, 1951, p.17). Escreve, fundamentado em Dubois, que os *tipos de educação* são definidos como conjuntos de idéias ou de princípios pedagógicos característicos de uma época, de um meio ou de uma personalidade e que traduzem:

(...) de maneira nítida, a realidade educativa e cultural de cada período da história da humanidade, e patenteiam, claramente, as relações íntimas e orgânicas que existem entre a evolução das doutrinas pedagógicas e a das concepções de vida. Daí a importância e a utilidade que o seu estudo oferece para a compreensão dos fenômenos históricos da educação. (SANTOS, 1951, p.17)

Acrescenta que o estudo da evolução das formas e tipos de educação é indispensável e obrigatório para o estudo da pedagogia. Miranda Santos, professor de filosofia da educação, considera a pedagogia uma ciência do espírito, que precisa ser considerada em sua totalidade quando relacionada com sua própria evolução histórica.

Miranda Santos problematiza, mas admite que as divisões clássicas/tradicionais da história da civilização podem ser adotadas, embora não possam exprimir com exatidão as fases evolutivas da pedagogia, porque a educação não é “mero reflexo da civilização em cada momento histórico” (SANTOS, 1951, p.19). Ela representa a consequência da concepção de vida dominante de cada época, “pois o que define os sistemas educativos não são os seus meios e sim os seus ideais” (1951, p.19).

Miranda Santos explica que as etapas históricas da educação devem ser relacionadas as “Weltanschauungen”<sup>25</sup>. Nesta cosmovisão, o católico Miranda Santos acredita que a idéia que se faz de Deus é o postulado fundamental de toda concepção de vida. Aliás, na aceção deste autor, as concepções de vida estão muito próximas da cultura de uma sociedade, explicando que coexistem na sociedade três concepções básicas de vida: a *concepção pagã de vida*, em que o homem confunde Deus com o mundo e com o próprio homem, a *concepção transcendentalista da vida*, em que o homem considera Deus como uma realidade suprema e distinta, e a *concepção naturalista de vida*, na qual o homem nega a Deus, considerando apenas a ele próprio e ao mundo as únicas realidades existentes (1951, p.20).

Nesta trajetória de explicações, flagrei em sua narrativa a relação entre educação e civilização, quando explica a influência de cada uma das concepções de vida ao longo da história. A pagã predominou entre os povos da Antigüidade Oriental e Clássica; a transcendentalista predominou durante a Idade Média, principalmente através do Cristianismo; a naturalista vem predominando no Ocidente, desde o Renascimento até os dias atuais. E, como as doutrinas pedagógicas e as instituições educativas refletem as concepções de vida, segundo Miranda Santos, a evolução histórica da pedagogia é assinalada por três etapas: o paganismo pedagógico, o

---

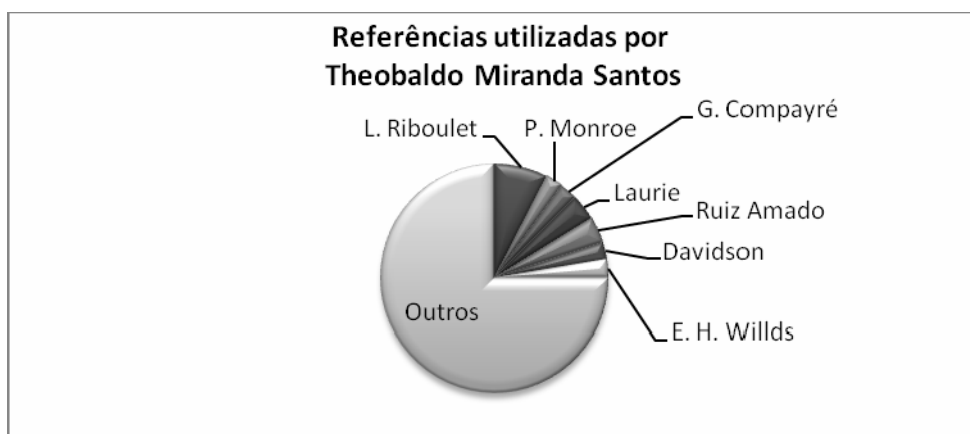
<sup>25</sup> Na etimologia da palavra alemã *Weltanschauung*, encontramos : concepção do universo e a relação do ser humano com ele. Para a literatura significa “visão de mundo”; *Welt* (mundo) + *Anschauung* (contemplação); concepção; ponto de vista; intuição; convicção. In: *HOUAISS* – dicionário eletrônico da língua portuguesa, versão 1.0, 2002.



transcendentalismo pedagógico e o naturalismo pedagógico (SANTOS, 1951, p.20).

Apesar de Miranda Santos, autor de vários manuais didáticos, “negar” em certa medida a forma tradicional de compor e ordenar conteúdos sobre história da educação, seu manual segue o mesmo modelo proposto por Afrânio Peixoto de enquadramento dos principais fatos históricos e educacionais.

Neste enquadramento são muitas as referências enfatizadas por Miranda Santos ao final de cada tópico abordado (educação primitiva, hindu, chinesa, egípcia, hebraica e persa, educação grega e romana); sendo assim, mostro as que se repetem na totalidade dos dois primeiros capítulos:



L. RIBOULET, *Historie de La Pédagogie*, Paris, 1935.

P. MONROE, *A text-book in the history of education*, New York, 1906.

G. COMPAYRÉ, *Histoire de la Pédagogie*, Paris, 1887.

LAURIE, *Pre-christian education*, New York, 1903.

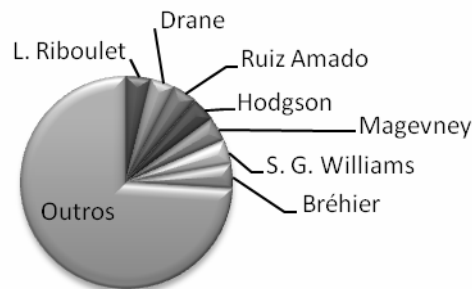
RUIZ AMADO, *Historia de la Educación y La Pedagogia*, Barcelona, 1930.

E. H. WILLDS, *The Foudations of Modern Education*, New York, 1936 – 1942.

DAVIDSON, *A History of Education*, New York, 1904.

O Cristianismo Pedagógico e o Medievalismo Pedagógico somam quarenta e oito “bibliografias” mencionadas por Miranda Santos. As que se repetem são as seguintes:

**Referências utilizadas por  
Theobaldo Miranda Santos**



L. RIBOULET, *Historie de La Pédagogie*, Paris, 1935.

RUIZ AMADO, *Historia de la Educación y La Pedagogia*, Barcelona, 1930.

DRANE, *Christian Schools and Scholars*, Londres, 1924.

HODGSON, *Primitive Christian education*, Edimburgo, 1906.

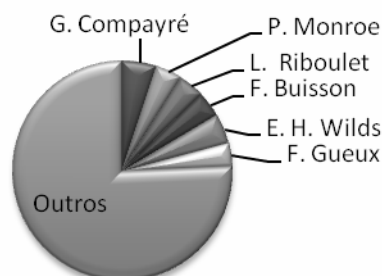
MAGEVNEY, *Christian education in the first centuries*, New York, 1900.

S. G. WILLIAMS, *A History of Medieval Education*, New York, 1903.

E. BRÉHIER, *Historia de la Filosofia*, Buenos Aires, trad., 1942.

O “Néo-Humanismo Pedagógico” (Renascimento, Reforma, Contra-reforma e Educação Jansenista), o “Naturalismo Pedagógico” (educação realista, disciplinar, pietista, racionalista, naturalista, filantropista, revolucionária, psicológica, científica), o “Néo-Naturalismo Pedagógico” (educação individualista, socialista, nacionalista, pragmatista, técnica) o “Anti-naturalismo Pedagógico” (educação espiritualista e cristã) e a “Educação Brasileira” (apêndice) revelam os seguintes autores e obras mais utilizadas:

**Referências utilizadas por  
Theobaldo Miranda Santos**



L. RIBOULET, *Historie de La Pédagogie*, Paris, 1935.

P. MONROE, *A text-book in the history of education*, New York, 1906, também utiliza a obra editada

no Brasil pela CAP: *História da Educação*, 1939.  
 G. COMPAYRÉ, *Histoire de la Pédagogie*, Paris, 1887.  
 F. BUISSON, *Nouveau Dictionnaire de Pédagogie*, Paris, 1911.  
 E. HARRISON WILDS, *The Foundations of Modern Education*, New York, 1942.  
 F. GUEUX, *Histoire de l'Instruction et de l'Éducation*, Lausanne – Paris, 1913.

São aproximadamente 140 obras citadas na totalidade dos títulos. Entre autores franceses, americanos e alemães, Miranda Santos procura estar mais próximo da História da Pedagogia como fonte de consulta para a construção de seu manual. E, neste *desenho* de sua obra, os autores mais citados são: Riboulet, Monroe, Compayré, Buisson e Ruiz Amado – todos sem exceção, autores de obras sobre história da educação e da pedagogia. No apêndice sobre a educação brasileira, os autores utilizados se aproximam de alguns utilizados por Peixoto, como por exemplo: Pires de Almeida, Ruy Barbosa, Primitivo Moacyr; como também referências “novas”: Pedro Calmon, Afrânio Peixoto e Fernando de Azevedo (mostradas no capítulo 3 deste trabalho).

Após observar a utilização de certos autores (como Riboulet) e algumas narrativas de Miranda Santos, percebemos que para ele a História da Pedagogia engendrou a História da Educação. A História da Pedagogia, ligada à evolução das teorias educativas (tipos históricos) e das concepções de vida dominantes em cada época, ofereceu fundamentos para entender, pela educação, a evolução da civilização.

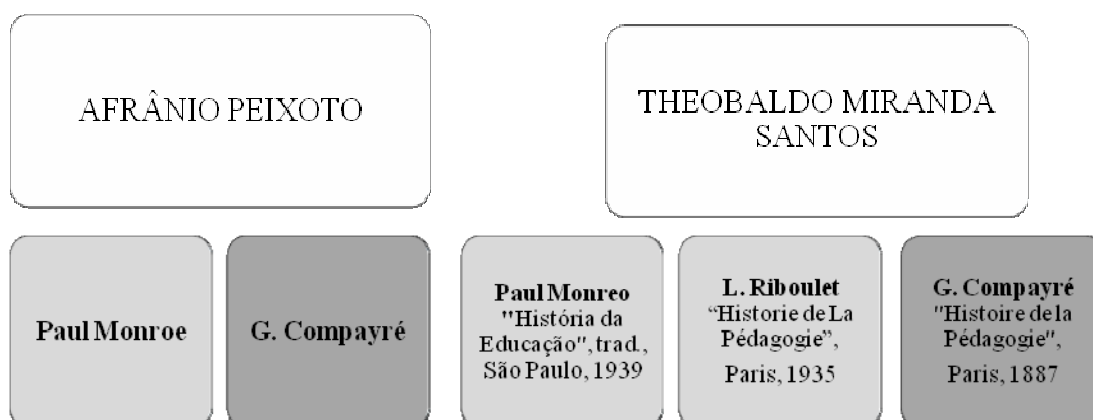
Neste sentido, ao tratar das civilizações primitivas ou povos de “cultura inferior”, Miranda Santos revela uma preocupação em atribuir-lhes um conceito apropriado. Acredita que estes povos não deveriam ser chamados selvagens, porque de alguma forma possuíam organização familiar e social. Também não deveriam ser chamados não civilizados, porque possuíam sua própria cultura, adaptada à sua natureza. Assim, Miranda Santos analisa: “Devemos chamá-los ‘Primitivos’? Se entendermos por essa palavra o estado de civilização que parece mais simples, menos avançado, mais próximo do homem pré-histórico (sic), é talvez a que melhor lhe convém” (1951, p.35).

Em contrapartida, ao tratar da educação colonial no Brasil, Miranda Santos aproxima suas considerações às de Afrânio Peixoto, quando argumenta que foram os jesuítas que expandiram a civilização brasileira. Estes padres, influenciando

diretamente na educação dos índios a fim de que perdessem “hábitos primitivos e ferozes”, ensinaram técnicas de agricultura, ensinaram o índio a ser civilizado, a construir casas, constituir famílias para poderem conviver inseridos em uma moral cristã. Logo, uma “civilização simples é primitiva” (SANTOS, 1951). É perceptível nesta sua forma de entender a educação que uma civilização desenvolvida necessita adquirir hábitos sociais e viver sob valores de uma moral cristã. Um fator predominante em sua operação historiográfica (que usa da compilação e da eleição de conteúdos pertinentes) é sustentado pela figura de Deus como postulado definidor das fases históricas.

Esta presença marcante de Deus, de uma orientação religiosa – católica em seu manual é expressão da permanência dos valores de uma civilização cristã. Neste sentido, NUNES (1996) aponta que a história da educação difundida entre os professores do ensino primário e secundário tem um efeito doutrinário, que “se prolonga e se atualiza, revelando o peso da influência religiosa apesar de todo o movimento de secularização da sociedade e do Estado a partir da implantação do regime republicano” (NUNES, 1996, p.70).

De um modo geral, dos autores que “colaboraram” com a escrita dos manuais de Peixoto e Miranda Santos, elencamos a seguir o nome dos que mais se destacaram:



Nesta incursão fica evidente a relação de proximidade entre a História da Educação e a História da Pedagogia. Numa distinção apenas esquemática, Dario RAGAZZINI (1999) nos lembra que a história da pedagogia sempre esteve articulada à história das idéias pedagógicas, ou seja, ao estudo das idéias de pensadores/pedagogos do passado. Por isso, Louis Riboulet e Gabriel Compayré foram

“visitados” por Peixoto e Miranda Santos, que construíram seus manuais à luz de um passado “histórico-educativo” (RAGAZZINI, 1999), consolidado através dos principais pedagogos e das principais idéias pedagógicas, dos gregos até a atualidade.

Um dos enfoques historicamente constituídos pela história da pedagogia é a sua relação com as temáticas provenientes da história da filosofia e da filosofia da educação. Mirian Jorge WARDE (2000) escreve que, na relação existente entre a História e a Filosofia, somos obrigados a pensar nas peculiares relações dessas disciplinas no universo acadêmico e no caso específico da relação entre História da Educação e Filosofia da Educação.

Dessa forma, a incursão que fiz pelos manuais de história da educação, revelou um contorno teórico e metodológico marcado por obras de filósofos, como também por acontecimentos históricos carregados de justificativas baseadas no pensamento de educadores pensadores ou filósofos da educação. Em suma, Afrânio Peixoto e Theobaldo Miranda Santos construíram suas lições de história da educação a partir dos seus envolvimento com escritores/filósofos/educadores que escreveram sobre modelos de formação do homem, em diferentes tempos e contextos.

#### **1.4 Paul Monroe: lições de história da educação para Afrânio Peixoto e Theobaldo Miranda Santos**

Dentre os escritores que deram suporte à escrita dos manuais de Peixoto e Miranda Santos, escolhi a obra de Paul Monroe para subsidiar o entendimento sobre a História e sobre a História da Educação presente no contexto de produção destes manuais.

Como vimos anteriormente, o que me levou a esta escolha foi o fato de este autor ser freqüentemente citado por Miranda Santos e Peixoto. Também porque a obra de Paul Monroe foi publicada no Brasil pela Companhia Editora Nacional, na CAP em 1939; sendo reeditada até o período de 1980<sup>26</sup> com o título: *História da Educação*. Uma obra considerada “clássica”, por atravessar diferentes contextos e décadas,

---

<sup>26</sup> A obra de Paul Monroe totalizou 18 edições, pela Companhia Editora Nacional, tendo como título *História da Educação*: 1946, 1952, 1953, 1956, 1958, 1968, 1969, 1970, 1972, 1974, 1976, 1977, 1978, 1979, 1983, 1984, 1985 e 1987 (TOLEDO, 2001, anexos).

sempre utilizada nos cursos de formação de professores.

Paul Monroe<sup>27</sup> nasceu em North Madison, Indiana – Estados Unidos, no ano de 1869 e faleceu em 1947, aos 78 anos. Graduou-se em *Franklin College* (provavelmente no curso de formação de professores), Indiana em 1890, e especializou-se pela Universidade de Chicago em métodos dos estudos sociológicos e históricos. Fez seu exame de Ph.D. na Universidade de Chicago em 1897, e recebeu LL. D. (grau honorário) da Universidade de Peking, em 1913.

Foi um dos pioneiros em estudos graduados sobre educação nos Estados Unidos, trabalhando sob a liderança e incentivo de James Earl Russel, nos anos seguintes a 1898. Em 1897 foi nomeado professor de História na escola de formação docente – *Teachers College*, da Universidade de Columbia. No ano de 1899, assumiu o lugar de professor adjunto de História da Educação e, três anos mais tarde, assumiu a cátedra de História da Educação até sua aposentadoria em 1938. Entre os anos de 1905 e 1906 esta seção de estudos graduados sobre educação passou a ser chamada de *Education B*, sendo Paul Monroe, um dos membros mais ativos deste grupo, expandindo grande tempo de análise, segundo Edward REISNER, aos materiais sobre educação dos Estados Unidos, e orientando uma lista notável de pesquisadores doutores neste campo. Dentre seus alunos, destacam-se personalidades que se tornaram grandes lideranças na história da educação americana: Henry Suzzalo, Willian Heard Kilpatrick, entre outros.

Além de professor, foi diretor da *School of Education of Teachers College* de 1915 a 1923. Após esta experiência, seus interesses profissionais ampliaram-se para o campo da administração escolar e, em 1923, tornou-se diretor do *International Institute of Teachers College*.

Paul Monroe, educador e administrador, ampliou suas relações internacionais em pesquisas “world-wide”, presidindo em 1913 e 1925 a comissão que conduziu exames sobre o sistema educacional das Filipinas; em 1926, fez o mesmo em Porto Rico, e, em 1933, Iraque. Foi presidente da *World Federation of Educational*

---

<sup>27</sup> Alguns dados biográficos de Paul Monroe foram extraídos do texto: *A tribute to Professor Paul Monroe (1869-1947) of Teachers College, Columbia University*, de Edward H. Reisner (*professor of education*), 1948, publicado na revista eletrônica *TC Record* (<http://www.tcrecord.org>), acesso em 04 jan 2007.

*Associations* de 1931 a 1933, e depois de 1935 a 1943. Em 1932, assumiu a presidência do *Robert College* e do *American College for Girls*, ambos em Istambul, Turquia. Prestou serviços públicos de pesquisas educacionais às escolas coloniais das Filipinas, às escolas da China e a escolas cristãs espalhadas por todo mundo, recebendo numerosas honras de governos estrangeiros e universidades por seus feitos.

Tornou-se reconhecido e consagrado no meio educacional americano quando foi diretor dos cinco volumes da *Encyclopedia of Education*, da seção de educação da *New International Encyclopedia*, e da *Nelson's Cyclopedia* e do *International Year-Book*. Henry SUZZALLO (1968) afirma que, como diretor da *Text-Book Series in Education* e da *Source Book Series in Education*, Monroe reuniu e sistematizou para os educadores todo um aparato de material informativo e de um saber disperso e semi-organizado resultantes das recentes investigações educacionais.

Professor respeitado por suas produções no início do século, Paul Monroe possuía especialização em História, tendo produzido pesquisas educacionais nesta área e sendo responsável pela produção de um extenso material sobre História da Educação: *Source Book in the History of Education for de Greek and Roman Period*, em 1901; *Thomas Platter and the Educational Renaissance of the Sixteenth Century*, em 1904; *Text-Book in the History of Education*, em 1905; e em 1907 o *Brief Course in the History of Education*. Após sua aposentadoria, publicou a obra *Founding of American School System*, juntamente com uma coleção de materiais em microfilmes, subjacentes ao livro.

Este educador do *Teacher College* fez parte de um grupo seletivo de professores consagrados pela inovação e pela promoção de um movimento progressista de educação tanto nos Estados Unidos como em várias partes do mundo, principalmente nas décadas de 1930 e 1940. Dentre estes educadores destacavam-se o filósofo John Dewey, o educador James E. Russell, o psicólogo educacional Edward Lee Thorndike e o filósofo educacional William Heard Kilpatrick.

Segundo Henry SUZZALLO<sup>28</sup>, Paul Monroe foi um professor-pesquisador que

---

<sup>28</sup> Estes apontamentos descritos por Henry Suzzallo estão no livro *Twenty Five of American Education* (1925) composto em homenagem ao professor Paul Monroe pela passagem do seu jubileu no magistério. Esta introdução também está contida no livro *História da Educação* de Paul Monroe (1968) que utilizamos para nossa pesquisa.

orientava seus alunos para a pesquisa em História da Educação na América, a fim de colaborar com a restauração da tradição americana e a aceitação da escola pública enquanto instituição nacional. Aliás, para SUZZALLO (1968), os Estados Unidos viveram uma importante mudança na filosofia, na ciência, nas práticas e administrações educativas, devido aos modelos de filosofias educacionais que vieram de países da Europa principalmente:

Os Estados Unidos perderam nesse período aquele ponto de vista provincial e tradicional que lhes caracterizara o pensamento pedagógico desde a Guerra Civil. Muitas escolas passaram a experimentar e a ensaiar métodos baseados em novas premissas. Ruiu a sólida e satisfeita complacência da prática tradicionalista. (SUZZALLO, 1968, p.XXIV)

Na condição de educador consagrado, Paul Monroe trabalhou intensamente não só na área de História da Educação, mas na de educação comparada, dedicando-se a viajar constantemente por vários países a convite daqueles que buscavam renovação educacional. A China<sup>29</sup> foi um dos países que buscou no *Teacher Collge* auxílio para a implementação de uma nova proposta de desenvolvimento educacional (HONGYU, 2001).

Para se ter uma idéia, HONGYU (2001) relata que, durante alguns anos, a China enviou vários estudantes à Universidade de Columbia a fim de aprimorarem seus estudos. Mais tarde ao retornarem a seu país, estes alunos promoveram mudanças profundas no cenário educacional em parceria com esta instituição de ensino, pela cooperação dos educadores que várias vezes aí estiveram para promover conferências e ensinar novas formas de atuação na esfera educacional. Durante os anos de 1940, a China recebeu os mais famosos professores do *Teacher College*; entre eles destacavam-se John Dewey, William Kilpatrick, W. McCall e o autor pesquisado Paul Monroe, que esteve neste país por oito vezes durante esta década. Monroe e os demais educadores colaboraram na inovação curricular, na proposta de materiais e nas metodologias de ensino diferenciadas, “acelerando o progresso educacional chinês”

---

<sup>29</sup> Estas considerações sobre a China estão descritas no artigo de Zhou Hongyu que retrata o desenvolvimento educacional deste país e a contribuição do *Teacher College*, sendo intitulado: *Teachers College and Chinese Education – A College and a Country- Teachers College, Columbia University and Modern Chinese Education*, maio, 2001. Disponível em: <[http:// www.columbiauniversity.com](http://www.columbiauniversity.com)> Acessado em 08 out 2006.



(HONGYU, 2001).

Entre estas idas e vindas, relatadas com brevidade, salientamos que os seus maiores interesses e atividades sempre estiveram ligados à disciplina de História da Educação. REISNER (1948) comenta que esta foi uma das mais importantes e óbvias disciplinas adaptadas ao estudo sobre educação, mas que sua implantação nos Estados Unidos se deu de forma imatura, tanto para as Escolas Normais como para as demais instruções. Esta condição à qual remanescia a disciplina apenas ganhou novo sentido quando Paul Monroe assumiu a disciplina e passou a fornecer novos materiais arquivados durante dois anos, enquanto estudava história e sociologia na Universidade de Chicago. Este novo sentido dado à disciplina de História da Educação foi resultante das fontes originais com as quais trabalhava e por tratar a educação pelo viés dos ajustes social e filosófico (REISNER, 1948).

O que percebo é que Monroe retrata o processo de evolução e modificação da sociedade pelo abandono da educação estreitamente humanista, acreditando que a união das teorias educacionais, religiosas, psicológicas e profissionais resultou na formulação do conceito disciplinar de educação. Tal temática se distancia das rotineiras retratadas em manuais de História da Educação. Mas, afinal, compreender a evolução da sociedade pela educação é uma característica freqüente em manuais de História da Educação, e visualizar esta evolução pelo avanço das disciplinas escolares corresponde ao olhar característico de um intelectual que, em sua escrita, evidenciava categorias de análise de um historiador da educação.

*O velho e o novo, o passado e o presente* se reúnem na história da educação escrita por Monroe.

E, nesta reunião de sentidos, Monroe fornece uma descrição abrangente do problema permanente da educação em transmitir a cada geração os elementos de cultura e da vida institucional de valor no passado, acompanhado também da cultura gerada na atualidade. O problema se estende, segundo ele, aos partícipes da educação, dentre eles o educador, que tem como problema saber selecionar o material adequado para a formação dos indivíduos e para o progresso da sociedade. Já o problema da escola é incorporar este material selecionado pelo educador à formação para a vida social. O problema da sociedade é o de manter este amplo trabalho educativo e

valorizar efetivamente o magistério pela remuneração e recompensa social como as profissões liberais. O problema do professor, novamente, é desenvolver o caráter da criança mediante o material selecionado e os processos proporcionados pela escola.

Ele ensina em seu manual que, historicamente, o problema da educação é “sempre solucionável, mas nunca solucionado” (MONROE, 1968).

Como comentado anteriormente, observei que seu manual serviu de suporte para a elaboração dos manuais de Peixoto e Miranda Santos. Não estou afirmando que estes autores se apropriaram da obra de Monroe na íntegra, até porque os manuais de História da Pedagogia (como o de L. Riboulet) também serviram de modelos para a estruturação e a organização da escrita de Peixoto e Miranda Santos. Há, contudo, semelhanças relacionadas tanto com relação à estrutura e à organização dos manuais quanto às temáticas abordadas sobre a história da educação, entre os educadores brasileiros e o educador norte-americano.

Primeiramente observei que os manuais dos autores brasileiros estão organizados privilegiando os mesmos conteúdos propostos e cronologicamente dispostos por Monroe: *Educação dos Povos Primitivos*, *Educação no Oriente*, *Educação Grega e Romana*, *Educação na Idade Média*, *Educação no Renascimento* e, *a Educação na Modernidade*. A estrutura dos manuais também se assemelha a de Monroe: prefácio explicativo sobre o porquê da história da educação, quadros cronológicos (como os enfatizados por Peixoto nos “sincronismos”), resumos ao final de cada capítulo (Miranda Santos organizou seu manual com “notas” explicativas ao final de cada capítulo), há várias citações – seleções de pequenos textos no interior dos capítulos (Miranda Santos expõe estes pequenos textos no final de cada capítulo), há uma seleção de gravuras que complementam pedagogicamente a escrita dos textos (tanto Peixoto como Miranda Santos utilizam-se da mesma estratégia).

Paul Monroe tende a revelar algumas de suas fontes em notas de rodapé, mas em alguns textos tende a eclipsá-las (assim como Peixoto). Acreditamos que o autor opta por elidi-las, possivelmente porque os leitores a que se destinava a obra não precisavam destes “detalhes” caros aos especialistas. Justifico esta questão porque, no prefácio da obra, Monroe escreve que seu livro foi produzido para satisfazer às necessidades das escolas normais e de outras escolas que não possuíam tempo

suficiente para trabalhar os textos mais extensos sobre esta temática. Segundo Monroe, a sua obra possuiu a pretensão de preservar os materiais mais extensos, mediante a omissão de conteúdos que exigissem do leitor discussões filosóficas, já que a maioria dos alunos não estavam preparados suficientemente para estes debates.

Paul Monroe afirmou que o grande problema no estudo da História da Educação estava na seleção de materiais históricos que revelassem a aproximação entre a história ou a vida social da educação. Assim, define em alguns itens o que entende ser relevante estudar na História da Educação.

No primeiro item, advertiu que o material utilizado em seu livro seria interpretado sem generalizações, proporcionando ao leitor o “sabor das fontes originais” (MONROE, 1968, p.20). Nos itens seguintes escreve sobre a necessidade de evidenciar a relação entre desenvolvimento educacional e a História da Educação, a fim de explicar quais foram as tendências educacionais que se desenvolveram historicamente. No último item escreve que foi possível estabelecer uma ponte entre passado e presente pela busca de relações entre o contexto educacional constituído historicamente com o que acontece no presente. Entretanto, para Monroe, a sociedade “atual” (1907) é complexa, por isso torna-se difícil perceber a “verdadeira natureza do processo educativo integral e sua relação com a vida social como um todo” (MONROE, 1968, p.01).

Paul Monroe afirma na sua obra que o estudo da educação do passado possibilita compreender os estágios posteriores e mais complexos da atividade educacional.

O objeto da velha educação do esforço era desenvolver na criança o poder de atenção voluntária, de aplicação, de fôrça de vontade, que a habilitasse a vencer os obstáculos ou realizar as tarefas da experiência de cada dia. O objetivo da nova educação de reconciliação é alcançar o mesmo fim por meio do apelo imediato à atenção espontânea e aos interesses da criança. (MONROE, 1968, p.368)

Para ele, desde o começo da vida humana até os dias atuais, percebemos o movimento que distancia ou aproxima o *velho* do *novo*. Logo, o estudo das teorias educacionais que ainda sobrevivem nas instituições educativas “controladas por associações religiosas ou por certas classes dominantes na sociedade (...)” e mostradas

através de currículos e programas educacionais, possibilitam entender a educação e sua história (MONROE, 1968, p.370).

Na narrativa de Monroe, a história é apresentada como sinônimo de vida social, ou seja, a história é a própria ação do homem, sendo a educação partícipe da construção e do aprimoramento da sociedade. Nesta aproximação entre educação e civilização, escreve que o passado educativo revela três tendências do pensamento educacional, desenvolvidas nos séculos XVIII e XIX: a psicológica, a científica e a sociológica, que contribuíram para a tendência eclética (atual) da educação. De forma sintética, pode-se dizer que contribuíram na seguinte escala: a psicológica para o método, a científica para o conteúdo e a sociológica para a ampliação de objetivos e para um melhor mecanismo institucional (MONROE, 1968).

Este passado, segundo Paul Monroe, incide sobre as tendências educativas do presente. As mais evidentes estão nas modificações do currículo, nas tentativas de tornar o método e o processo da instrução mais definidos, mais científicos e universalmente seguidos. Conseqüentemente, isto exigiu maior preparação dos professores e a continuação de seus estudos. Assim, entendo que para o autor todas estas mudanças são resultado da importância da educação como processo social, do trabalho escolar perpetuando o caráter científico e da maior atenção para o aperfeiçoamento das instituições. Vale a pena ressaltar que sua concepção de currículo é pautada na herança cultural da raça – os produtos da experiência humana, que se modificam de geração a geração, enquanto houver progresso. O currículo deve apresentar à criança, em forma idealizada, a vida e as atividades sociais do presente, e a apreciação da cultura do passado, por intermédio da reorganização do material de cultura do passado e da inclusão de novos.

Apresentadas estas concepções sobre História da Educação, observo que Peixoto e Miranda Santos se aproximam de algumas considerações propostas por Monroe. A primeira questão que revela esta aproximação é a tentativa de estabelecer uma ponte entre *passado e presente*.

Paul Monroe, por exemplo, ao se referir à educação grega, estabelece esta ponte entre o passado e o presente. Segundo o autor, devido à valorização dos aspectos individuais da personalidade dos cidadãos, a civilização grega teve como conseqüência

um “progresso social” em virtude da “liberdade” de organização desta sociedade.

Como resultado dessas características, os gregos formularam, pela primeira vez, aquele conceito de educação que nós ainda denominamos *liberal*. É a educação digna do homem livre, que o habilita a tirar proveito de sua liberdade ou dela fazer uso. Mais do que com qualquer outro povo do passado, foi com os gregos que o problema da educação surgiu com as mais semelhantes das que adquiriu, para nós, nos séculos XIX e XX. Nenhum outro período há, até o século XVIII, tão cheio de sugestões para o educador do presente. (MONROE, 1968, p.27)

Nesta mesma perspectiva de análise, observei que Monroe utiliza alguns termos “modernos” para retratar o Iluminismo:

O objetivo do Iluminismo era libertar o pensamento do domínio do terrorismo sobrenatural, (...) destruir o terror que pairava sobre os sentimentos; aniquilar o absolutismo no pensamento, a tiranania na ação, (...). (MONROE, 1968, p. 250, grifos nossos)

Embora os *illuminati* se opusessem à tirania e à opressão do pensamento humano, eles aspiravam lucrar participando dos privilégios sociais e políticos da minoria. Havia nisso egoísmo e contradição que ainda mais faziam ressaltar a injustiça para com a maioria que sustentava os privilégios da minoria. (MONROE, 1968, p. 251, grifos nossos)

Além desta aproximação entre presente e passado, Monroe analisa erros e acertos do passado, assim como Peixoto e Miranda Santos. Ao descrever a educação espartana como predominantemente física e moral, Monroe mostra algumas imagens e um “currículo formal” que abrangia leitura, escrita, música, exercícios, esportes como a caça, dança, entre outros conteúdos que disciplinavam o corpo e a mente. Valorizou o fato de os espartanos darem a mesma educação para homens e mulheres, apesar de possuírem pouco caráter, devido à educação ter sido endurecida pela produção de força física em detrimento da moral. E, apesar desta crítica, escreve que a educação deste povo não era formal, sendo repleta de atividades e de prazeres. Segundo Monroe, as discussões propostas pelos gregos sobre fins, métodos e conteúdos educacionais influenciaram não só mudanças no pensar educativo daquele período, como a própria atualidade, pela sua cultura e educação terem se tornado “cosmopolitas e universais” (MONROE, 1968, p.76).

Como Monroe, Afrânio e Miranda Santos acreditam que a educação é o meio pelo qual a civilização é aprimorada.

Podemos perceber esta crença na educação no capítulo V: “A Idade Média: a Educação como disciplina”. Neste, Monroe descreve “méritos e deméritos” da educação escolástica, mostrando com certa ironia algumas “monstruosidades” dos escolásticos:

A primeira grande limitação dos escolásticos, suficiente para merecer a condenação do pensamento moderno, é que eles nunca se detiveram para inquirir a respeito da validade do material com o qual manejavam ou certificar-se se dispunham de todos os dados antes de tentar a conclusão. Uma segunda limitação (...), é que o material com que eles lidavam era abstrato e metafísico e não tomava conhecimento do concreto e do físico. (...). Uma outra marcada limitação dos escolásticos residia no fato de muitas das discussões serem desprovidas de qualquer base real sem conexão com o mundo concreto e a vida de cada dia, nem validez para o mundo do pensamento. (...) “Quanto anjos podem ficar de pé na ponta de uma agulha?”, “Deus pode construir duas montanhas sem o vale que os separa?”, “O que acontece quando o camundongo come a hóstia sagrada?” tôdas essas perguntas ocultam sob sua forma simples os inquéritos profundos concernentes à relação do finito e do infinito (...). (MONROE, 1968, p.125-6)

Para Monroe, o pensamento educacional moderno deveria condenar este passado que não se torna base de análise para a vida e para o conhecimento concreto e real. Mas, mesmo sob esta crítica, escreve sobre a contribuição desta forma de educação para o surgimento das várias universidades que incrementaram a vida intelectual.

Organizou alguns dos capítulos escrevendo sobre as tendências educativas que se desenvolveram e sobre os ícones (pensadores, filósofos e educadores) da Filosofia e da História, como no capítulo VIII denominado Educação Realista e em vários outros. Neste capítulo em especial, Monroe estabelece a seguinte divisão: “Realismo Humanista” e seus representantes – Erasmo, Rabelais e Milton; e “Realismo Social” sendo seus representantes – Ascham *versus* Montaigne; e “Realismo Sensorial”, representado por Richard Mulcaster, Francis Bacon, Wolfgang Ratke e João Amós Comênio. Esta estratégia também foi muito usada por Peixoto e Miranda Santos.

Retratou em seu manual o percurso das idéias educacionais de líderes políticos de alguns países. Citou Frederico, o Grande, da Prússia; Maria Teresa, da Áustria; Franklin e Washington, dos Estados Unidos. Destacou a figura de Thomas Jefferson

como um dos principais estadistas americanos a ter compreensão clara do significado nacional da educação e de James Madison (1751-1836), o quarto presidente americano que, segundo Monroe, depois de Jefferson, foi um dos mais atuantes na realização de obras educacionais.

Nos últimos capítulos de seu manual, Paul Monroe escreve sobre a história da educação de seu país (assim como fazem Peixoto e Miranda Santos), por meio de descrições sobre o desenvolvimento das escolas públicas, dos métodos educativos e de personalidades históricas. Também escreve brevemente sobre a constituição de escolas públicas na Alemanha, França e Inglaterra, mas suas principais considerações estavam voltadas para os Estados Unidos.

Buscou mostrar que a educação do “presente” deveria assegurar o desenvolvimento da personalidade e do bem-estar social por meio do equilíbrio entre direitos individuais e deveres sociais, a fim de preparar o indivíduo para o exercício de sua cidadania, para seu ajustamento à sociedade e preparação para a vida social.

Assim se configuram algumas das *lições* sobre história da educação apresentadas por Paul Monroe.

## 2 ESCRITAS DA HISTÓRIA NOS MANUAIS DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO.

A história da constituição do campo da História da Educação mostra que os manuais destinados à disciplina geraram uma espécie de tradição, um domínio muito próprio deste saber. Esta tradição é resultante da vasta circulação dos manuais, constituídos de conteúdos fragmentados e muitas vezes sem sentido para a constituição da história, a não ser pela continuidade cronológica que oferecem. Somos sempre lembrados por alguns autores, que estes manuais são audaciosos projetos que aligeiram a história da educação de toda a civilização em meras trezentas, quatrocentas, ou exageradas quinhentas páginas.

Apesar de esta escrita possuir uma interpretação anacrônica do passado, conformando-o aos seus intentos de ensinar, estes manuais são fruto de um propósito de formação, elaborados num contexto pedagógico que se adequava a uma determinada realidade educacional. Estes livros representam e são resultado daquilo que estava entre os seus autores e a política, a cultura e a ideologia vigentes em seu período.

Neste capítulo, centrei-me na compreensão do ensino de História da Educação, reservado à formação das normalistas, analisando os procedimentos historiográficos contidos no interior dos manuais. Por isso, detalho algumas narrativas que mostram os elementos mais freqüentes produzidos por estes procedimentos. Os elementos verificados são: *a pragmática*, *a exemplaridade*, *a escatologia*, que explicarei na continuidade do texto, e o *engajamento* não como um sentido, mas como uma opção política associada ao sentido da pragmática.

Busco trabalhar com as duas obras concomitantemente, observando os consensos e os dissensos existentes na constituição de sentidos dados à História da Educação.

Início a análise dos procedimentos observando a forma como foram contemplados e divididos os conteúdos propostos pelos autores. Esta reflexão nos possibilita questionar o que foi considerado como próprio para a disciplina de História



da Educação, e por conseguinte que conteúdos eram propícios para a formação de uma professora.

Nas *Noções de História da Educação*<sup>30</sup> de Afrânio Peixoto, a periodização assume a clássica divisão da história da civilização de extração iluminista. A idéia de unir história da civilização e história da educação foi uma opção clara para Peixoto, pois, na sua concepção, o grau de civilização alcançado pela humanidade estava intimamente associado ao grau de empenho educativo assumido pelos povos e pelas culturas. Sua obra foi dividida em três partes: a educação antiga, a educação medieval e a educação contemporânea. Estranhamente, a educação moderna é um capítulo no âmbito da parte que trata da educação medieval.

Em pesquisa ao acervo da Companhia Editora Nacional, percebi que Peixoto faz algumas alterações da 1ª para a 2ª edição e desta para a 3ª edição. Estas alterações já começam na capa, pois na 1ª e na 2ª edição há um pequeno texto indicando que o livro pertence à BPB, série III- Coleção Atualidades Pedagógicas, que se extingue na 3ª edição. Na contracapa da 1ª edição, o autor se intitula *Professor da Universidade e do Instituto de Educação do Rio de Janeiro*, mas na 3ª edição o autor mantém apenas a titulação de *Professor da Universidade do Rio de Janeiro*, possivelmente por não mais lecionar a disciplina de História da Educação nos cursos de formação de normalistas neste período (1942). O índice de materiais modifica-se da 1ª para a 2ª edição: na 1ª edição, apesar dos conteúdos serem os mesmos, o autor não escreve no sumário as três partes que aparecem na 2ª e na 3ª edições: I- *A Educação Antiga*, II- *A Educação Medieval* (chamada na 3ª edição de *A Educação Medieval e Moderna*), III- *A Educação Contemporânea*. A obra possui na 1ª e 2ª edições uma média de 280 páginas e a 3ª edição possui 357 páginas. As mudanças que observamos estão presentes em toda obra, como descrevemos em alguns exemplos a seguir:

- PARÁGRAFOS: na 2ª edição Peixoto acrescentou, por exemplo, no capítulo sobre Roma um parágrafo sobre Quintos Horatius Flaccus; no texto sobre a Monástica acrescentou um parágrafo sobre o educador Aelius Donato; no Renascimento, sobre o educador Papa Pio II.

---

<sup>30</sup> A análise da obra de Afrânio Peixoto está presente, em parte, no nosso artigo: *Afrânio Peixoto e as noções de história da educação: a questão da formação de professores na década de trinta no Brasil*.

Acrescentou também cerca de três páginas no capítulo sobre a Escola Nova, descrevendo a importância do método.

- NOTAS DE RODAPÉ: acrescentou na 2ª edição, no capítulo *Locke e Rousseau. Filósofos e Revolucionários* uma nota citando um pensamento educativo de Voltaire, como também uma nota explicando que o enciclopedismo não era uma “idéia nova”. Certamente, Peixoto sabia que outros filósofos já haviam afirmado tal consideração.

Suprimiu da 2ª edição uma nota contida no capítulo sobre a Escola Nova, em que explicava: *Sigo aqui não só a ordem, mas as idéias e às vezes as palavras do belo livro “Introdução ao estudo da escola nova”, de Lourenço Filho, hoje compendio admirável do assunto* (PEIXOTO, 1933).

- COMENTÁRIOS: ao final dos capítulos nota-se que o autor acrescentou alguns comentários, como no texto sobre a Educação Antiga: *O mundo antigo vai acabar. Um poder novo vai surgir: o da Igreja. A educação livre e espontânea passará a função da Igreja, que, por ela, preparará os seus ministros e, além dos clérigos, os leigos. Em 529 JUSTINIANO fecha as escolas pagãs (sic): nesse mesmo ano, SÃO BENTO funda o seu mosteiro* (PEIXOTO, 1936).
- FIGURAS: acrescentou, por exemplo, a figura da coruja – para Peixoto o símbolo de Atenas, para outros educadores o símbolo do saber.



Fig. 3 – Coruja simbólica de Atenas  
Fonte: PEIXOTO, 1942, p.44.

Com esta análise, verificou-se que Afrânio Peixoto visitou e revisitou sua obra nas edições que se seguiram, corrigindo erros, modificando a estrutura do texto em determinados trechos, como também acrescentando conteúdos e suprimindo algumas questões.

Nas *Noções de História da Educação*, de Theobaldo Miranda Santos, há uma seqüência semelhante na ordenação dos capítulos e na ordem cronológica dos acontecimentos – dos primitivos à modernidade. O autor explica que sua obra examina as doutrinas pedagógicas e as instituições educativas em seu desenvolvimento histórico – gênese e evolução. Sua obra é mais longa do que a de Peixoto, com 513 páginas (3ª edição). O livro de Peixoto é composto de 357 páginas (3ª edição).

Seguindo o mesmo modelo de divisão dos capítulos, Miranda Santos inicia sua descrição da história da educação com os povos primitivos, passando pelo povo grego e romano, seguindo com o “cristianismo pedagógico”, “medievalismo pedagógico”, “néo-humanismo pedagógico”<sup>31</sup>, “naturalismo pedagógico”, entre outros. Em todo final de capítulo, Miranda Santos propõe uma ou duas sugestões de leitura, citando algumas passagens de textos de ícones da educação, propondo também algumas “notas” que explicam conceitos utilizados e apresentando uma lista de referências bibliográficas que utiliza no texto (como poderemos visualizar no capítulo 4).

No acervo da Companhia Editora Nacional, tive contato com as edições de 2ª a 9ª (a primeira edição não se encontra no acervo); na Biblioteca da Universidade Federal do Paraná, tive contato com a 1ª edição. Verifiquei que, da 1ª à 9ª edição o autor não faz alterações no interior do texto, mantendo-o intacto. Apenas a partir da 7ª edição, percebi que o autor suprime o segundo e terceiro parágrafo da página 509, bem como as páginas 510, 511 e 512 (páginas finais, que mostravam algumas considerações sobre a II Guerra Mundial, bem como um contexto de erros do “passado” e de acertos do “presente”).

O que observo nos dois manuais é que o tempo histórico que explica a educação é linear e evolutivo. A cada capítulo emerge um conjunto de acontecimentos históricos que tentam demonstrar uma continuidade na história da educação e da civilização. É

---

<sup>31</sup> É importante ressaltar que estou mantendo a grafia original das edições da obra *Noções de História da Educação*, de Theobaldo Miranda Santos, 1950.

como se existisse apenas esta história, que forja um efeito de continuidade, remetendo a uma concepção de unidade (NUNES, 1996).

Neste sentido acredito que o modelo de *manual* elaborado por Peixoto e Miranda Santos reproduz modelos já existentes (como pudemos verificar no capítulo 1 ao abordar as possíveis “lições” de Paul Monroe), pois os autores brasileiros não inauguram uma forma de organizar a seqüência de acontecimentos históricos. Além do mais, os autores brasileiros não fazem pesquisa em fontes primárias. Sua forma de narrar a história da educação, como nos lembra NUNES, é a de compilar conteúdos e tecer comentários, inaugurando uma regra narrativa que iria ser utilizada pela maioria dos escritores brasileiros de manuais de história da educação.

Com relação às formas como Peixoto e Miranda Santos organizam os conteúdos em seus manuais, apresento em seguida tabelas com o sumário das duas obras a fim de conduzir o leitor a um melhor entendimento e visualização dos conteúdos contemplados, bem como dos títulos dos capítulos e da quantidade de páginas utilizadas para o desenvolvimento destes.

Com relação à primeira parte das obras de Miranda Santos e Peixoto, a tabela a seguir revela quais conteúdos foram elencados como significativos no iniciar da trajetória da gênese e da evolução da educação<sup>32</sup>:

OBRA E AUTOR	TÍTULO DO CAPÍTULO	CONTEÚDOS CONTEMPLADOS	Nº DE PÁGINAS
AFRÂNIO PEIXOTO	I- A EDUCAÇÃO ANTIGA	<p>I. INTRODUÇÃO. EDUCAÇÃO DOS SELVAGENS E PRIMITIVOS. O GENIO. A EDUCAÇÃO PARA A SOCIEDADE.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Selvagens e primitivos</li> <li>• Genios</li> <li>• Educação para a sociedade</li> </ul> <p>II. EDUCAÇÃO ARCAICA: INDIA, CHINA, ASSIRIA, PERSIA, EGITO, ISRAEL</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Sincronismo</li> <li>• India</li> <li>• China</li> <li>• Caldeia. Assiria</li> <li>• Persia</li> <li>• Egito</li> <li>• Israel</li> </ul>	70

<sup>32</sup> Os conteúdos descritos na tabela respeitam propositadamente a grafia das edições dos manuais de Peixoto e Miranda Santos.

		<p>III. GRECIA</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Sincronismo</li> <li>• Grecia</li> <li>• <i>Educadores Gregos:</i> Pitágoras Sócrates Platão Xenofontes Aristóteles Plutarco</li> </ul> <p>IV. ROMA</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Sincronismo</li> <li>• Roma</li> <li>• <i>Educadores Romanos:</i> Catão Varrão Cícero Horácio Sêneca Quintiliano</li> </ul>	
<b>THEOBALDO MIRANDA SANTOS</b>	I- O TRADICIONA- LISMO PEDAGÓGICO	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. A EDUCAÇÃO PRIMITIVA: Caracteres gerais da educação primitiva. Importância pedagógica do estudo da educação primitiva. Suposta simplicidade da educação primitiva. Importância filosófica e sociológica do referido estudo. Teoria <i>retilínea</i> da história de Spencer e Comte. Teoria <i>circular</i> da história de Frobenius e Spengler. A religião, a moral e a educação entre os diversos povos primitivos. Estrutura psicológica do homem primitivo. Evolução do homem primitivo. Evolução da concepção de homem primitivo. Meios e fins da educação primitiva. Notas. Leituras. Bibliografia.</li> <li>2. A EDUCAÇÃO INDÚ: Caracteres gerais da educação indú. O tradicionalismo pedagógico oriental. Os tipos de educação do antigo oriente. A cultura indú. Religiões da Índia. Influência preponderante do bramanismo. Os Vedas. As castas sociais. A enciclopédia indú. A educação indú. O ensino elementar. Processos pedagógicos. O ensino superior. Ideais educativos dos indús. Apreciação da educação indú. Notas. Leituras. Bibliografia.</li> <li>3. A EDUCAÇÃO CHINESA: Caracteres gerais da educação chinesa. O espírito chinês. Ausência de idealismo na vida espiritual chinesa. A cultura chinesa. Religiões da China. Influência de Confúcio sobre a vida social, política e cultural da antiga China. A educação chinesa. O sistema de exames. A escrita chinesa. A literatura chinesa. Organização escolar da antiga China. O ensino elementar e o ensino superior. Apreciação</li> </ol>	55

		<p>da educação chinesa. Notas. Leituras. Bibliografia.</p> <p>4. A EDUCAÇÃO EGÍPCIA: Caracteres gerais da educação egípcia. Aspectos da vida espiritual dos egípcios. A ciência no antigo Egito. A cultura egípcia. Religiões do antigo Egito. A literatura e as artes. A educação egípcia. As classes sociais e a educação. Interêsse pela formação das novas gerações. Organização escolar. O ensino elementar e o ensino superior. Apreciação da educação egípcia. Notas. Leituras. Bibliografia.</p> <p>5. A EDUCAÇÃO HEBRÁICA: Caracteres gerais da educação hebráica. Aspectos da vida espiritual dos hebreus. Seu sentido eminentemente religioso. A Bíblia e os outros livros sagrados do antigo Oriente. A cultura hebráica. Papel dominante da religião. Desprezo pela ciência e pela filosofia. Situação da literatura e das artes. A educação hebráica. Influência Da Babilônia e do Egito sobre a educação em Israel. Organização escolar. O ensino elementar e o ensino superior. Apreciação da educação hebráica. Notas. Leituras. Bibliografia.</p> <p>6. A EDUCAÇÃO PERSA: Caracteres gerais da educação persa. O espírito persa. Aspectos da vida espiritual dos persas. A cultura persa. Religiões da antiga Pérsia. Zoroastro, o mazdeísmo e o Zend-Avesta. A arte e a literatura persas. Estrutura social da antiga Pérsia. As instituições escolares. O ensino elementar e o ensino superior. Apreciação da educação persa. Notas. Leituras. Bibliografia.</p>	
<b>THEOBALDO MIRANDA SANTOS</b>	<b>II.O HUMANISMO PEDAGÓGICO</b>	<p>1. A EDUCAÇÃO GREGA: Caracteres gerais da educação grega. Humanismo pedagógico. Origem da educação grega. Os poemas de Homero e a educação helênica. Evolução da educação grega. A educação espartana. Aspectos gerais. Organização da educação em Sparta. Apreciação da educação espartana. A educação ateniense. Aspectos gerais. A educação da infância e da juventude em Atenas. Apreciação da educação ateniense. Educadores Gregos. Pitágoras. Sofistas. Sócrates. Aristóteles. Platão. Xenofonte. Escolas helenísticas. Notas. Leituras. Bibliografia.</p> <p>2. A EDUCAÇÃO ROMANA: Caracteres gerais da educação romana. A cultura romana. Aspectos da vida espiritual dos romanos. A religião e a filosofia em Roma. Contribuições da cultura romana à civilização ocidental. A educação romana. Educadores romanos. Marco Pórcio Catão. Marco Terêncio Varrão. Marco Túlio</p>	49

		Cícero. Lúcio Âneo Sêneca. Marco Fábio Quintiliano. Plutarco. Notas. Leituras. Bibliografia.	
--	--	--	--

No sumário da obra de Peixoto, a primeira parte versa sobre a educação dos selvagens e primitivos, posteriormente dos povos orientais (arcaicos) e culmina com a análise dos filósofos gregos e dos retóricos romanos. A cultura Grega e o Império Romano, seguindo a clássica tradição historiográfica, inauguram a chamada civilização ocidental. Nesta primeira parte, expressou sua crítica sobre certas formas de educação, considerando-as arcaicas, tais como a chinesa e a indiana.

Sobre a Grécia e Roma o tom de enaltecimento não impede que Peixoto critique a exclusão da mulher dos processos educacionais, bem como a escravidão e os castigos corporais. Trata-se de uma escrita pragmática, porque, antes de compreender o passado, diz o que é preciso fazer/ou não, no presente:

Pode o mundo, podemos nós Brasileiros, de hoje, aí pelo interior ainda, atirar pedras aos Gregos, por fazerem tão pouco, da mulher? NIETZCHE, este se ufana; “uma cultura de homens!” Misógino, mais poeta que filósofo, ainda pensava que “o homem foi feito para a guerra” e “a (sic) “a mulher apenas para descanso do guerreiro”... Foi pela deficiência da educação da mulher – mulheres que importam em metade da humanidade e, ineducadas, não podem educar os filhos, o resto da humanidade que, além disto, atrapalham o resto da vida (...). (PEIXOTO, 1942, p. 52)

Ao retratar o passado romano como lição – sentido da exemplaridade – Peixoto aproxima este período do século vinte ao utilizar determinados conceitos que objetivavam, nos seus próprios termos, *atravessar o tempo*: “Havia escolas, poder-se-ia dizer, de primeiro, segundo e terceiro graus, ou como dizemos hoje, primárias, secundárias e superiores, bem que os antigos não as distinguissem precisamente” (PEIXOTO, 1942, p.70).

A primeira parte da obra de Theobaldo Miranda Santos é chamada Tradicionalismo Pedagógico; nesta estão descritas as educações primitiva, hindu, chinesa, egípcia, hebraica e persa. A educação primitiva é considerada a mais rudimentar do tradicionalismo pedagógico e de fácil entendimento sobre a totalidade de seu fenômeno educativo. Para o autor o que diferenciava a sociedade primitiva das sociedades civilizadas era “seu volume restrito e fraca densidade” e sua “estrutura

homogênea” (SANTOS, 1951, p.26). Por isso, afirmando que a realidade histórica é complexa e multiforme, escreve que nem a teoria *retilínea* da história de Comte e Spencer, nem a teoria *circular* das culturas defendidas por historiadores naturalistas como Spengler ou espiritualistas como Frobenius dão conta de explicar a história da evolução dos povos primitivos.

Miranda Santos, proporcionando a visualização do passado como lição, cita Tristão de Athayde em sua obra *Economia Prepolítica* (1932), para explicar que estes povos primitivos passaram por três fases: fase otimista, fase pessimista e fase realista.

A fase otimista começa com os descobrimentos geográficos do século XVI, mas só se caracteriza precisamente no século XVIII. Antes do Renascimento, a idéia que se tinha dos povos primitivos era envolta na lenda e na fantasia. (...) Dessa fase otimista, passa-se a fase pessimista. Começa-se a estudar cientificamente os selvagens. Mas êsses estudos, apesar de sua aparente objetividade, foram logo desfigurados pelo naturalismo evolucionista que foi colocado todo o material, adquirido pelas pesquisas etnológicas incipientes, em esquemas preestabelecidos. (...) A terceira fase, a *realista*, que começou no último decênio do século XIX, não ficou na divagação literária e sentimental da fase otimista, nem na simplificação arbitrária e artificial da fase pessimista. (...) Mas foi no início do nosso século, com a publicação, em 1911, do “método da Etnologia” de Graebner que, segundo Tristão de Athayde, essa fase se assentou em bases verdadeiramente científicas. (SANTOS, 1951, p.28-9)

Assim, Miranda Santos caracteriza a educação dos povos deste Tradicionalismo Pedagógico, procurando descrever aspectos da organização escolar do ensino elementar e superior, as religiões e a cultura dos povos, como também os valores da espiritualidade, da ética e da moral, utilizando aproximadamente 10 páginas para caracterizar cada povo.

A educação grega e a educação romana fazem parte do segundo capítulo denominado “Humanismo Pedagógico”. Peixoto, por sua vez, enquadra estas “educações” no capítulo denominado “Educação Antiga”, juntamente com a educação primitiva e arcaica. Miranda Santos justifica sua forma de organização explicando que o tradicionalismo pedagógico possuía como ideal transmitir às gerações uma doutrina sagrada revestida de um caráter material, ao contrário da pedagogia humanista que possuía um caráter formal, sendo o conhecimento importante para aperfeiçoar a personalidade.



Mas, assim como Peixoto, Miranda Santos também critica a não educação feminina destes povos:

A educação egípcia possui alguns aspectos elogiáveis, entre os quais podemos destacar sua preocupação pela formação moral das novas gerações, os processos didáticos intuitivos de que se utilizaram e o interesse que revelaram pelo cultivo da ciência. Mas o sistema educativo dos egípcios é passível de crítica, sobretudo, pelo seu sentido aristocrático, pelo monopólio cultural exercido pelos sacerdotes e pelo abandono que votaram à educação feminina. (SANTOS, 1951, p.60)

Apoiados numa escrita escatológica, aderindo a idéia de evolução e modernização da sociedade, tanto Peixoto como Miranda Santos, escrevem que a civilização grega e a romana universalizaram e inauguraram, ao contrário dos povos primitivos, as origens da “civilização”. Os autores procuram descrever esta “evolução” através de aspectos educativos observados no pensamento dos educadores gregos: Pitágoras, Sócrates, Platão, Aristóteles e Xenofonte, e também no dos educadores romanos: Catão, Varrão, Cícero, Horácio, Sêneca e Quintiliano.

A segunda parte do texto de Afrânio Peixoto é dedicada à educação medieval, com ênfase sobre os padres educadores, a escolástica, o surgimento das universidades, o Renascimento e a educação na Idade Moderna.

OBRA E AUTOR	TÍTULO DO CAPÍTULO	CONTEÚDOS CONTEMPLADOS	Nº DE PÁGINAS
AFRÂNIO PEIXOTO	II. A EDUCAÇÃO MEDIEVAL E MODERNA	I. PATRÍSTICA, MONÁSTICA: <ul style="list-style-type: none"> <li>Sincronismo</li> <li>Patrística</li> <li><i>Padres educadores:</i> <ul style="list-style-type: none"> <li>São Clemente</li> <li>Orígenes</li> <li>São Basílio</li> <li>São Jerônimo</li> <li>São João Crisóstomo</li> <li>Santo Agostinho</li> <li>Monástica</li> </ul> </li> <li><i>Educadores Medievais:</i> <ul style="list-style-type: none"> <li>Donato</li> <li>São Patricio</li> <li>Prisciano</li> <li>Capela</li> <li>Boecio</li> <li>São Bento</li> <li>Cassiodoro</li> <li>São Columbano</li> <li>São Gregorio Magno</li> <li>Santo Atanasio</li> <li>Santo Isidoro</li> </ul> </li> </ul>	123

		<p>São Bonifacio São Beda</p> <p>II. INVASÃO ÁRABE. CARLOS MAGNO. CAVALARIA E CRUZADAS</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Sincronismo</li> <li>• Invasão árabe</li> <li>• Carlos Magno</li> <li>• Alfredo o Grande</li> <li>• Escolas paroquiais, abaciais, catedrais</li> <li>• Cavalaria</li> <li>• Cruzadas</li> <li>• <i>Educadores Medievais:</i> Alcuino Raban Mauro Gilbert d' Aurillac</li> </ul> <p>III. A ESCOLÁSTICA. AS UNIVERSIDADES</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Sincronismo</li> <li>• A Escolástica</li> <li>• Universidades</li> <li>• <i>Educadores Medievais</i> Santo Anselmo Abelardo Pedro Lombardo Alexandre Villedieu Vicente de Beauvais Pedro Julião Santo Alberto Roger Bacon Santo Tomás Raimundo Lula Duns Scot Ockan Buridan Gerson</li> </ul> <p>IV-V RENASCIMENTO</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Sincronismo</li> <li>• Renascimento</li> <li>• Reforma (Protestante) e Contra-Reforma (Católica), reações contra o livre exame do Renascimento: resultantes educativos</li> <li>• <i>Educadores do Renascimento:</i> Os Jesuitas Os Jansenistas Arnauld De Feltre Papa Pio II Erasmo Budé Rabelais Clenardo Vivés</li> </ul>	
--	--	---	--

		<p>Montagne Lutero Melanchton Jesuitas</p> <p>VI. EDUCAÇÃO NA IDADE MODERNA</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Sincronismo</li> <li>• Locke</li> <li>• Montesquieu</li> <li>• Rousseau</li> <li>• Filósofos, Condillac, etc</li> <li>• Enciclopedistas</li> <li>• Kant</li> <li>• <i>Revolucionários:</i> Condorcet Turgot La Chalotais A Revolução</li> </ul>	
<b>THEOBALDO MIRANDA SANTOS</b>	<b>III.O CRISTIANISMO PEDAGÓGICO</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. A EDUCAÇÃO APOSTÓLICA: Caracteres gerais da educação apostólica. O Cristianismo e o mundo antigo. Aspectos da vida social e cultural dos romanos. Influência da filosofia estoica. A religião cristã e o paganismo antigo. Caracteres da concepção de vida cristã. O Cristianismo e a educação. Mensagem educacional do evangelho. A educação apostólica. Formação dos primeiros cristãos. Notas. Leituras. Bibliografia.</li> <li>2. A EDUCAÇÃO PATRÍSTICA: Caracteres gerais da educação patrística. A cultura medieval. Reabilitação histórica e cultural de Idade Média. A obra reveladora de Dempf, Kurth, Gilson e Schnürer. Julgamento de Berdiaeff, Maritain e Landsberg sobre a civilização medieval. A educação patrística. Os Padres da Igreja e a cultura greco-romana. Evolução da educação patrística. Escolas patrísticas. Educadores patrísticos. Clemente de Alexandria. Orígenes. S. Basílio. S. Jerônimo. S. João Crisóstomo. Sto. Agostinho. Notas. Leituras. Bibliografia.</li> <li>3. A EDUCAÇÃO MONÁSTICA: Caracteres gerais da educação monástica. O monaquismo e a educação. A Igreja e a conservação da cultura clássica. Origem e evolução do monaquismo. Suas atividades educacionais. A obra dos Beneditinos. Sua influência sobre a cultura medieval. Carlos Magno e a educação. A Escola Palatina. Alfredo o Grande e a instrução popular. Escolas monásticas. Educadores monásticos. Boécio. S. Bento. Cassiodoro. S. Gregório Magno. S. Isidoro de Sevilha. Beda. S. Bonifácio. Alcuino. Notas. Leituras. Bibliografia.</li> <li>4. A EDUCAÇÃO ESCOLÁSTICA: Caracteres gerais da educação escolástica.</li> </ol>	67

		A escolástica e a educação. Significação histórica e cultural da escolástica. Caracteres filosóficos e pedagógicos da escolástica. Instituições escolares do período escolástico. As Universidades. Sua origem e desenvolvimento. Organização e privilégios das Universidades. Influência das Universidades. Educadores escolásticos. Gerberto. Sto. Anselmo. Abelardo. Vicente de Beuvais. Sto. Alberto Magno. Sto. Tomás de Aquino. Rogério Bacon. Duns Scoto. Notas. Leituras. Bibliografia.	
<b>THEOBALDO MIRANDA SANTOS</b>	<b>IV.O MEDIEVALISMO PEDAGÓGICO</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. A EDUCAÇÃO MEDIEVAL: Caracteres gerais da educação feudal. O feudalismo e a educação. Origem e evolução do feudalismo. A cavalaria. Gênese e desenvolvimento da cavalaria. Sua influência sobre a educação medieval. A educação do cavaleiro. A investidura do cavaleiro. Objetivos da educação feudal. As Cruzadas e a educação. Consequências pedagógicas e culturais das Cruzadas. Notas. Leituras. Bibliografia.</li> <li>2. A EDUCAÇÃO MUÇULMUNA: Caracteres gerais da educação muçumana. A civilização muçumana. Os árabes e a cultura medieval. Aspectos espirituais do islamismo. O islamismo e a educação. O islamismo e a cultura. Contribuição dos árabes à ciência, à filosofia e às artes da Idade Média. Influência dos árabes sobre a educação ocidental. Escolas e Universidades muçulmanas. Notas. Leituras. Bibliografia.</li> </ol>	16

Nesta segunda parte do texto, Peixoto mostra os *erros* cometidos pelos escolásticos que discutiam sobre “nada”:

Uma imensa bomba aspirante e premente, e que, pela função, mais e mais se desenvolvia, funcionando, sem substancia, no vazio... A escolástica é o tipo de educação, pode-se dizer, sem instrução. Nunca o homem soube tanto, nem tão pouco. Como não queriam duvidar, havia uma explicação para tudo. A inteligencia pelo raciocínio incessante e agudo, jamais se desenvolveu tanto, nem foi tão ignorante de tudo. (PEIXOTO, 1942, p. 118)

Ao contrário do que escreve sobre a Escolástica, Peixoto destaca que o Renascimento foi um “período maravilhoso”, principalmente por causa do aperfeiçoamento da imprensa (PEIXOTO, 1942, p. 141). Segundo ele, foi o *livro* que pôs fim à Idade Média e fez emergir o Renascimento: “Livros, livros à mão cheia, e manda o povo pensar, diz o nosso CASTRO ALVES: em vez de clérigos e escolares

que apenas possuíam as raras e preciosas cópias dos livros antigos, foram livros e mais livros para os leigos, para o povo (...)” (PEIXOTO, 1942, p. 142).

O Renascimento também é tratado por Peixoto como um período em que a educação “renasce”, porque empreendeu a formação humana “a despeito dos eclipses das educações tendenciosas – educações de classes, de partidos, de religiões... a educação “desinteressada”, para maior facilidade e, portanto, felicidade de viver” (PEIXOTO, 1942, p. 150). Na seqüência, considera a Reforma Protestante e a Contra-Reforma movimentos reacionários.

Dando um sentido pragmático a sua escrita, escreve neste mesmo texto sobre os *erros* cometidos pelos homens que mantiveram no passado o “monopólio” do ensino negado às mulheres:

(...) As mulheres devem ser educadas como os homens, tem o direito de aprender o latim, estudos que lhes permitam educar os filhos e associar-se à vida intelectual dos maridos... São ridículas essas raparigas que apenas sabem fazer reverencia, ter as mãos cruzadas, apertar os labios quando riem, comer e beber o menos possível em sociedade, depois de, às ocultas, terem se saciado... Se as de hoje não fazem mais disso, ainda não sabem latim, ou talvez a equivalencia moderna... (PEIXOTO, 1942, p.153, grifos nossos)

O capítulo que antecede o do medievalismo e da educação renascentista no manual de Miranda Santos é intitulado “O Cristianismo Pedagógico”. Neste, alguns fatos bíblicos se tornam históricos e educativos, acrescentando ao Cristianismo a condição de “revolução espiritual”, cujos objetivos eram antes edificar do que destruir.

Citou Alceu Amoroso Lima para enfatizar que o Cristianismo trouxe harmonia entre o mundo natural e sobrenatural. Neste sentido exemplar, a escrita de Miranda Santos mostra que no evangelho há muitos ensinamentos educativos repletos de sabedoria. Noto neste capítulo indícios de uma marca religiosa (católica) na constituição de sua forma de pensar e escrever a história da educação, pois seu texto reflete um tom de discurso e de lições religiosas, com uma função doutrinária em vez de explicativa.

Apesar do seu caráter essencialmente educativo, o Cristianismo não constituiu um sistema pedagógico no sentido comum da expressão. Jesus Cristo foi, entretanto, o Maior dos educadores o Mestre dos mestres, o Pedagogo da Vida e do Amor. Por isso,

ao longo de todo o Evangelho, palpitam ensinamentos educativos cheios de luminosa e incomparável sabedoria:

- a) proclamando a necessidade da fé para a salvação, o Cristianismo impôs a *todos* os homens o dever de conhecer as verdades da religião e à Igreja a missão de as ensinar;
- b) afirmando o princípio fundamentalmente *democrático* da igualdade entre os homens e da fraternidade universal, o Cristianismo estabeleceu, como consequência imperativa, o direito de todos à educação e à instrução;
- c) considerando a educação popular como obra de misericórdia espiritual, através da fórmula evangélica “ensinar aos que não sabem”, o Cristianismo procurou disseminar o ensino gratuito, pouco conhecido na antiguidade (...);
- d) a cultura na antiguidade tinha uma feição aristocrática; a filosofia, a ciência e a literatura eram ensinadas exclusivamente aos membros de uma classe privilegiada. Desde sua fundação, a Igreja procurou instruir a todas as classes, indistintamente, interessando-se, com carinho e amor, pela elevação intelectual e moral dos pobres e humildes (SANTOS, 1951, p.136-7).

Acompanhando a “evolução” da educação cristã na Idade Média, Miranda Santos apresenta os períodos apostólico, patrístico, monástico e escolástico, enfatizando nestes os seus principais representantes. Ensina em seu manual que o termo “escolástico” significa um determinado sistema filosófico (aristotélico-tomista) e um método especial de exposição de ensino (silogístico) e que, dentro de seus “justos limites”, foi um instrumento poderoso de disciplina intelectual, mas quando levado ao “exagero e à hipertrofia” conduziu a um “ergotismo intelectual” muito próximo do formalismo (1951, p.178).

O medievalismo pedagógico por sua vez é representado por Miranda Santos em dois tópicos: a educação feudal, que como em outros manuais enfatiza a “educação cavaleiresca” e a educação islâmica, retratada por meio de aspectos da educação mulçumana.

A seguir, Miranda Santos nomeia “Néo-Humanismo Pedagógico” o capítulo referente à educação renascentista, reformista, contra-reformista e jansenista. Escreve este capítulo como Peixoto havia feito, enfocando representantes emblemáticos como Vitorino de Feltre, Luiz Vives, François Rabelais e Michel de Montaigne (sempre citados nos manuais de História da Educação).

Ao seu ver, o Renascimento representou o início da Idade Moderna e o fim da Idade Média, caracterizando-se pela “continuação” dos “surtos” renascentistas que se

repetiam desde o período carolíngio. Ensina que a pedagogia renascentista tinha como características principais: *caráter crítico e polêmico, humanista e naturalista, individualista e liberal, aristocrático e particularista, intelectualista e formalista*.

Sobre a Reforma Protestante, Miranda Santos analisa e interpreta, à luz do “testemunho” de Paul Monroe, que não é verdadeira a afirmação que este movimento deu ao povo a Bíblia em vernáculo e a escola elementar. A Reforma, para este autor, “influuiu sobre (sic) a educação provocando a Contra-Reforma pedagógica, a renovação do ensino católico e a fundação de ordens religiosas destinadas a fins educacionais” (1951, p. 241).

OBRA E AUTOR	TÍTULO DO CAPÍTULO	CONTEÚDOS CONTEMPLADOS	Nº DE PÁGINAS
<b>THEOBALDO MIRANDA SANTOS</b>	V. O NÉO-HUMANISMO PEDAGÓGICO	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. A EDUCAÇÃO RENASCENTISTA: Caracteres Gerais da educação renascentista. O Renascimento e o naturalismo pedagógico. O teocentrismo medieval e o antropocentrismo moderno. Significação histórica e cultural do Renascimento. Causas do Renascimento. Aspectos culturais do Renascimento. Influência do Renascimento sobre a educação. Caracteres da educação renascentista. Educadores renascentistas. Vitorino de Feltre. Os Jeronimitas. Erasmo. Vives. Rabelais. Montaigne. Notas. Leituras. Bibliografias.</li> <li>2. A EDUCAÇÃO REFORMISTA: A reforma e a educação. Causas filosóficas e religiosas da Reforma. Fatores psicológicos, políticos e econômicos da Reforma. Consequências educacionais da Reforma. Contribuição pedagógica e cultural da Reforma. Educadores reformistas. Lutero. Melanchton. Trotzendorf. Sturm. Notas. Leituras. Bibliografias.</li> </ol>	53
		<ol style="list-style-type: none"> <li>3. A EDUCAÇÃO CONTRA-REFORMISTA: Caracteres gerais da educação contra-reformista. A Contra-reforma e a educação. Causas da Contra Reforma. Resoluções e iniciativas da Contra-reforma. As ordens religiosas de educação. Educadores contra-reformistas. A Companhia de Jesus. Sua origem e desenvolvimento. Objetivos educacionais da Companhia de Jesus. Processos pedagógicos dos jesuítas. A “Ratio Studiorum”. A Evolução das instituições escolares dos jesuítas. S. João Batista de</li> </ol>	

		La Salle e os Irmãos das Escolas cristãs. Notas. Leituras. Bibliografias.	
		4. A EDUCAÇÃO JANSENISTA: Caracteres gerais da educação jansenista. O jansenismo e a educação. Origem e desenvolvimento do jansenismo. Aspectos filosóficos e culturais do jansenismo. Princípios pedagógicos dos jansenistas. Contribuição educacional do jansenismo. Educadores jansenistas. Escolas de Port-Royal. Discípulos dos jansenistas. Notas. Leituras. Bibliografias.	
<b>THEOBALDO MIRANDA SANTOS</b>	<b>VI. O NATURALISMO PEDAGÓGICO</b>	1. A EDUCAÇÃO REALISTA: Caracteres gerais da educação realista. O realismo pedagógico. Sua origem e desenvolvimento. Seus fundamentos filosóficos e suas conseqüências didáticas. Fases evolutivas da educação realista. Realismo literário. Realismo social. Realismo científico. Educadores realistas. Bacon. Descartes. Comênio. Notas. Leituras. Bibliografias.	97
		2. A EDUCAÇÃO DISCIPLINAR: Caracteres gerais da educação disciplinar. Conceito disciplinar de educação. Sua origem e desenvolvimento. As faculdades e a transferência da aprendizagem. A educação disciplinar, o humanismo e o realismo. João Locke como sistematizador do conceito disciplinar de educação. A obra filosófica e pedagógica de Locke. Notas. Leituras. Bibliografias.	
		3. A EDUCAÇÃO PIETISTA: Caracteres gerais da educação pietista. O pietismo e a educação. Origem e desenvolvimento do pietismo. Relações do pietismo com as correntes filosóficas e pedagógicas dos séculos XVII e XVIII. Spencer, o fundador, e Francke, o sistematizador, da educação pietista. A vida, a obra e a influência de Francke. Notas. Leituras. Bibliografias.	
		4. A EDUCAÇÃO RACIONALISTA: Caracteres gerais da educação racionalista. O racionalismo e o naturalismo do século XVIII. Sua origem e desenvolvimento. Representantes sobre movimentos. O iluminismo, a Enciclopédia e a educação. Aspectos filosóficos e pedagógicos da “Aufklärung” e da Enciclopédia. Notas. Leituras. Bibliografias.	
		5. A EDUCAÇÃO NATURALISTA: Caracteres gerais da educação naturalista. Relações do naturalismo com os movimentos filosóficos do século XVIII. Rousseau e Voltaire. A vida, a obra e a influência de Rousseau. Crítica do naturalismo pedagógico. Repercussão das idéias de Rousseau na pedagogia moderna. Notas. Leituras. Bibliografias.	



		6. A EDUCAÇÃO FILANTROPISTA: Caracteres gerais da educação filantropista. O filantropismo e a educação. Origem e desenvolvimento da educação filantropista. Rousseau e o filantropismo. Principais adeptos do movimento filantropista. A vida, a obra e a influência de Basedow. Notas. Leituras. Bibliografias.	
		7. A EDUCAÇÃO REVOLUCIONÁRIA: Caracteres gerais da educação revolucionária. A Revolução francesa e a educação. Situação do ensino na França antes da Revolução. A obra demolidora dos revolucionários. Tentativas de reconstrução. A reforma de Napoleão Bonaparte. Criação da Universidade Imperial. Rigidez e centralização do sistema napoleônico. Educadores revolucionários. Mirabeau. Talleyrand. Condorcet. Lanthénas, Leppelletier e Lakanal. Notas. Leituras. Bibliografias.	
		8. A EDUCAÇÃO PSICOLÓGICA: Caracteres gerais da educação psicológica. A tendência psicológica na educação. Origem e desenvolvimento da educação psicológica. Relações com o naturalismo de Rousseau e com o idealismo de Kant, Fichte e Hegel. Educadores psicológicos. Henrique Pestalozzi, João Frederico Herbart. Frederico Froebel. Notas. Leituras. Bibliografias.	
		9. A EDUCAÇÃO CIENTÍFICA: Caracteres gerais da educação científica. A tendência científica na educação. Sua origem e desenvolvimento. Progresso das ciências naturais e a reação anti-metafísica do século XIX. O positismo e o evolucionismo. Sua influência sobre a elaboração do conceito de educação científica. Educadores científicos. Augusto Comte. Herbert Spencer. Notas. Leituras. Bibliografias.	

Em seu manual, Peixoto descreve a educação na Idade Moderna pelos seus principais expoentes como Francis Bacon, René Descartes e Comênio, além de utilizar várias páginas para descrever John Locke e Jean Jacques Rousseau. Ao se referir a Bacon destaca uma “verdade política decisiva”: “A educação de alguns é a aristocracia; a educação de todos é a democracia”; analisando esta frase Peixoto acrescenta: “Ainda o mundo não compreendeu isto, tanto que se dizem “democracias” povos não educados” (PEIXOTO, 1942, p. 171).

Sem pudores, Rousseau foi considerado por Peixoto meio louco; porém, mostrou acreditar que foi por intermédio deste filósofo que Pestalozzi, Froebel, a escola ativa e a escola progressiva surgiram:

Um genio louco que, com os ingredientes sensualistas do Século XVIII, iria criar no século XIX, o Romantismo econômico ou comunismo, (“os sabios e os ricos servem apenas para se corromperem mutuamente”), “esse pietismo” sem Deus, mas anti-intelectual (“bem-aventurados os pobres de espírito”) e a moral da penitencia (mais alegria nos céus pela conversão de um pecador do que pela entrada de cem justos...) fanatismo leigo, que ameaça o mundo... (PEIXOTO, 1942, p.189).

Na mesma linha de pensamento, Miranda Santos escreve que:

Não insistiremos sobre a sua vida inquieta, romanesca e angustiada. Diremos apenas que, filho de um pobre relojoeiro de Genebra, Rousseau teve uma infância atribulada e uma educação imperfeita. Sua formação intelectual e moral foi cheia de falhas. Por isso, não conseguiu profissão certa, nem posição de relevo social. (SANTOS, 1951, p.304)

Rousseau foi um dos principais personagens que se destacaram nos dois manuais de História da Educação. Provavelmente, porque a obra *Do Contrato Social*, uma de suas principais, inspirou muitos dos revolucionários e regimes nacionalistas e opressivos por toda a Europa continental, defendendo princípios da soberania popular e da igualdade de direitos. Além da sua outra importante obra *Emílio ou da Educação* que pregava o desenvolvimento livre e espontâneo da criança, uma oposição radical à pedagogia da essência, primando pela pedagogia da existência, por meio da qual a educação não objetiva preparar a criança para o futuro ou para a modelação, mas para a própria vida da criança.

O que busco demonstrar é que, apesar de diferirem parcialmente na organização na estrutura dos conteúdos em seus sumários, Afrânio Peixoto e Theobaldo Miranda Santos acompanham a mesma idéia de evolução da civilização pela educação, inclusive pela forma categórica com que escrevem sobre os educadores que se tornaram as principais “escolhas” para a formação da História da Educação enquanto disciplina formadora.

Aproximadamente, cem páginas são dedicadas no manual de Miranda Santos para explicar o naturalismo pedagógico (séculos XVII, XVIII e XIX), divididas em educações: realista, disciplinar, pietista, racionalista, naturalista, filantropista,

revolucionária, psicológica e científica; sendo semelhante sua forma de adequar os títulos ao do manual de Paul Monroe.

Miranda Santos nos chama a atenção ao escrever sobre a educação revolucionária propagada pela Revolução Francesa. Segundo ele, esta revolução nada fez de positivo para melhorar e expandir a educação popular, pois sua obra foi negativa e destruidora, principalmente para as ordens religiosas.

Mas a escrita de Peixoto por sua vez, antecede para as normalistas que a Revolução teve um significado “transcendente” para a educação: “a Igreja deixara cair, das mãos, o *contrôle* (sic) da educação pública, tomou-o o Estado...” (PEIXOTO, 1942, p. 204).

Encontrei neste momento um lugar de disputa, pois para o engajado Afrânio Peixoto “educação é progresso”, e revolucionários, como Condorcet, estavam corretos ao querer educação para o povo e para as mulheres por meio do estabelecimento dos graus escolares (primárias, secundárias, faculdades), contrariando assim o pensar de Theobaldo Miranda Santos que se sentiu incomodado ao perceber que a Igreja perdera seu espaço. Nesta relação, fica evidente que o “católico” (Miranda Santos) e o “pioneiro” (Afrânio Peixoto) mostram seus engajamentos, escrevendo sobre o que acreditavam.

Jean Paul SARTRE na apresentação de *Os tempos modernos* (1945) comenta sobre a missão dos escritores, afirmando que não somos livres para não escolher, somos todos engajados. Nesta perspectiva, entendo que Afrânio Peixoto e Theobaldo Miranda Santos são intelectuais engajados, porque ao analisarem/criticarem o passado, mostram em seus apontamentos o sentimento (enquanto modo de vida e de concepção do mundo) de pertencimento a um grupo específico, o sentimento de missão social, de engajamento político, e, por fim defenderam “a centralidade da questão educativa/formativa no projeto moderno de reforma social” na qual acreditavam (VIEIRA, 2004). Ou ainda, nos termos de Edgar MORIN (1986): quando os filósofos descem de sua torre de marfim ou os técnicos ultrapassam sua área de aplicação especializada para defender, ilustrar ou promulgar teses que têm valor cívico, social ou político, eles se tornam intelectuais.

Nesta perspectiva entendo que a escrita destes autores é pragmática porque visa, antes de compreender o passado, dizer o que é preciso fazer no presente. Este pragmatismo presente nos manuais de História da Educação revela o engajamento dos autores, percebido na forma como escrevem e defendem o que é possivelmente “melhor” para o futuro.

Após os conteúdos contemplados na “Idade Moderna”, Afrânio Peixoto nomeia a terceira parte de educação contemporânea, utilizando a lógica de expor noções de filosofia e de pedagogia a partir da trajetória e das idéias dos ícones do pensamento. Sendo assim, idéias sobre Pestalozzi, Herbart, Froebel, Comte, Stuart-Mill, são expostas a partir de fontes a que os leitores não têm acesso.

OBRA E AUTOR	TÍTULO DO CAPÍTULO	CONTEÚDOS CONTEMPLADOS	Nº DE PÁGINAS
AFRÂNIO PEIXOTO	III- A EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA	<p>I. PESTALOZZI, GIRARD, FROEBEL, HERBERT, J. P. RITCHER, ENSINO MUTUO</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Sincronismo</li> <li>• Pestalozzi, Gerard, Froebel, Herbert</li> <li>• Educadores contemporaneos: <ul style="list-style-type: none"> <li>Franke</li> <li>Basedow</li> <li>Pestalozzi</li> <li>Gerard</li> <li>Froebel</li> <li>Fetche</li> <li>Herbert (Herbert)</li> <li>J. P. Richter</li> <li>“Mutual System”: ensino mutuo</li> <li>André Bell</li> <li>José Lencaster</li> </ul> </li> </ul> <p>II. COMTE, STUART-MILL, SPENCER, BAIN, FREUD. ENSINO DOS ANORMAIS</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Sincronismo</li> <li>• Comte, Sturt-Mill, Spencer, Bain</li> <li>• Stuart-Mill</li> <li>• Spencer</li> <li>• Bain</li> <li>• Freud</li> <li>• Surdos-mudos</li> <li>• Cegos</li> <li>• Deficientes mentais</li> <li>• Menores abandonados</li> <li>•</li> </ul> <p>III-IV. ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA DO NORTE</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Sincronismo</li> <li>• Os Estados Unidos: de Mann a Dewey</li> </ul>	145

		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Horace Mann</li> <li>• William James</li> <li>• John Dewey</li> </ul> <p>V. AMÉRICA LATINA</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Sincronismo</li> <li>• A América Latina</li> <li>• Domingos Sarmiento</li> <li>• José Pedro Varela</li> </ul> <p>VI-VII-VIII. BRASIL</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Sincronismo</li> <li>• Brasil</li> <li>• Portugal</li> <li>• Jesuitas</li> <li>• Marquês de Pombal: subsidio literário</li> <li>• Monarquia</li> <li>• A República</li> <li>• <i>Educadores Brasileiros:</i> Vicente Rodrigues Aspilcueta Navarro José de Anchieta Antonio Blasques José Lins Coutinho Dom Pedro II Abilio Cesar Borges Menezes Vieira Rui Barbosa Medeiros e Albuquerque Azevedo Sodré</li> </ul> <p>IX. ESCOLA NOVA</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Sincronismo</li> <li>• Escola Nova: escola única, ativa, progressiva</li> <li>• Ensaios precursores da escola nova</li> <li>• <i>Novos educadores</i> Tolstoi Arnold Sanderson Reddie Badley Desmoulins Leitz Binet Durckheim Wincken Geheeb Ferriere Baden-Powell Kerschensteiner Petzoldt Parkhurst Wushburne Cousinet Gentile Radice</li> </ul>	
--	--	--	--

		Os Russos Tagore D. Armada Alvaro Alberto Montessori Decroly Dewey Claparède	
		CONCLUSÕES	

Em todos os capítulos do manual de Peixoto, fica evidente que o autor elide as suas fontes. Também se observa a busca em estabelecer conexões com a cultura, a economia, a política, enfim, com outros contextos societários, a partir de um procedimento *sui generis* de iniciar os capítulos por um item denominado “sincronismo” (poderemos visualizar um exemplo deste no capítulo 4 deste trabalho). Nestes capítulos são arrolados, em ordem cronológica, acontecimentos que, provavelmente, foram considerados pelo autor como significativos na História e que se encontram cronologicamente aproximados dos problemas e das idéias educacionais que serão tratados no capítulo. As relações entre estes acontecimentos e os contextos educacionais abordados ficam apenas sugeridas, pois não há, por parte do autor, esforço analítico visando demonstrar estas conexões.

Torna-se importante ressaltar a presença recorrente nos diferentes itens que tratam sobre o sincronismo de episódios da história política e militar, tais como invasões, sucessões e batalhas; da história intelectual, tais como criação de bibliotecas, universidades e o aparecimento de obras; bem como episódios que compõem a história religiosa, em particular, a do cristianismo.

Na última parte do manual escrito por Peixoto – depois de deslocados itens sobre surdos-mudos, cegos, deficientes mentais e menores abandonados – surgem capítulos específicos sobre os Estados Unidos, a América Latina e o Brasil (ênfasis no capítulo 3 deste trabalho). O Brasil e os Estados Unidos são os únicos países a receber destaque especial. A ênfase nesta parte da obra está em dar conselhos às futuras professoras e mostrar os *erros* cometidos contra a América Latina e contra o Brasil.

Sobre a América Latina fica clara sua aversão ao tema da revolução, tal como podemos perceber na sua análise:

Passando a vista na cronologia latina da América dois fenômenos, um físico, outro social, chamam logo a atenção: são os terremotos e as revoluções. Parecem-se, bem que independam. Sismos da terra e do homem, explicados pela natureza vulcânica de toda a cordilheira de montanhas que beira o Pacífico e pela natureza rude, ineducada, de toda a descendência latina na América. O contraste com a América inglesa é frisante: pela educação está ela *leaderando* o mundo; a América latina é pasto do caudilhismo militar e civil, que não sabe governar-se, e, na ambição do poder, – mando e usufruto dos bens públicos, – destrói a ordem interna ou *pêlea* com os vizinhos do continente, continuamente... Agora mesmo estão quase todos em revoluções internas e quatro em estado de guerra. (PEIXOTO, 1942, p. 269)

Na Companhia Editora Nacional – IBEP, tive acesso a um Parecer da Comissão Nacional do Livro Didático que se posicionava contrariamente a este capítulo sobre a América Latina:

No tocante às observações da Seção I referentes às expressões pouco felizes, sobretudo do pequeno capítulo – “A educação na América Latina” – está a Seção F de pleno acôrdo, não acontecendo o mesmo, entretanto, quanto as conclusões.

Os artigos citados pela secção I, como os demais artigos do Decreto-Lei nº 1006, de 30 de dezembro de 1938, que impedem a aceitação de qualquer livro em nossas escolas, de modo algum vedam posteriormente sua adoção se o autor houver eliminado em nova edição a parte inconveniente, digo, proibida.

CONCLUSÃO: Em face do exposto é a Seção F de parecer que o livro em apreço e constante do processo nº 37.321/40 pode ter seu uso autorizado logo que o autor elimine as expressões assinaladas pela Seção I e, de acôrdo com a legislação em vigor, atenda ainda às exigências já feitas por essa Seção, em parecer de 5 de agosto do ano corrente.

Sala de sessões, em 7 de Outubro de 1941.

No arquivo onde se encontrava este parecer, pude verificar a presença de vários outros elaborados pela Comissão Nacional do Livro Didático, que exigiam revisão, modificação, alteração e correção de vários outros livros. Infelizmente não encontrei as observações preliminares feitas pela Comissão a Afrânio Peixoto. Mas, ao observar as três edições não verifiquei nenhuma modificação significativa no teor de seu texto. Há apenas uma alteração logo na primeira frase deste capítulo:

Na 1ª edição:

Procurando passagem para a Ásia, pelo Ocidente, encontraram os Espanhóis “ilhas”, antes do Cipango ou Japão (...). (PEIXOTO, 1933, p.205)

Na 3ª edição:

Procurando passagem para a Ásia, pelo Ocidente, encontrou Colombo a América, antes do Cipango ou Japão (...). (PEIXOTO, 1942, p.267)

No restante, as palavras audaciosas e trechos críticos, são freqüentemente observados neste capítulo:

A América deu ao mundo o milho, o tabaco, a batata inglesa (do Chile), o cacau (do México), o abacate (da América Central), a baunilha, o pau brasil, o cactus e a cochonilha ou o carmim, o ananás, a mandioca (do Brasil), a dalia, as chagas ou *capucines* (...). Ouro, prata, diamantes foi que buscavam os Espanhóis, só preocupados com lendário El-Dourado. Em troca martirizaram com inaudita crueldade às raças autoctonas, destruídas a ferro e fogo, com a colaboração do fanatismo religioso. Trouxeram-nos, os Europeus, o alcoolismo, a varíola, a sífilis, a tuberculose, a febre amarela (africana) e o tráfico dos negros para a exploração colonial, os privilegios de navegação e de comercio, a Inquisição... Um vice-rei de Lima dizia, num colegio: “Aprendeí a ler, escrever, a dizer as vossas rezas, é tudo o que um americano deve saber...” (PEIXOTO, 1942, p. 268, grifos nossos)

Sobre a educação americana, nos dois capítulos dedicados a este país, Peixoto assume em sua narrativa a condição deste, como modelo de educação moderna: “a América não teve deuses, nem reis; foi, desde o principio, o primeiro momento, uma heterogenea (sic) democracia, que vai sendo homogenea (sic) democracia. E democracia exige conhecimento ou educação (...)” (PEIXOTO, 1942, p. 251).

Por fim, no último capítulo, o movimento pela escola nova é analisado. As teses da Escola Nova (que são analisadas no capítulo 3 deste trabalho) concluem a obra de Peixoto, porém estiveram presentes na problematização das *Noções* ao longo de todo o itinerário de evolução histórica das idéias pedagógicas, pois elas exercem na narrativa africana a função de contraponto para a realização dos julgamentos sobre os acertos ou sobre os erros dos antigos, dos medievais e/ou dos modernos.

No capítulo sobre o “Néo-Naturalismo Pedagógico” e o “Anti-Naturalismo Pedagógico”, Miranda Santos enfoca as características da educação nos séculos XIX e XX, dividindo-a em temáticas específicas: educação individualista, socialista, nacionalista, pragmatista, técnica, espiritualista e cristã, e nestas ele enfatiza a



presença dos principais representantes dos “tipos de educação”. A educação brasileira é tratada como um apêndice na obra deste autor.

OBRA E AUTOR	TÍTULO DO CAPÍTULO	CONTEÚDOS CONTEMPLADOS	Nº DE PÁGINAS
THEOBALDO MIRANDA SANTOS	1. O NÉO-NATURALISMO PEDAGÓGICO	<p>1. A EDUCAÇÃO INDIVIDUALISTA: Caracteres gerais da educação individualista. O individualismo e a educação. Aspectos filosóficos e sociológicos do individualismo. Formas de individualismo. Origem e evolução do individualismo moderno. Educadores individualistas. Leão Tolstoi. Helena Key. Luís Gurlitt. Notas. Leituras. Bibliografia.</p> <p>2 A EDUCAÇÃO SOCIALISTA: Caracteres gerais da educação socialista. O socialismo e a educação. Aspectos filosóficos do socialismo. Origem e evolução do socialismo moderno. Os sociologistas e os socialistas propriamente ditos. Educadores socialistas. Paulo Natorp. Jorge Kerschensteiner. Emílio Dürkheim. Notas. Leituras. Bibliografia.</p> <p>3. A EDUCAÇÃO NACIONALISTA: Caracteres gerais da educação nacionalista. O nacionalismo e a educação. Aspectos filosóficos do nacionalismo. Origem e evolução do nacionalismo moderno. Formas de nacionalismo totalitário. Fascismo e nazismo. Educadores nacionalistas. Fichte. Ernesto Krieck. Alfredo Bauemler. Filipe Hoerd. Frederico Sturm. Notas. Leituras. Bibliografia.</p> <p>4. A EDUCAÇÃO PRAGMATISTA: Caracteres gerais da educação pragmatista. O pragmatismo e a educação. Aspectos filosóficos do pragmatismo. Origem e evolução do pragmatismo moderno. Educadores pragmatistas. John Dewey. William Kilpatrick. Boyd H. Bode. Notas. Leituras. Bibliografia.</p> <p>5. A EDUCAÇÃO TÉCNICA: Caracteres gerais da educação técnica. A tendência técnica da educação. Origem e evolução da educação renovada. Métodos ativos e escolas novas. Método Montessori. Plano Dalton. Método de projetos. Método Decroly. Método Cousinet. Plano Jena. <u>Sistema</u> Winnetka. Escolas Novas inglesas. Escolas novas alemãs. Escolas novas austríacas. Escolas novas francesas. Escolas novas belgas e holandesas. Escolas novas suíças. Escolas novas italianas. Escolas novas russas. Escolas novas norte-americanas. Notas. Leituras.</p>	77

		Bibliografia.	
	VIII. O ANTI-NATURALISMO PEDAGÓGICO	<p>1. A EDUCAÇÃO ESPIRITUALISTA: Caracteres gerais da educação espiritualista. O anti-naturalismo pedagógico e a educação. Reflexos do naturalismo do século XIX na pedagogia contemporânea. Reação anti-naturalista do século XX. Reabilitação do espiritualismo no campo da ciência e da filosofia. Educadores espiritualistas. Emílio Boutroux. Rodolfo Eucken. Notas. Leituras. Bibliografia.</p> <p>2. A EDUCAÇÃO CRISTÃ: Caracteres gerais da educação cristã. O cristianismo e a pedagogia moderna. Unilateralidade das bases filosóficas dos sistemas pedagógicos contemporâneos. Aspecto sintético, orgânico e universal da pedagogia cristã. Educadores cristãos. Gregório Girard. Felix Dupanloup. S. João Bosco. Otto Willmann. J. H. Newman. J. L. Spalding. Frederico Foerster. Notas. Leituras. Bibliografia.</p> <p>APÊNDICE</p> <p>A EDUCAÇÃO BRASILEIRA</p> <p>Evolução da educação brasileira. <i>Período colonial</i>. Papel dos jesuítas na educação e civilização do Brasil. As primeiras escolas e os primeiros mestres. A figura imensa de Anchieta. Influência do domínio holandês. A reforma de Pombal e a expulsão dos jesuítas. Decadência do ensino no fim do período colonial. <i>Período monárquico</i>. D. João VI, fundador de instituições. O império e a educação. O Ato Adicional. Projetos e reformas do período imperial. Pareceres de Rui Barbosa. Escolas e educadores do Império. <i>Período republicano</i>. A educação e as transformações sociais, políticas e econômicas da República. Reformas de Benjamin Constant, Eptácio Pessoa, Rivadávia Correia, Carlos Maximiliano e Rocha Vaz. A guerra de 1914 e suas conseqüências. Inquietação social e política do Brasil. A revolução de 1930 e seus reflexos no âmbito pedagógico e cultural. Reformas de Fernando de Azevedo, Francisco Campos, Lourenço Filho e Anísio Teixeira. As novas idéias educacionais. A Constituição de 1934 e a educação nacional. O Estado Novo e sua obra educativa e cultural. Reformas e realizações do Ministro Gustavo Capanema. A Reforma Henrique Dodsworth no Distrito Federal. A educação brasileira e a guerra mundial. Bibliografia.</p>	66

É interessante ressaltar que Peixoto encerra sua obra enfocando questões sobre a “Escola Nova”, por sua vez, Miranda Santos encerra enfocando as características gerais da “educação cristã” (retratada no capítulo 3). Em termos de idéias educacionais, na obra de Peixoto, a presença do tema da escola nova no último capítulo da obra visa a representar esta concepção da pedagogia como o último elo deste longo processo civilizatório, marcado pela luta entre o arcaico e o moderno, entre o selvagem e o civilizado. No mesmo sentido, Miranda Santos, ao enaltecer a pedagogia cristã em seu último capítulo, demarca a harmonização entre razão e fé, ciência e religião, espiritualidade e modernidade.

Apesar desta distinção na forma de organizar os conteúdos, os autores não se distanciam da linearidade e da evolução histórica pretendida para ensinar as normalistas. Ou seja, os manuais revelam uma concepção linear, cronológica e evolutiva das idéias educativas na história. Visam representar a saga da civilização na sua evolução rumo à modernidade. Nos termos postos em *Noções* de Peixoto, materializa-se na democracia liberal, na indústria e na Escola Nova. Na obra de Miranda Santos materializa-se na pedagogia cristã reavivada na modernidade.

Esta transferência dos valores do presente para julgar o passado, bem como o permanente esforço de apontar erros e acertos na história, revelou uma marca forte desta espécie de escrita da história: o *anacronismo*. Este procedimento é parte de uma operação intelectual que buscou na História utilidade, ou melhor, elementos de justificação e de legitimação de projetos educativos e políticos em curso no seu presente, demonstrando dependência deste presente em relação à história do passado. Neste sentido, a leitura feita do passado pelos autores dos manuais, através de um vocabulário atualizado, também gera anacronismos conceituais.

Este anacronismo presente nas narrativas de Peixoto e Miranda Santos é decorrente da perspectiva de problematizar o passado, da História Antiga à História Moderna, a partir dos problemas políticos e educacionais em disputa nos anos trinta do século passado.

Neste sentido, as obras encerram uma concepção de história escatológica, articulada a uma gênese (cultura greco-romana), a um processo de desenvolvimento (idade média, renascimento, iluminismo, etc) e a um fim (sociedade moderna). Trata-

se de uma escrita escatológica, uma vez que adere à filosofia da história do progresso, apoiada na inexorabilidade da evolução e da modernização da sociedade, bem como assume a idéia de fim na história. Este fim, por sua vez, consiste na perfeição da sociedade e na visão *salvacionista* desta mesma sociedade pela educação. Estes são traços pertencentes aos dois manuais de história da educação aqui analisados.

### 3 EDUCAÇÃO BRASILEIRA NOS MANUAIS DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

#### 3.1 O “pioneiro” e o “leigo católico”: *a educação brasileira reinventada*

Entre os autores que escreveram sobre a História da Educação, publicados entre 1889 e 1990, Clarice NUNES (1996) nos lembra a presença de médicos, técnicos educacionais, políticos profissionais, professores universitários, religiosos e leigos católicos. Assim, para além das informações sobre a formação profissional dos autores, vale lembrar que Afrânio Peixoto foi um dos “pioneiros” da escola nova e Theobaldo Miranda Santos, um “leigo católico”.

A formação profissional e ideológica desses educadores-escritores nos importa à medida que seus textos revelam posicionamentos e “verdades” interligadas à sua formação cultural e intelectual, como também ao contexto vivido. Assim sendo, antes de iniciar a análise sobre o conteúdo de educação brasileira presente nas duas obras, apresento brevemente o contexto vivenciado por estes dois autores que reflete no interior de suas narrativas. Neste sentido, temos como contexto principal a década de 1930.

O período que antecedeu 1930 deu margem a uma série de acontecimentos de grande expressão no campo do ensino no Brasil. Em 1924, foi fundada na cidade do Rio de Janeiro a Associação Brasileira de Educação (ABE), agregando grupos de educadores e de movimentos pela renovação educacional que objetivavam uma campanha “cívico-educacional” (CARVALHO, 2005, p. 88). No entanto, um embate de doutrinas fez-se presente no cenário pedagógico a partir de 1930, e estes mesmos grupos de educadores tornaram-se antagônicos, ao mesmo tempo defendendo e disputando a escola e seus aparatos educativos.

Na disputa, os grupos em questão, “pioneiros” e “católicos”, não se restringiam à luta por um mercado editorial ou pela defesa de suas teorias pedagógicas, antagonizavam-se nas propostas de controle técnico e doutrinário das escolas. A escola, como enfatiza Marta M. Chagas de CARVALHO, tornou-se um lugar de disputa destas frentes, sendo que a questão principal era “(...) ganhar a adesão do professor a preceitos pedagógicos capazes de fazer da escola um instrumento eficaz de

‘organização nacional através da organização da cultura’ tal como diferencialmente postulavam os dois grupos em confronto” (2005, p.89).

Os “católicos” integraram na década de 1920 a ABE, abandonando-a em 1932. Passaram então a integrar e a se articular à *Associação dos Professores Católicos do Distrito Federal* e ao *Centro D. Vital* de São Paulo, do qual Miranda Santos fez parte, e à *Confederação Católica Brasileira de Educação*, em 1934. Os “pioneiros”, signatários do *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, sendo Peixoto um deles, ocuparam cargos governamentais, empenharam reformas de ensino na qualidade de técnicos, assumindo a ABE a partir de 1932.

Segundo CARVALHO (2002), o Manifesto redefiniu o campo de debates sobre a educação. O que na década de 1920 convergia a um mesmo ponto os dois grupos em torno da causa cívico-educacional, com o Manifesto passou a confrontar posicionamentos: escola única x escola dual; ensino público x ensino particular; ensino leigo x religioso. E no âmago deste confronto entre católicos e pioneiros nascia outro, no campo pedagógico, advindo das novas idéias propagadas pela Europa e pelos Estados Unidos.

Mas, mesmo sobre esta perspectiva de divergências vividas na década de 1930, CARVALHO (2002) nos lembra que estes antagonistas viviam à luz de uma “zona de consenso”. Tal consenso era figurado por um programa de organização nacional através da organização da cultura, sendo a educação o instrumento fundamental para moldar, modernizar e controlar a sociedade, pelas mãos de uma elite que deveria direcionar o que era proposto. Desta forma entendemos que a educação para esta elite foi o instrumento de unificação, moralização, disciplinarização e homogeneização social.

No campo pedagógico, os dois grupos demarcavam seus espaços. Possuíam doutrinas e formas de pensar os mecanismos da escola diferentemente. O pensar católico *julgava* as novas pedagogias. Segundo CARVALHO (2002), neste “tribunal”, as pedagogias que não contrariassem os princípios estabelecidos pela proposta católica (princípios fixados pela encíclica *Divini Illius Magistri*), eram reconhecidas, mas as que se distanciassem destes princípios eram consideradas más pedagogias. Assim, por um lado se construía um discurso escolanovista católico, a fim de ganhar a adesão dos

professores, e, por outro, os católicos desejavam ser reconhecidos como autoridade tecnicamente competente para julgar a forma de pensar dos seus adversários.

(...) os católicos lançaram boletins e revistas, organizaram Congressos, realizaram cursos e conferências, no propósito de regar a sedução exercida pelo escolanovismo sobre o professorado. Neste empreendimento, tiveram talvez mais êxito do que comumente se supõe, atingindo não somente as práticas dos professores das escolas católicas, mas também as do professorado católico das escolas públicas. Por tudo isto, a sua influência deveria ser rastreada não somente na oposição que fizeram às proposições escolanovistas avançadas pelos chamados Pioneiros da Educação Nova, mas também nas práticas pelas quais difundiram versões depuradas da nova pedagogia, conformadas ao dogma católico. (CARVALHO, 2003, p. 103)

A proposta dos pioneiros, ao contrário dos católicos que desejavam a transformação da educação via doutrinação, estava articulada à prática de execução do projeto de instaurar o novo, uma nova educação para uma nova civilização, como nos revela a citação a seguir:

Propor uma *nova educação* para *uma nova civilização* era invadir um território perigoso. O que o *slogan* põe em cena no debate pedagógico não são questões técnicas ou metodológicas, mas questões de fins. Atrelar a discussão dessas questões aos valores de uma civilização em mudança, autonomizando-a não somente do referencial doutrinário católico, mas, mais radicalmente, do campo dos valores postuladamente universais das filosofias perenes, era desautorizar, pela base, quaisquer pretensões católicas no domínio pedagógico. Demarcava-se, assim, o território do confronto, contraditando-se o programa de preservação da tradição católica na conformação da sociedade brasileira. (CARVALHO, 2002, p.21)

No território aberto de confronto, diretrizes sociais e educacionais evidenciavam o antagonismo existente entre “católicos” e “pioneiros”. Mas, nas entrelinhas, revelavam-se consensos sobre a representação de sociedade brasileira, sobre o papel desempenhado por uma elite intelectual capaz de conduzir o povo, sobre a educação enquanto transformadora da sociedade e, sobre a formação de professores primários, pensados como “organizadores da alma popular” (CARVALHO, 2002). Nesta perspectiva de análise, busco na história da História da Educação brasileira, narrada por Afrânio Peixoto e Theobaldo Miranda Santos, verificar as aproximações e os dissensos entre o “pioneiro” e o “leigo católico”.

Poucas páginas são destinadas à educação brasileira na obra de Theobaldo Miranda Santos. Das 513 páginas de seu manual (3ª edição), 30 páginas são reservadas

ao Brasil, divididas em Período Colonial, Período Monárquico e Período Republicano. A seguir mostro as referências bibliográficas que o autor utiliza para escrever este capítulo sobre o Brasil, lembrando que transcrevi com cuidado o que está disposto no final do capítulo:

- I. *L'Instruction Publique au Brésil*, de J. R. Pires de Almeida. Rio de Janeiro, 1889.
- II. *A Cultura Brasileira*, de Fernando de Azevedo. 2. ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.
- III. *Parecer sobre a Reforma do Ensino Secundário e Superior*, de Rui Barbosa. Rio de Janeiro: Imp. Nacional, 1882.
- IV. *Parecer sobre a Reforma do Ensino Primário*, de Rui Barbosa. Rio de Janeiro: Imp. Nacional, 1883.
- V. *Os Jesuítas no Brasil*, de Pe. L. G. Cabral. São Paulo, 1925.
- VI. *História Social do Brasil*, de Pedro Calmon. 2. ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.
- VII. *A Instrução e o Império*, de Primitivo Moacir. 4 vols., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936 e 1937.
- VIII. *A Instrução e a República*, de Primitivo Moacir. Rio de Janeiro: Imp. Nacional, 1941.
- IX. *História da Pedagogia*, de F. Peeter, M. Cooman e A. Madres. São Paulo, 1936.
- X. *Noções de História da Educação*, de Afrânio Peixoto. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933.
- XI. *Cem Anos de Ensino Primário*, de Afrânio Peixoto. Centenário da Camara dos Deputados, Rio de Janeiro, 1926.
- XII. *História do Brasil*, de Jônada Serrano. Rio de Janeiro, 1931.
- XIII. *Educação Comparada*, de Milton Silva Rodrigues. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.
- XIV. *A Instrução Pública*, de M. P. de Oliveira Santos. In: *Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico*, Rio de Janeiro: Imp. Nacional, 1832.
- XV. *A educação nacional no regime republicano*, de Brandão Teixeira. Rio de Janeiro: Imp. Nacional, 1907.
- XVI. *A educação nacional*, de José Verissimo de Mattos. Belem, 1896.
- XVII. *A instrução e a Imprensa*, de José Verissimo de Mattos. In: *Livro do Centenário*, Rio de Janeiro: Imp. Nacional, 1900.
- XVIII. *Formação Brasileira*, de Hélio Viana. Rio de Janeiro, 1935.
- XIX. *História do Ensino Secundário do Brasil*, de A. Figueira Almeida. Rio de Janeiro, 1936.
- XX. *A Instrução Pública do Brasil*, de Cons. J. Liberato Barroso. Rio de Janeiro: Garnier, 1867.
- XXI. *Os Jesuítas no Brasil*, de J. Pandiá Calógeras. Rio de Janeiro: Imp. Nacional, 1911.



A primeira edição do livro de Afrânio Peixoto possuía vinte capítulos totalizando 282 páginas, sendo dedicados três capítulos para a educação brasileira e um capítulo (final) para a Escola Nova. A terceira edição, publicada em 1942, analisada neste trabalho, passou a ter vinte e um capítulos totalizando 357 páginas, tendo um acréscimo de páginas nos capítulos sobre a educação brasileira (como aquele dedicado à Escola Nova). Suas referências não são declaradas, por isso buscamos compor uma listagem de autores a partir das citações que integram seu texto sobre a educação brasileira:

- I. *Azevedo Sodré* (Antonio Augusto de Azevedo Sodré, 1864-1929, médico, professor, deputado federal).
- II. *Cartas Avulsas dos Jesuítas*, XVI e XLII, p. 139, p. 154, 1554.
- III. *Condorcet* (Marie Antoine Nicolas Caritat, 1743-1794, francês, destacou-se nas ciências exatas).
- IV. *Gilberto Freire*.
- V. *Isaias Alves*.
- VI. *João de Barros* (1496-1570, português, historiador, escritor e gramático).
- VII. *José Veríssimo* (José Verissimo de Mattos, 1857-1916, jornalista, professor, crítico e historiador).
- VIII. *Luccock* (John Luccock, s. d., inglês, comerciante).
- IX. *Luiz “Agassis”* (Luiz Agassiz, 1817-1873, suíço, naturalista e professor).
- X. *Moreira de Azevedo*.
- XI. *Oziel Bordeaux Rego*.
- XII. *Pires de Almeida* (José Ricardo Pires de Almeida).
- XIII. *Ribeiro de Andrade*.
- XIV. *Rodolfo Dantas*.
- XV. *Rui Barbosa*.
- XVI. *Tavares Bastos* (Aureliano Cândido Tavares Bastos, 1839-1875, advogado, jornalista, deputado federal).
- XVII. *Vida de José de Anchieta*, de Padre Pero Rodrigues. An. da Bib., 1909, p. 109.

Alguns autores utilizados por Afrânio Peixoto neste capítulo retrataram um Brasil com problemas sociais, econômicos e educacionais. Como exemplo, Peixoto utiliza as observações feitas por Luccock<sup>33</sup>, que esteve em visita ao país no começo do século XIX, para demonstrar a triste impressão que as escolas brasileiras revelavam com relação às salas de aula “acanhadas e sem ar”, e sobre a condição dos alunos de

---

<sup>33</sup> Acreditamos que o “Luccock” a que se refere Afrânio Peixoto, seja na verdade John Luccock – inglês, comerciante, que permaneceu no Brasil de 1808 a 1818 realizando negócios e, que tempos depois, baseado em suas anotações, escreveu seu único livro intitulado: *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*, publicado em 1821.

“olhar estúpido de olhos remelentos, dentes sujos, nem sequer boas maneiras” (1942, p. 284). E descreve o “martírio do ensino colonial antes da independência” utilizando palavras de Gilberto Freyre:

Felizes os meninos que aprenderam a ler e a escrever com professores negros, doces e bons. Devem ter sofrido menos que os outros: os alunos de padres, frades, “professores pecuniarios”, mestres regios, estes uns ranzinhas terríveis, sempre fungando rapé: velhos caturras de sapato de fivela e vara de marmelo na mão. Vara ou palmatoria. Foi à força de vara e palmatoria que os antigos, nossos avós e bisavós aprenderam latim e gramática, doutrina e historia sagrada (1942, p.284).

Tanto Afrânio Peixoto como Theobaldo Miranda Santos citam Moreira Azevedo, autor do artigo intitulado: *A instrução nos tempos Coloniais*, publicado na Revista Trimestral em 1892, no Rio de Janeiro para enfatizar que os professores eram mal remunerados, pouco considerados, não tinham aptidão e infligiam castigos corporais excessivos aos alunos.

Os textos sobre a história da educação brasileira de Theobaldo Miranda Santos e de Afrânio Peixoto iniciam pelo Período Colonial, enfatizando a missão dos primeiros educadores brasileiros, os jesuítas. Estes educadores, aos olhos do “pioneiro” e do “leigo cristão”, expandiram o processo de civilização da sociedade brasileira, consequência de sua organização do sistema de ensino, como afirma Afrânio Peixoto ao escrever que a “influencia dos Jesuitas foi tão exclusiva que só houve escolas por onde eles andaram: em Minas, aonde não chegaram, ainda em 1776 não havia nenhuma escola ...” (PEIXOTO, 1942, p. 280). Afrânio Peixoto termina seu texto sobre o Período Colonial lembrando os leitores a influência da Universidade de Coimbra na cultura brasileira, ao se referir à grande quantidade de brasileiros que saíram do Brasil para estudar em Portugal.

Segundo Miranda Santos e Peixoto, os jesuítas foram responsáveis pela criação e expansão de unidades escolares – importantes centros de desenvolvimento social, “econômico e espiritual” (SANTOS, 1951, p. 491). Nesta concepção, o católico não deixou de enfatizar a importância dos princípios da moral cristã, considerado um importante subsídio para reforçar sua crença na pedagogia católica:

Não foi, porém, somente, esse estado lastimável de primitivismo, de ignorância e de abandono que dificultou os primeiros passos dos jesuitas na

sua árdua e espinhosa tarefa de civilizar e cristianizar o Brasil. Tiveram de lutar ainda contra a ganância e a desonestidade dos funcionários portugueses e a cupidez e o despotismo dos senhores de fazenda e de engenhos, bem como contra a licenciosidade e o desregramento moral que dominavam, na época, a vida social da colônia. (SANTOS, 1951, p. 486)

(...) Anchieta [Padre José de Anchieta] dava aulas de leitura, escrita, contas e música aos índios, aos filhos de portugueses e aos próprios irmãos. (...) Para gravar os ensinamentos cristãos na alma dos índios, como para lembrá-los aos portugueses que os tinham esquecido, pelo menos na prática da vida, Anchieta ainda achava tempo para compor cenas dramáticas, em que o vício era ridicularizado e profligado e a virtude recompensada. Cantos à Nossa Senhora, à Sagrada Eucaristia, procissões, iluminações, nada era poupado para falar ao coração e aos sentidos. (SANTOS, 1951, p. 488-9, grifos nossos)

Para estes educadores, ao contrário da ação dos jesuítas, a reforma pombalina andou na contramão do desenvolvimento da civilização brasileira. A seguir, duas citações mostram estes consensos:

Quando a Companhia [de Jesus] foi expulsa, em 1759, sob o MARQUÊS DE POMBAL, depois de duzentos e dez anos de prestante influência social e educativa em nossa terra, sofreu o Brasil a primeira e desastrosa, como tantas aliás, de suas reformas de ensino. (PEIXOTO, 1942, p. 281)

A reforma de Pombal lavrou a sentença de morte do ensino da Colônia. As instituições escolares que se fundaram, a partir da expulsão dos jesuítas, insuficientes e fragmentárias, dirigidas por professores mercenários e incompetentes, jamais poderiam substituir as escolas bem organizadas da Companhia de Jesus cuja força educativa consistia, sobretudo, no ideal superior que as impulsionava. (SANTOS, 1951, p. 492)

Em síntese, ambas as narrativas discorrem favoravelmente sobre o papel histórico desempenhado pelos padres da Companhia de Jesus, sobre suas iniciativas de educar os índios e os colonos e ainda sobre a organização da primeira rede de escolas na colônia. Críticas duras a Pombal são delineadas pela expulsão dos jesuítas e, sobremaneira, pela dissolução da pequena estrutura educacional existente.

O Período Monárquico no manual de Miranda Santos é dividido em duas fases: Reino e Império. Afrânio Peixoto, apesar de não revelar esta subdivisão, também compõe seu texto escrevendo sobre o Reino e o Império.

Com relação ao reino, Miranda Santos faz um balanço do ensino no período de D. João VI, comentando que, apesar das numerosas escolas superiores e instituições sociais criadas, não houve progresso com a educação popular – o ensino secundário e primário era deficiente e fragmentário, não sendo objeto de preocupação do Estado e

nem objeto de interesse do povo. Para o autor, o objetivo educacional proposto por D. João VI voltou-se para a formação de especialistas a fim de atender aos serviços do reino, não proporcionando aos indivíduos uma formação efetivamente intelectual/educativa.

Afrânio Peixoto, por sua vez, inicia seu texto sobre o Período Monárquico com alguns trechos do projeto de Constituição apresentado à Constituinte em setembro de 1823, revelando que este projeto preocupava-se com o ensino popular, tendo como signatários: Antonio Carlos, José Bonifácio, Pereira da Cunha Betencourt Sá, entre outros. Mas em tom crítico, escreve que este projeto não se efetivou e que nada se fez a favor da educação popular. Sendo assim, a Constituição outorgada pela Coroa em dezembro de 1823, não garantiu realmente a instrução primária gratuita que se buscava.

Miranda Santos, usando do mesmo “tom”, também destaca que esta Constituição, apesar de declarar que a instrução primária – garantida pelo artigo 179 – era gratuita a todos os cidadãos, não se efetivou de fato, pois “(...) até hoje o ensino primário não se tornou, realmente, gratuito a todos os cidadãos...” (SANTOS, 1951, p. 494).

Sobre a Proclamação da Independência e a Fundação do Império em 1822, Miranda Santos utiliza citações de Fernando de Azevedo tanto para tecer críticas às escolas deste período, quanto para criticar o Método Lancaster, ou de ensino mútuo, por quase dispensar a presença do professor da sala de aula. “Católico” e “pioneiro” pactuam nas críticas concedidas às escolas lencasterianas, ou de ensino mútuo, como verificamos a seguir:

(...) poucas, as escolas que se criaram, sobretudo as de meninas, que em todo território, em 1832, não passavam de 20, segundo o depoimento de Lino Coutinho, e na esperança ilusória de se resolver o problema de divulgação do método de Lancaster ou de ensino mútuo que quase dispensava o professor, transcorreram quinze anos (1823-1838) até que dissipassem tôdas as ilusões... (SANTOS, 1951, p. 495, grifos nossos)

Com o horror nacional ao esforço paciente e custoso, o método chamado *ensino mútuo ou lencasteriano* sorriu ao Governo.

(...) Na escola de LENCASTER os exercicios eram cadenciados, e em ordem disciplinar. Cada grupo de alunos (decuria) tinha um aluno menos ignorante (decurião) que dirigia os outros. O ensino mutuo dispensava assim quase o professor e os meninos mutuamente se ensinavam. Uma escola podia abrigar 500 alunos, para um só mestre. Muito e depressa e sem custo: o ideal para o

Brasil. Antecipação àquilo que viria a ser louvado, nos nossos dias, “regime dos não preparados.”(PEIXOTO, 1942, p.288, grifos nossos)

Segundo Miranda Santos, a não ser pela criação do Arquivo Público, do Instituto Histórico, no Rio de Janeiro em 1846, e da reforma do ensino primário e normal em São Paulo, em 1846, nada mais foi feito de importante para a educação brasileira entre 1835 e 1850. É interessante relatar na íntegra o balanço que Miranda Santos faz da fase imperial:

Um balanço das reformas de ensino promulgadas pelo Império, inclusive a de Couto Ferraz, o organizador liberal, e a de Leôncio de Carvalho, o inovador revolucionário, nos mostrará em tôdas elas, a falta de uma base doutrinária equilibrada e de uma política educacional definida. O Conselheiro Rodolfo Dantas parece ter sido o primeiro a encarar o problema com amplitude e objetividade ao elaborar, em seu famoso Relatório em 1882, um plano orgânico de organização do ensino de sentido eminentemente nacional. Êsse plano, consubstanciado num projeto de reforma apresentado ao Parlamento, não chegou a ser discutido. Mas foi estudado por uma comissão nomeada pela Câmara dos Deputados, da qual fazia parte Rui Barbosa. (SANTOS, 1951, p. 497-8)

Em certa medida, para os autores, as iniciativas do Estado Colonial e Imperial em termos de educação foram trágicas. As duas obras apresentam infundáveis críticas ao período monárquico. Neste sentido, Afrânio Peixoto em vários momentos deixa de lado a descrição sistematizada dos acontecimentos históricos para declarar sua repulsa ao passado que o precede, tecendo críticas à antiga formação de professores das Escolas Normais do país e buscando valorizar o presente em que está inserido, como podemos verificar na citação a seguir:

(...) outro escândalo, quasi tão grande continua. Outrora eram os mestres-escolas que se improvisaram, hoje são os mestres deles que se improvisam: essas escolas normais, como os ginasios de humanidades, recrutam o seu pessoal docente entre médicos, bachareis, engenheiros, ignorantes de pedagogia e de métodos de ensino, os quais, entretanto, leviana e criminosamente, se propõem a ensinar. Na República vai haver um clamor vão, de muitas décadas, pela fundação de uma escola normal superior, que está ainda longe de chegar... Em 1935, ANÍSIO TEIXEIRA e AFRÂNIO PEIXOTO criaram, na Universidade do Distrito Federal, o primeiro curso para professores do ensino secundario, que, se sobreviver, será a providencia requerida. (PEIXOTO, 1942, 300-1)

Dois pontos de consenso entre Miranda Santos e Peixoto sobre a educação no Período Colonial e Monárquico são: a falta de organização de ensino em plano nacional e a carência de um ensino secundário eficiente. Estes pontos refletem os posicionamentos ideológicos dos autores, que vivenciaram um período marcado por ideais de organização nacional pela organização da cultura; período no qual o ensino secundário profissional é o indício de uma sociedade preocupada em investir nos seus jovens trabalhadores, a fim de tornar-se uma civilização capaz de marchar rumo ao progresso.

A República, conteúdo focado na seqüência, tanto para Peixoto como para Miranda Santos, demora a organizar o campo educacional. Nesta análise, Afrânio Peixoto destaca a figura de José Veríssimo<sup>34</sup>, ao qual se refere como “escritor pedagogo”, para mostrar que os anos iniciais deste período falharam nas reformas de ensino. Sua crítica tem como argumento, por exemplo, o censo de 1900 sobre o número de letrados e iletrados do país: “745 analfabetos e 255 que sabem ler e escrever entre 1000 brasileiros é ainda espantoso (...)” (1942, p.307). O retrato sobre o Período Republicano descrito por Peixoto é representado por uma infinidade de números (censos de 1900, 1907, 1920, 1923) que mostram os problemas do analfabetismo no país:

Números que representam a ignorancia nacional... eles são muito mais elevados, muitíssimo mais!... Descontem os que sabem ler, escrever e contar... Será bastante? Com isso se fazem os “analfabetos que sabem ler” e são, talvez, os mais perigosos... A distinção não é de nonada, é fundamental. Esquecemo-nos, com esses números, que o principal não é instruir, mas educar. (PEIXOTO, 1942, p. 309)

A anarquia, o despotismo, a revolução, a falta de profissionais adequados, a ignorância não só dos que não sabem ler e escrever, mas daqueles que sabem e não “interpretam” são para Afrânio Peixoto a realidade social de povos que não são

---

<sup>34</sup> José Veríssimo de Mattos (1857-1916) citado por Afrânio Peixoto pertenceu a Academia Brasileira de Letras (fundador da cadeira nº 18), foi jornalista, professor, educador, crítico e historiador. Assumiu a direção da Instrução Pública do Estado do Pará de 1880 a 1891. Foi professor na Escola Normal do Rio de Janeiro e no Ginásio Nacional. Dirigiu a Revista Brasileira de 1895 a 1899. Entre suas obras destacam-se: *Cenas da vida Amazônica*, ensaio social (1896), *Questão de limites*, história (1889), *Educação nacional*, educação (1890), *Instrução pública e a imprensa*, educação (1900). Disponível em: <[www.academia.org.br](http://www.academia.org.br)> Acessado em: 06 mai 2007.

educados. Parte desta lição é ensinada para as normalistas em seu livro. Peixoto, quando escreve sobre a República não está preocupado em relatar episódios da história da educação brasileira, mas sim deseja demonstrar sua indignação perante a “omissão” e a “ausência (sic) de esforços” para reverter este panorama (1942, p.315).

Num discurso repleto de dissabores, Peixoto mostra que os três regimes – Colonial, Monárquico e Republicano (no seu início), nada fizeram efetivamente para a “evolução e [o] progresso” da educação. Se pensarmos na abordagem foucaultiana sobre “discurso” podemos tomar por empréstimo a noção de “comentário”. Afrânio Peixoto empresta o comentário alheio trazendo-o para um novo contexto, articulando o pensamento de autores que considera adequados a uma nova forma de ver o ensino no Brasil. Evidentemente, os trechos escolhidos por Afrânio encontram um contexto diferenciado, o que faz com que adquiram significados também novos e diferenciados<sup>35</sup>. Mas, com certo “otimismo pedagógico”, escreve que, a partir dos anos 1920 e 1930, a idéia de um sistema público de ensino organizado em nível nacional ganha força e que personalidades como Anísio Teixeira deram bons exemplos, modificando e melhorando o ensino do país em quatro anos (1932-5).

Peixoto termina este capítulo sobre o Brasil destacando os principais educadores brasileiros: *Padre Vicente Rodrigues*, considerado pelo autor o “proto-educador” (um dos primeiros e mais importantes jesuítas); *João de Aspilcueta Navarro*, um dos primeiros educadores jesuítas que sabiam a língua indígena; *José de Anchieta* educador e “apóstolo” que “teve fama de taumaturgo e por isso é Venerável e em instancia de canonização” (PEIXOTO, 1942, p. 320); *Antonio Blasquez*; *José Lino Coutinho*; *Pedro II*, que segundo Peixoto foi um homem bom e honesto, mas um medíocre governante que não fazia nada porque “não sabia” (1942, p. 322); *Abílio Cesar Borges*; *Joaquim José de Menezes Vieira*; *Rui Barbosa*; *José Joaquim de*

---

<sup>35</sup> Para Foucault, há “coisas ditas uma vez e que conservam, porque nelas se imagina ver algo como um segredo ou uma riqueza. Em suma, pode-se supor que há muito regularmente nas sociedades uma espécie de desnivelamento entre os discursos: os discursos que ‘se dizem’ no correr dos dias e das trocas, e que passam com o ato mesmo que os pronunciou; e os discursos que estão na origem de certo número de atos novos de fala que os retomam, os transformam ou falam deles, ou seja, os discursos que, indefinidamente, para além de sua formulação, *são ditos*, permanecem ditos e estão ainda por dizer.” (FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 13 ed. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2006, p. 22)

*Campos Medeiros de Albuquerque e Antonio Augusto de Azevedo Sodré*, considerado por Peixoto um educador pragmático que promoveu várias ações a favor do ensino popular.

Theobaldo Miranda Santos assinala que o Brasil, no início do Período Republicano, passou por muitas transformações sociais, econômicas e políticas. Com relação à educação escreve que pouco se avançou até meados da década de vinte do século XX, mas como contraponto destaca a figura de Francisco Campos e de Fernando de Azevedo como reorganizadores dos planos educativos neste período. Escreve que a partir de 1930 aparece com expressividade o movimento de renovação pedagógica pautada em duas correntes doutrinárias: uma agnóstica ou naturalista e a outra espiritualista e cristã.

A representação que Miranda Santos faz deste período histórico concentra-se nos principais acontecimentos educacionais como: a criação de ministérios, algumas reformas de ensino, alguns educadores que se destacam em âmbito nacional (Fernando de Azevedo, Francisco Campos, Lourenço Filho e Anísio Teixeira) e a fundação de universidades. Neste conjunto de ações destaca sua colaboração como Diretor do Departamento da Educação Primária em 1944, junto ao Prefeito Henrique Dodsworth, na realização da reforma do ensino primário, pré-primário, normal, supletivo e técnico.

Estes acontecimentos educativos narrados por Miranda Santos estão impregnados de valores ideológicos que acentuam uma concepção de educação voltada à formação espiritual ligada a uma consciência moral e humanística, em detrimento de uma tendência naturalista e intelectualista.

Nesta perspectiva, mostra-se contrário ao discurso excessivamente nacionalista, revelando os valores espirituais como princípios necessários para a formação dos homens. Provoca o pensar das futuras professoras argumentando que o “homem não é essencialmente nacional e sim acidentalmente nacional” (SANTOS, 1951, p.511). Para Miranda Santos, o homem, antes de ser nacional, é humano e querer que ele seja exclusivamente cívico é mutilar sua natureza. Assume que vivemos numa civilização capitalista, mas que devemos caminhar para a constituição de uma civilização trabalhista, pois o trabalho possui significado social. E o espírito humano, ao seu modo de conceber a educação, necessita da espiritualização do indivíduo e da sociedade.



Para Miranda Santos, o Liberalismo foi o “grande engano” da civilização burguesa do século XX e o Nacionalismo Totalitário é a “grande heresia do século XX”. Assim o princípio que defende (sem deixar claro seu posicionamento político)<sup>36</sup> é o da “economia cristã em que o trabalho serve ao homem e não o homem ao trabalho”.

Por isso, escreve em seu manual que o Brasil necessitava preparar as novas gerações não só para a realidade da “guerra atual” (II Guerra Mundial), mas também para as profundas transformações econômicas e sociais que o mundo iria sofrer quando os “bárbaros” fossem vencidos e a paz restaurada. Acredita que “três notas dominantes” iriam marcar o sentido da nova civilização pós-guerra: *o trabalho, a liberdade e o humanismo* (SANTOS, 1951, p.509). Defende a *formação integral e harmoniosa* da personalidade infantil, “despertando na sua consciência o culto pelo valor e pela dignidade do trabalho manual” (SANTOS, 1951, p. 512).

Por sua vez, Afrânio Peixoto defende:

(...) uma concepção de educação como processo de adaptação do indivíduo à sociedade (socioplástica) e, na mesma chave de leitura organicista, sustentou que tal processo envolve a adaptação para a vida: cívica, através da formação da consciência nacional; profissional, a partir da formação do técnico útil à sociedade industrial; e intelectual, através do domínio do método científico da observação e da experimentação. (ROBALLO; VIEIRA, 2006, p. 07)

De modo geral, nos capítulos sobre o Brasil, escritos por Afrânio Peixoto, vislumbramos teses sobre a história da educação no país que serão, posteriormente, reafirmadas por Fernando de Azevedo na *Cultura Brasileira* (1943).

Embora ideologicamente divergentes (Miranda Santos e Peixoto), as leituras que fizeram sobre o Brasil são mais convergentes que divergentes. Conseqüentemente, poderíamos supor que esta forma de organizar a história da educação brasileira, inaugurada por Peixoto, repete-se no manual de Theobaldo Miranda Santos.

---

<sup>36</sup> Algumas proposições de Theobaldo Miranda Santos se aproximam das defendidas pelo Integralismo que é “matricialmente” católico – defendendo valores nacionais, como o passado histórico, a tradição, a cultura e a religião e, a cooperação entre diferentes classes sociais para atingir a harmonia e a união social.

As únicas diferenças apresentadas entre os manuais perpassam por questões de método educativo que foi defendido por cada autor (como veremos a seguir), conforme suas concepções de educação.

Assim o que fica evidente nestas narrativas é um conjunto de ideologias e projetos propostos por educadores-escritores, para compor a história da educação brasileira. Neste percurso é importante lembrar que a escolha dos conteúdos não se deu de forma aleatória, mas ligada a um universo simbólico que se impôs pela presença de acontecimentos que passaram a ordenar a história da História da Educação do país.

### 3.2 Noções de uma “escola moderna”

Ao interrogar as *palavras contidas nos manuais*, percebi a divulgação de saberes e práticas pedagógicas, demarcadas por ideários políticos e educacionais (e disputas entre “pioneiro” e “católico”) que evidenciaram na escrita dos manuais de Peixoto e Miranda Santos, discursos favoráveis a uma escola “moderna”. Alguns desses discursos/ensinamentos enfatizavam soluções para os problemas educativos do país pela utilização de “novos” métodos de ensino – um composto de ideais pedagógicos e finalidades educativas, organizados a partir de um conjunto de regras e princípios normativos regularizadores do ensino ou da prática de ensino.

Início com uma idéia que aparece logo nas primeiras páginas das *Noções* e que atravessa toda a obra de Peixoto, deixando evidente sua aproximação com os ideais de Escola Nova:

Educar (...) é viver e excede a escola, o colegio e a universidade. Educa-se para bem viver. Vive-se, se educando. A educação é uma adaptação à vida: o menor esforço, que é economia na vida.  
A uma educação perfeita corresponderá uma vida feliz, dos homens e da humanidade: é o futuro, o ideal. (PEIXOTO, 1942, p. 15)

Percebo uma relação entre esta concepção sobre educação apontada por Peixoto com a obra de John Dewey intitulada *Vida e Educação*, publicada no país no final dos anos de 1930, composta de dois ensaios que tornariam as idéias do autor mais

reconhecidas, visto que Peixoto exalta a pessoa de John Dewey como sendo o “pedagogo ou o educador universal” (PEIXOTO, 1942, p.261).

Na obra de Dewey<sup>37</sup>, a educação é fenômeno direto da vida, é a própria vida. A vida, a experiência e a aprendizagem não se podem separar. Simultaneamente “vivemos, experimentamos e aprendemos” (DEWEY, 1959, p.07). Esta concepção mostra que Dewey foi favorável a um tipo de educação que deveria romper e ultrapassar os muros da escola, tornando-se um fenômeno social, uma “parte inerente ao processo social total” (LOURENÇO FILHO, 1959, *prefácio*). Esta educação também deveria ser responsável por desenvolver nos alunos a *capacidade de pensar*, para que, educados, pudessem vir a resolver e encarar situações novas da vida. É uma concepção que se confirma na citação a seguir:

A sócioplástica, ou os consertos e adaptações do indivíduo aberrante à sociedade, faz-se pela educação. A escola de DEWEY, ativa, progressiva, única, todas as escolas novas são socializantes... a cooperação na comunidade escolar, a vida na escola, antecede apenas a vida social a viver. (PEIXOTO, 1942, p.15)

Segundo Anísio Teixeira, ao traduzir e escrever a introdução sobre as teorias de Dewey no livro *Vida e Educação*, a atividade educativa se processa no próprio organismo e no meio em que vive o homem, ou seja, os civilizados “perpetuam a civilização. Os selvagens perpetuam a selvajaria. Tudo por uma questão do meio educativo. O meio social, pelos seus estímulos, provoca e dirige as nossas atividades” (DEWEY, 1959, p.15). Seguindo nesta mesma perspectiva, Peixoto, ao escrever sobre o Brasil, enfatiza que os jesuítas trouxeram civilidade ao Brasil através do poder exercido pela educação. *Palavras* que traduzem às futuras professoras o princípio primeiro que move uma nação rumo à modernidade.

Mas, para perpetuar a civilidade, fazia-se necessário existir muitas escolas.

Entendo que a escola se constitui em *espaço* e *tempo* especiais para a construção de sujeitos. Estes elementos (tempo e espaço) coexistem e se transformam

---

<sup>37</sup> A obra de John Dewey: *Vida e Educação*. 5.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959, (Coleção Atualidades Pedagógicas), foi traduzida por Anísio Teixeira, sendo prefaciada por Lourenço Filho.

porque os agentes que integram a escola, o saber e sua produção de subjetividade, também estão em constante transformação e mudança.

Assim, a escola é uma construção social, sendo um *espaço* que não se constitui num mero cenário, “mas é parte da trama, é um constituidor de sujeitos. As divisões que nele se estabelecem, o que se constrói e o que se faz vazio, os caminhos que se abrem e os muros que se edificam, (...) são criações que se transformam, que se ajustam a necessidades e interesses mutantes, (...) que implicam relações, de poder” (LOURO, 2002, p.121). A escola possui um tempo próprio, construído e transformado conforme as necessidades dos sujeitos. A cada época, a cada período histórico, são percebidas noções diferentes para se conduzir e viver o tempo; este, por sua vez, controla e conforma a ação de sujeitos. Observar este lugar de disputas (escola) em um determinado contexto contribui para entender que espaço socialmente construído é este, que interfere de forma significativa na formação e na ação dos sujeitos.

“Um mundo dentro do mundo”: assim Anísio Teixeira, ao se referir a Dewey, descreve a *escola* (DEWEY, 1959, p.14). A escola é responsável por estabelecer o equilíbrio entre a educação recebida da *vida* e a educação apreendida. Para Afrânio Peixoto, “(...) a cooperação na comunidade escolar, a vida na escola, antecede apenas a vida social a viver” (PEIXOTO, 1942, p. 15). Peixoto explica às normalistas que a escola deve estimular e aumentar o poder inventivo, através da observação constante e experimentação escolar e refere-se às escolas ativas como promotoras de um trabalho “fecundo e progressista” (p.15), baseadas na construção de conhecimentos que auxiliam o indivíduo na sua vida fora da escola. As futuras professoras *aprendiam*, ou pelo menos a elas eram *forçados* ensinamentos que tinham como pano de fundo a urgência das idéias de consciência nacional e de educação enquanto força propulsora deste processo, sendo a escola o meio eficiente para disseminar esta consciência de “preparar hoje, o Brasil de amanhã. Educar o brasileiro de agora para lhe dar uma consciência de si e, portanto, dar a todos uma consciência nacional” (PEIXOTO, 1950, p.78).

Esta concepção de escola que flagramos na escrita de Peixoto ultrapassa a de um espaço físico: esta escola representa um lugar de consciência nacional, moral e educativa.

Theobaldo Miranda Santos ofereceu poucas pistas sobre o papel desempenhado pela escola na sociedade. No entanto, é possível investigar a visão deste autor sobre a escola através de algumas passagens de seu manual. Ao retratar a ação dos jesuítas, por exemplo, escreve que os colégios eram centros de “irradiação social, econômica e espiritual” (1951, p. 490). A escola, assim, seria um lugar de aprendizagem técnica, de expansão da civilidade e de apropriação dos princípios da moral cristã.

Para Miranda Santos, quanto mais escolas uma cidade possuísse menos ignorante seria a sua população. Nesta perspectiva, a escola é a representação simbólica de civilidade e de instrução de/para um povo, por isso mostra a eficiência e a ineficiência de várias escolas pelo Brasil:

As escolas [no Império] eram escassas, mal organizadas e dirigidas por mestres improvisados. (...) Os liceus fundados pelas províncias, como o Ateneu do Rio Grande do Norte, o Liceu Provincial da Bahia e os de Taubaté e Curitiba em São Paulo, morriam por falta de alunos e professores. A não ser o Colégio Pedro II, já então instituição modelar, os estabelecimentos públicos de ensino secundário, como o Ateneu Cearense, o Liceu de Maranhão e o Colégio Paraense que conseguiram sobreviver, não puderam, entretanto, alcançar o grau de desenvolvimento atingido por certas escolas secundárias particulares. (SANTOS, 1951, p. 498)

Obviamente, Miranda Santos reverencia os glamorosos “templos do saber” que foram construídos, mas sua narrativa prioriza a defesa por uma escola enquanto espaço de eficientes ações educativas, demonstrando maior preocupação pela organização deste espaço por meio de métodos, currículos e reformas que formassem harmoniosamente e integralmente o aluno.

Afrânio Peixoto quando dedicou um capítulo de seu livro aos Estados Unidos, retratou a importância da democracia estabelecida na América e descreve a relevância do sistema criado por Dewey na *escola-laboratório* da Universidade de Chicago, também chamada de escola de projetos (*project method*).

Este modelo de projeto enfocava um método social que na escola deveria ser utilizado para juntar num pensamento a ação de todos, estimulados por interesses comuns, “para o qual se informam os executantes aprendendo, isto é, *aprendendo* conhecimentos indispensáveis, utilizando a experiência anterior, resolvendo as dificuldades, como na vida” (PEIXOTO, 1942, p.260).

Ao escrever sobre o sistema desenvolvido por Dewey, Afrânio Peixoto demonstrou que sua utilização no Brasil apenas se tornaria possível através do desenvolvimento e do progresso das importantes ciências, que fundamentariam os objetivos propostos pela Escola Nova. Assim alimenta, frente às normalistas, um discurso de transformação, modernização e democratização da sociedade pela compreensão de como este método deveria funcionar em nosso país:

Convem os entendidos que a escola nova só foi, é, ou será possível pelos *progressos das ciências biológicas*, que deram ao homem uma compreensão do universo e da natureza, sem ilusões, ou prejuízos; pela *filosofia científica* que explica a vida não mais apenas pelos fenômenos físicoquímicos, mas por uma dinâmica funcional, donde uma fisiologia, uma psicologia e portanto uma ética, a ela condicionados: pela civilização que se transforma, “*changing civilization*”, com o maquinismo industrial, com a economia do trabalho, com o advento da democracia, técnica e real... (PEIXOTO, 1942, p.330-1)

A Filosofia, a Biologia e a Psicologia são, para Peixoto, ciências condicionantes para a efetivação do método proposto pela Escola Nova. Este posicionamento me fez lembrar da participação histórica destas ciências na arte de ensinar e, por isso, das definições feitas por WHITE<sup>38</sup> (1911) em seu livro “A arte de ensinar”.

Segundo WHITE, a Filosofia é importante porque mostra os princípios e as causas finais da educação, mas não mostra “o processo pelo qual a intelligencia adquire tal conhecimento, e para isso devemos recorrer á psychologia” (1911, p. 16). A Psicologia por sua vez, é uma ciência que apresenta um conjunto de conhecimentos que permite conhecer o homem em seu desenvolvimento físico e mental, abrangendo os “fatos” da consciência. WHITE afirma ainda que “a psychologia moderna é uma organização de factos psychicos, antigos e novos, rigorosamente verificados”, sendo seus princípios fundamentais para a “arte de ensinar” (1911, p. 20).

A precariedade do ensino brasileiro fortalece as preposições de Peixoto a respeito da Escola Nova, levando-o a afirmar que esta é o ponto de partida e o ponto de chegada, “única, ativa, progressiva”, “é a homogeneização da sociedade, reunindo

---

<sup>38</sup> Esta obra de EMERSON E. WHITE, A. M. I. L. D. *A arte de ensinar*: um manual para mestres, alunos e para todos que se interessam pelo verdadeiro ensino da mocidade. São Paulo: Siqueira Nagel & Comp, 1911, foi traduzida por Carlos de Escobar a convite de Oscar Thompson – Diretor Geral do Ensino em São Paulo.

na educação as castas, as classes exploradoras e exploradas, dominantes e dominadas (...)” (p. 331). Crítica o fato da educação sempre estar subordinada a religião e a política:

A história revela que a educação foi sempre, e é, ainda agora, ancila ou aia da religião e da política... Nas Índias a educação conduz o homem, estrangeiro na terra, ao divino, ao nirvana ideal; também os Cristãos primitivos, não criam deste mundo o reino deles e a educação era o conhecimento das verdades eternas nas *Escrituras* às quais se conformavam para ganhar o céu... Que é a educação fascista, dos “*balila*” e “*piccole italiane*”, senão a adaptação das gerações novas ao Estado mussolínico? Na Rússia a educação é a conformação dos Russos à ideologia política e econômica dos Soviets, a luta das classes, a luta das classes, a luta das classes... Sempre foi assim, e ainda é assim. Excepto os Gregos da Atica, alguns momentos no Renascimento, os Americanos, de agora. Educação não mais aia da religião ou da política, “educação pela educação”. Não o indivíduo a se desenvolver dentro do vaso fechado da Igreja ou do Estado, mas a se desenvolver livremente, na sociedade de que é parte, órgão de um organismo, sociedade cuja civilização se transforma, se muda, cada vez menos injusta e violenta, mais econômica e liberal para qual o educando, sempre educado, tem a viver colaborando. (PEIXOTO, 1942, p. 329-30, grifos nossos)

Segundo Peixoto, o método ativo é um método social porque busca preparar os indivíduos para serem ativos e dignos. Entre outros adjetivos este método “é agora o ideal pragmático dos Americanos: o útil no justo” (PEIXOTO, 1942, p. 330). Para Peixoto, ao contrário de um racionalismo cartesiano (idéia inatas) e de um sensualismo “condilacquiiano” (sentidos subalternos), o método ativo é pragmático porque “tudo parte das cousas para a razão” (PEIXOTO, 1942, p. 332). A escola passa a ser um universo pautado nas iniciativas do aluno, não mais na autoridade única e exclusiva dos professores. Através deste método, o aluno poderia se desenvolver plenamente e o problema da sociedade seria resolvido, pois esta foi considerada por Peixoto um “organismo” que se enriquecesse pelos “órgãos sadios” – sujeitos educados.

O passado para Peixoto é o anunciador do método ativo, pois já havia a escola ativa em “SÓCRATES, progressiva em ARISTÓTELES, única por toda a parte e tempo. Havia Escola Nova em “VICTORINO DE FELTRE, VIVES, COMENIUS, ROUSSEAU, BASEDOW, KANT, PESTALOZZI, TOLSTOI” (PEIXOTO, 1942, p. 329). Na seqüência de sua explanação mostra ensaios precursores da Escola Nova em: Tolstói, Thomas Arnold, Sanderson, Reddie, Badley, Demoulins, Leitz, Alfredo Binet

(que aparece na 2ª edição de sua obra), Emile Durckheim (apenas aparece na 3ª edição), Wineken, Geheeb.

Peixoto afirmou em seu manual que sua proposta não era resumir nem a filosofia, nem as técnicas da Escola Nova, mas apenas indicar a sua trajetória histórica. Por isso descreve que a Escola Nova partiu da Inglaterra, espalhando-se pela Rússia, Japão, Suécia, Estados Unidos. E, na efetivação e expansão do método, Peixoto escreve sobre Ferrière e a organização do seu programa mostrado no “Congresso da Escola Nova”, em Calais, 1919, dando indícios da organização geral, intelectual e moral desta proposta. Avança neste percurso escrevendo sobre Lord Baden-Powell (que aparece apenas na 3ª edição), Jorge Kerschensteiner, Wushburne, Cousinet, Lombardo Radice, Maria Montessori, William Kilpatrick, Edouard Claparède, John Dewey, entre outros citados mais brevemente.

Neste sentido, o livro de Afrânio Peixoto é um divulgador do ideário de renovação educacional. Sua narrativa aproxima-se daquela defendida por Lourenço Filho em seu livro *Introdução ao estudo da escola nova* (1974). Nesta obra Lourenço Filho escreve que as experiências com escolas novas estavam bem adiantadas em várias partes do mundo, pois utilizavam um currículo não determinado por *matérias*, mas por uma sucessão de *experiências*, que, segundo este autor, apesar de estarem em processo de experimentação, tornavam-se superiores aos de uma escola tradicional. Por isso, para Peixoto, a educação na escola deve conduzir da “individualidade íntima à sociedade ambiente” por meio da “transmissão metódica da herança social” (PEIXOTO, 1942, p. 350).

Theobaldo Miranda Santos, com relação à Escola Nova, censurou os princípios doutrinários e as práticas educativas. Sendo polido e sutil, sugeriu em seu manual, como já enfatizei anteriormente, a força de:

(...) duas correntes doutrinárias nitidamente diferenciadas: uma agnóstica ou naturalista, constituída de defensores entusiastas das novas teorias pedagógicas inspiradas no pragmatismo de Dewey, no funcionalismo de Claperède ou no sociologismo de Dürkheim; outra, espiritualista e cristã, formada de adeptos moderados da pedagogia moderna, procurando conciliar os novos métodos educativos, com os ideais do catolicismo. (SANTOS, 1951, p.505)



Seu ponto de vista não ignora e nem menospreza o método da Escola Nova, até porque ele dedica um capítulo todo para mostrar as “escolas novas” espalhadas pelo mundo. Mas, para este autor, a doutrina espiritualista e cristã foi tão importante e significativa para a *pedagogia moderna*, quanto a Escola Nova. Por isso, Miranda Santos conclui sua obra com um capítulo sobre a educação espiritualista e cristã – o “Anti-Naturalismo Pedagógico”. Neste escreve:

No âmbito da investigação filosófica foi assinalado o erro fundamental do naturalismo ao se proclamar como única concepção de vida baseada em conclusões *científicas*, como se a ciência não fosse essencialmente *neutra* e pudesse ser naturalista ou espiritualista. Patenteou-se ainda a contradição dos naturalistas ao negarem, fundados em argumentos científicos, a existência de valores sobrenaturais, como se fosse possível à ciência positiva transcender o plano dos fenômenos e penetrar no domínio das causas primeiras. (...) Finalmente, verificou-se a ilusão do naturalismo ao pretender construir uma moral puramente “científica”, baseada apenas na observação dos fatos e prescindindo de qualquer fundamento metafísico ou religioso. (SANTOS, 1951, p. 450)

Percebo que sua defesa da pedagogia católica não o distanciava da idéia de *pedagogia moderna*, embora ele recusasse as proposições básicas do movimento pela Escola Nova.

Segundo CARVALHO (2003), a sedução exercida pela *pedagogia moderna* já era grande desde a década de 1920, porque seus métodos centravam-se na atividade do aluno e, sobretudo, porque tinha como proposição a *educação integral* que se tratava de uma “leitura da literatura escolanovista em que a crítica nela formulada aos objetivos estritamente instrucionais da escola não era entendida como valorização dos *processos* da aprendizagem, como ênfase nos *procedimentos* por oposição aos resultados ou aos conteúdos de ensino”, mas valorizava a postulação de uma *formação integral*, com ênfase moral (p. 104-5).

E neste mesmo período (1920), delineavam-se pretensões católicas de reforma moral da sociedade e de recuperação do poder político da Igreja, “abalado com a República” (CARVALHO, 2003). Por isso, em termos educativos, as pretensões católicas abrigavam-se nas proposições da *pedagogia moderna* (educação integral), “sem se explicitarem como posição particular ou antagônica às proposições laicistas”, que se firmavam no movimento educacional (CARVALHO, 2003, p.105). Mas, já em

1929, a encíclica papal *Divini Illius Magistri* impunha limites para esta heterodoxia católica, regrando, portanto, a sedução que a *pedagogia moderna* e os intentos da Escola Nova vinham exercendo sobre os católicos.

Nesta perspectiva, pude observar que o discurso de Theobaldo Miranda Santos constituiu um discurso escolanovista católico, por revelar em seu manual alguns preceitos do movimento da Escola Nova orientados e regradados por proposições de uma pedagogia cristã; provavelmente imbuído de atrair/doutrinar e aproximar suas idéias a das professoras e professores que vivenciavam este acirrado debate.

Em “tom” afirmativo, Miranda Santos escreve que, apesar do florescimento dos “tipos naturalistas de educação”, a pedagogia cristã continuou sendo cultivada nos tempos modernos.

Inspirada nos ensinamentos eternos da Revelação, nos princípios da filosofia “perennis” e na experiência educativa da Igreja, ela [pedagogia cristã] trazia um patrimônio de verdades capaz de resistir a todas as revoluções espirituais. Eis porque a educação cristã não desapareceu, nem poderia desaparecer, ante o poderoso movimento naturalista e anti-cristão que inspirou a maioria dos sistemas pedagógicos pós-renascentistas. (SANTOS, 1951, p. 458)

Nesse movimento dos tempos modernos, Miranda Santos esclarece que todas as aquisições da *pedagogia experimental* (inspiradas na ciência moderna) que não colidissem com as “bases filosóficas da doutrina cristã” eram aceitas e incorporadas às práticas educativas da Igreja. Já, os postulados que contrariavam a dignidade humana e os princípios cristãos seriam combatidos.

Destaca, assim, a figura de educadores, representantes da pedagogia cristã dos séculos XIX e XX: Gregório Girard (1765-1850), Felix Dupanloup (1802-1878), S. João Bosco (1815-1888), Otto Willmann (1839-1920), John Henry Newman (1801-1890), J. L. Spalding (1840-1916) e Frederico W. Foerster (1869-?).

Para Miranda Santos, o maior pedagogo católico nos Estados Unidos foi J. L. Spalding. Sua pedagogia centrava-se na educação moral – formação da consciência, do coração, do caráter e da vontade. Sendo que a “religião, a poesia, a esperança, a caridade e a imaginação” eram tão essenciais para o bem-estar do indivíduo quanto a ciência (SPALDING, J. L. *Education and the Higher Life*. Apud SANTOS, 1951, p.481).

Outro importante pensador e pedagogo para Miranda Santos foi Frederico W. Foerster. Este educador criticava a pedagogia moderna pela ausência de princípios pedagógicos universais e “normas éticas superiores”. Reforçava a importância de se conciliar a pedagogia tradicional com a pedagogia moderna, no sentido de revitalizá-la, sendo a moral religiosa a única capaz de dar à criança uma formação interior. Para Foerster, esta formação moral deveria ser aplicada até mesmo à educação física, já que sem esta formação, a educação física, era “um processo deformante e mutilador, pois sem saúde do espírito, não existe saúde do corpo” (SANTOS, 1951, p. 478-9).

Em linhas gerais, Miranda Santos explica que na filosofia pedagógica do cristianismo, se entrelaçam de maneira equilibrada e íntima a “natureza e o espírito, o corpo e a alma, o indivíduo e a comunidade, a individualidade e a personalidade, a vontade e a inteligência, Deus e o mundo” (SANTOS, 1951, p. 459). Ao contrário, as bases filosóficas dos sistemas pedagógicos modernos possuem caráter fragmentário, porque consideram somente um dos aspectos da vida e da educação, contribuindo parcialmente para a “integração da verdade total”. Por isso, segundo ele, são concepções insuficientes e precárias:

Para o naturalismo pedagógico, por exemplo, a *natureza* é o único valor da vida e da educação; para o idealismo pedagógico, é a *idéia* ou o *espírito*; para o pragmatismo pedagógico, é a *ação*; para o individualismo pedagógico, é o *indivíduo*; para o socialismo pedagógico, é a *sociedade* ou a *classe*; para o nacionalismo pedagógico, é a *nação*, a *raça* ou o *partido*; para o culturalismo pedagógico, é a *cultura*. (SANTOS, 1951, p. 459)

A pedagogia cristã, neste sentido, é a única que reúne harmoniosamente as “parcelas de verdade”, não porque seja uma concepção eclética e superficial, mas porque considera “a realidade em toda a sua inteireza e plenitude” (1951, p.459). Para este autor, então, as bases filosóficas da pedagogia cristã revelam a harmonia entre a “tradição e o progresso”, pois, ao procurar ajustar as novas formas de pensamento e de vida a esta forma de educar, não rejeitam as conquistas realizadas pela ciência moderna.

É notório que nesta união entre razão e fé, ciência e religião, espiritualidade e modernidade, esta pedagogia cristã se torna um projeto do neo-humanismo católico ao qual Miranda Santos se filia; e também mostra que os católicos não eram contrários à

modernidade, mas que enfatizavam uma pedagogia moderna aliada a preceitos cristãos. Porém, recusavam o projeto laicista de reorganização da cultura através da escola, presente nas teses dos principais articuladores do Movimento pela Escola Nova.

Assim, nesta defesa, Miranda Santos tende a reforçar em seu texto que a pedagogia cristã (tendo como características a *organicidade*, a *omnilateralidade* e a *universalidade*) torna-se essencial para a formação do indivíduo porque indiscutivelmente é superior aos sistemas “unilaterais” da *pedagogia moderna*:

Assim, entre o naturalismo e o idealismo, [a pedagogia cristã] afirma a dupla natureza do homem no qual *corpo e espírito* se fundem intimamente para constituir uma unidade substancial; entre o individualismo e o socialismo, revela a existência, no homem, do *indivíduo* e da *pessoa*; como *indivíduo*, o homem se subordina à natureza e à sociedade, mas, como *pessoa*, se eleva acima de ambas; entre o nacionalismo e o internacionalismo, acentua que o patriotismo é uma virtude, que o homem deve amar, defender e dignificar sua *Pátria*, mas como ser humano, também pertence à *Humanidade* e como tal, não pode desprezar os filhos das outras nações. (SANTOS, 1951, p. 459)

Um exemplo de que Miranda Santos – *católico* – estava envolvido com os ideais da pedagogia cristã, é o seu depoimento (no apêndice sobre o Brasil) sobre a reforma do ensino primário que se realizou em 1944, pelo então Prefeito do Distrito Federal, Henrique Dodsworth, juntamente com o Secretário Geral de Educação e Cultura, Jonas Correia e com o próprio autor deste manual (quando era Diretor do Departamento de Educação Primária).

Segundo ele, na reforma do ensino primário, foram utilizadas as experiências adquiridas com as reformas anteriores, as quais, apesar do “generoso idealismo que as animava”, apresentavam falhas na sua adaptação às necessidades vivas e concretas do meio. Da mesma forma, também foram utilizados somente os princípios da educação renovada que tinham sido aprovados “pela pedra de toque da realidade e da vida”, ficando subordinada a “uma elevada filosofia pedagógica”. Para isso, termina destacando que a reforma inspirou-se nos “valores e ideais da civilização cristã e nas tradições espirituais do povo brasileiro” (SANTOS, 1951, p. 509).

Tais explanações revelam, no interior da obra *Noções de história da educação* de Miranda Santos, marcas de estratégias católicas, evidenciadas no desejo por uma *escola moderna*.

#### 4 PRODUÇÃO DE UM *INVENTÁRIO PEDAGÓGICO* NOS MANUAIS DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Nas primeiras décadas da República, os discursos favoráveis a uma *pedagogia moderna* buscavam o novo, o moderno, o experimental e o científico, para balizar as práticas pedagógicas docentes. E, no conjunto de práticas utilizadas pelas escolas neste período, os *manuals pedagógicos* foram importantes instrumentos no processo de comunicar, de ensinar e inculcar valores, hábitos, atitudes e conhecimentos aos indivíduos.

Segundo CARVALHO (2005), o impresso se tornou um dispositivo de “regulação e modelagem” do discurso e da prática pedagógica dos professores, um instrumento que passou a configurar o campo pedagógico. Por isso, há necessidade de reunir neste capítulo um estudo sobre a forma como estes instrumentos foram estruturados e organizados para servirem de suporte na formação de professoras normalistas.

Roger CHARTIER nos alerta para questão, afirmando:

Contra a representação, elaborada pela própria literatura, do texto ideal, abstracto, estável porque desligado de qualquer materialidade, é necessário recordar vigorosamente que não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor. Daí a necessária separação de dois tipos de dispositivos: os que decorrem do estabelecimento do texto, das estratégias de escrita, das intenções do <<autor>>; e os dispositivos que resultam da passagem a livro ou a impresso, produzidos pela decisão editorial ou pelo trabalho da oficina, tendo em vista leitores ou leituras (...). (2002, p. 126-7)

As estratégias de escrita, o texto em si e as intenções educativas dos autores foram debatidas ao longo dos três capítulos anteriores. Este capítulo em especial busca dar visibilidade ao impresso – a alguns elementos que dão materialidade aos manuais – que se adaptam à capacidade dos leitores que se deseja conquistar (alunas normalistas).

Nesta perspectiva, considero as obras de Peixoto e Miranda Santos *manuals pedagógicos* por terem sido escritos a fim de abranger os conteúdos previstos para o ensino da História da Educação dos currículos das escolas de formação de professores.

Entendo que estes manuais reuniram e sistematizaram conteúdos, propondo de maneira sucinta o contato do leitor com as questões sobre História da Educação e que foram *didatizados* a fim de subsidiar uma *moderna* cultura pedagógica.

Assim, este capítulo concede aos manuais elaborados por Afrânio Peixoto e Theobaldo Miranda Santos um espaço para que os entendamos enquanto objetos pedagógicos e culturais, por terem sido voltados a um mercado escolar, destinados a docentes como *instrumentos de ensino* e para discentes como *instrumentos de formação*.

Convém considerarmos os manuais de Peixoto e Miranda Santos obras *didáticas*, à medida que sua circulação e usos os caracterizaram como instrumentos para o processo de ensino e de aprendizagem formal. MUNAKATA (1999) destaca que, por envolver práticas diversificadas, os livros didáticos não devem ser indicados apenas pelo termo “leitura”, mas pela palavra “uso”, e que, de modo geral, esse uso ocorre no processo de ensino e de aprendizagem, “que por sua vez, remete para outra tantas práticas diversas” (p.579). Não pretendo adentrar as questões complexas dos *usos* destes manuais, mas demonstrar que estes são objetos pedagógicos e culturais porque foram estruturados e organizados para atender a um público específico de leitores – *alunas normalistas*. Sobre este público leitor, TOLEDO escreve:

A conquista dos novos públicos, como o público feminino (...) está relacionada com estratégias editoriais que oferecem um conjunto de obras especialmente voltadas para ele, como o da “literatura de água doce”. Os novos leitores procuram publicações identificadas com eles, o que lhes é prescrito e o que lhes é previsto, já acostumados a se identificar com as revistas especializadas, procuram no livro o seu congênere. Assim, as editoras que vão nascendo se estabelecem com a preocupação, muitas vezes inscrita nos projetos de coleções, de atender a especificidade do público leitor. (2001, p.28)

Segundo TOLEDO (2001), o aumento significativo de matrículas nas Escolas Normais no final da década de 1920 colaborou para que as editoras comerciais investissem na literatura *educacional*. As editoras passam a abrir frentes de produção de livros voltados para “o currículo específico de formação profissional do professorado, com disciplinas como didática, psicologia, biologia educacional, sociologia educacional, história e filosofia da educação, entre outras” (p.52). Nesta

perspectiva, destaca-se a *Coleção Atualidades Pedagógicas* (CAP) da Companhia Editora Nacional, da qual faziam parte os manuais de Peixoto e Miranda Santos.

Na apresentação da Coleção, Fernando de Azevedo retrata a importância desta Série por ser constituída de:

(...) obras escritas especialmente em português ou traduzidas de qualquer língua sobre biologia educacional, higiene escolar, psicologia aplicada à educação, filosofia e história de educação, sociologia educacional, didática, administração escolar e, em suma, sobre as bases científicas e os problemas gerais e particulares da educação. É, como se vê, uma coleção de obras especiais destinadas a professores e aos educadores. (Texto de apresentação da coleção *Atualidades Pedagógicas*, nas orelhas dos livros de seus volumes, 1934 a 1949. Apud: TOLEDO, 2001, p.75)

Os manuais analisados neste trabalho, à medida que marcaram relações com a escola, configuraram um tipo de organização e estrutura específicos para o ato de ensinar e de aprender.

Com relação ao ato de ensinar, é importante enfatizar que um professor, quando ensina, utilizando-se de materiais pedagógicos ou não, revela relações com a sua formação moral, religiosa, cultural e educativa. Neste sentido, acredito que o ato de ensinar consiste na intenção de transmitir, de propor um legado cultural, através de *atividades e conteúdos* que estão ligados a um determinado tempo e contexto (SACRISTÁN, 1998). Emerson E. WHITE (1911) colabora com esta consideração ao tratar da concepção de ensino, a qual segundo ele possui uma definição mais limitada do que a concepção de educação, do que a educação escolar e do que a de instrução. O ensino para WHITE sempre envolve um mestre e um aluno – o mestre é só um “suggestionador” de atividades e o elemento determinante no processo de ensinar é a “actividade do aluno” (1911, p. 15).

Acredito que, no processo de ensino-aprendizagem, os conteúdos/lições abordados nos manuais serviram de suporte para a criação de uma série de imagens nos estudantes. Mas estes suportes possuem uma estrutura e organização a fim de assegurar inteligibilidade em seu manuseio. Logo, compreendo que os manuais escritos por Peixoto e Miranda Santos formam um *inventário pedagógico* – um legado sobre educação formulado a partir de características próprias, e, como escreve CHARTIER, acredito que são materiais portadores de práticas e de pensamentos, são

materiais “mistos, combinando formas e motivos, invenção e tradição, cultura letrada e base folclórica” (2002, p. 134).

Assim, o propósito de *inventariar* os manuais a partir da reconstituição de algumas características materiais como a organização e disposição tipográfica, a capa, a contracapa, os enunciados, a apresentação das imagens e outros recursos que compõem estes materiais pedagógicos, caracterizam-se pela tentativa de entendê-los enquanto objetos pedagógicos e culturais. Eis nossa justificativa para lembrar que tanto Afrânio Peixoto como Theobaldo Miranda Santos deixaram um legado sobre educação que colaborou para uma memória de formação docente.

#### 4.1 A organização pedagógica dos manuais

- **A CAPA**

Segundo TOLEDO (2001), o primeiro formato de capa da **CAP** corresponde ao período em que Fernando de Azevedo foi diretor. As características das capas da coleção são: “capas coloridas com cores contrastantes para chamar atenção dos leitores”. Esta formatação de capa “aparece em 1931 e desaparece em 1959”, marco definitivo do fim da gestão de Fernando de Azevedo à frente da Coleção.

Segundo TOLEDO (2001), que fez uma ampla pesquisa sobre a Coleção, todos os livros desta fase têm um mesmo desenho de capa:

(...) fundo de cor única, com uma faixa oblíqua de cor fortemente contrastante. Esta faixa contém o título do livro, que ocupa praticamente toda a sua parte superior. Também contém um retângulo de uma terceira cor que comporta o nome do autor, no lado esquerdo. Tais detalhes, que ocupam a parte superior, deixam livre o espaço inferior para o logotipo da editora, a indicação de que pertence a Biblioteca Pedagógica Brasileira, a série da qual faz parte (3ª série) e o título da série – Atualidades Pedagógicas – assim como o número do volume na série. Essas informações localizam-se à esquerda. Nesse design, título e autor ficam em destaque, apresentados sobre os desenhos de cores fortes, na parte superior da capa, destacando-se do fundo. Em relação aos tipos utilizados, há uma grande variação, tanto em relação aos tamanhos como em relação a seus traços. Cada capa pode ter dois ou três diferentes tipos de letras. Mesmo nas informações fixas da capa (nome da coleção etc) há variações no padrão de volume para volume (...). Postos em pé, nas prateleiras de uma biblioteca, um ao lado do outro, formam um conjunto inconfundível constituído por uma faixa transversal colorida e contínua, composta por cada uma das unidades da Coleção (...). As unidades, ou os diferentes títulos, são facilmente identificáveis por suas



cores contrastantes que atravessam a capa, a lombada e a contracapa dos volumes. Na lombada repetem-se, em grandes tipos, as informações e os desenhos da capa: autor, título e a Editora. Como novo gênero que começa a se afirmar no mercado editorial, a literatura pedagógica é apresentada pela Nacional em roupagem diferenciada e chamativa. O leitor pode reconhecê-la com simples golpe de vista. (p. 105-6)

No Arquivo da Editora Nacional – IBEP, pude observar que os manuais de Peixoto e Miranda Santos apresentam este mesmo desenho de capa descrito por TOLEDO. Não me foi concedida permissão de reproduzi-las no arquivo da editora, por isso apenas apresento a descrição do modelo de capa, pois as edições com as quais tive contato, em outras bibliotecas, haviam substituído as capas originais pelas de capa dura e lisa.

- **A CONTRACAPA**

A contracapa foi usada como um espaço de construção da identidade da coleção, aproximado o leitor do texto a ser lido e apontando características do autor e da editora. Na contracapa (3ª edição) do manual de Afrânio Peixoto, estão dispostos o nome do autor e sua formação, título da obra, nome da editora, ano e data de publicação da obra, como podemos observar a seguir:

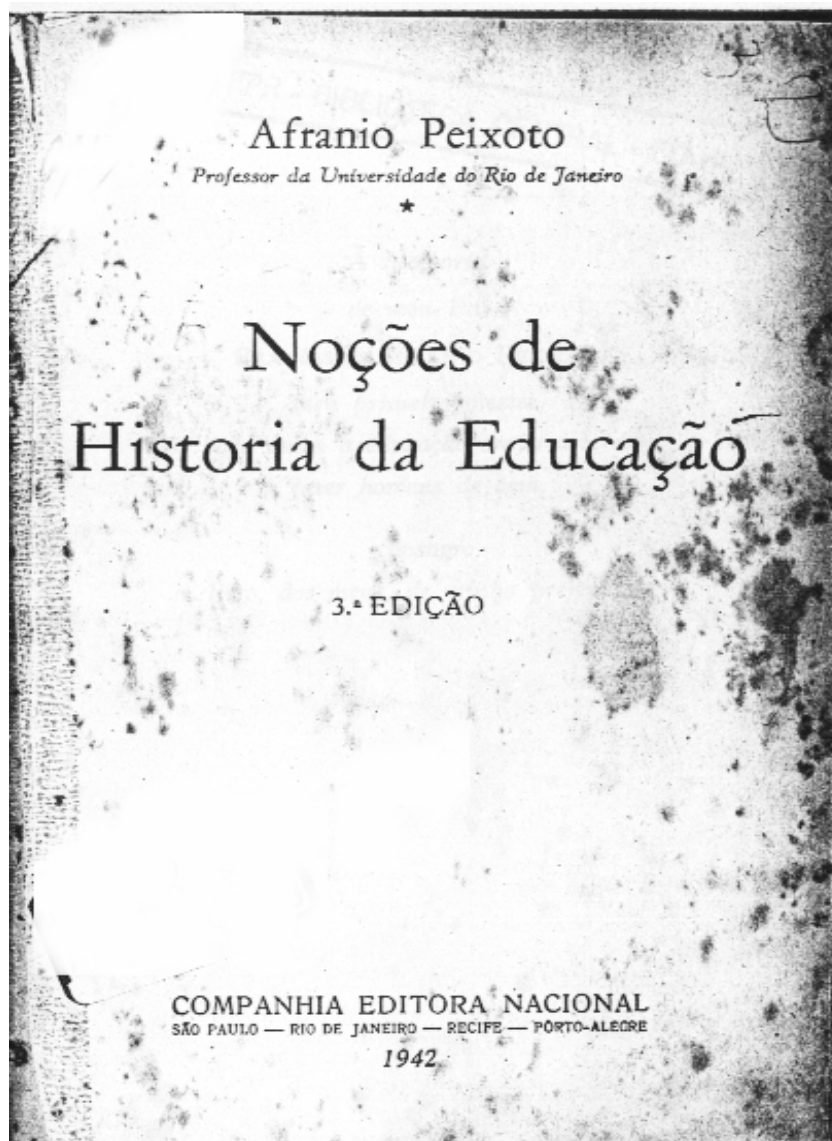


Fig. 4 - Contracapa do Manual de Afrânio Peixoto, 3. ed., 1942

Na contracapa do manual de Miranda Santos, estão dispostos o nome do autor e sua formação, título da obra justificada com uma nota explicativa que mostra estar à obra de acordo com os programas das Faculdades de Educação, dos Institutos de Educação e das Escolas Normais, nome da editora, ano e data de publicação da obra e a indicação que a edição é “ilustrada” (edição de 1945 e 1948, as demais não possuem este indicativo). Observei que, a partir da 3ª edição, a contracapa não mais indica a CAP, mas o “Curso de Psicologia e Pedagogia – Volume 2”, da qual a obra passa a fazer parte.

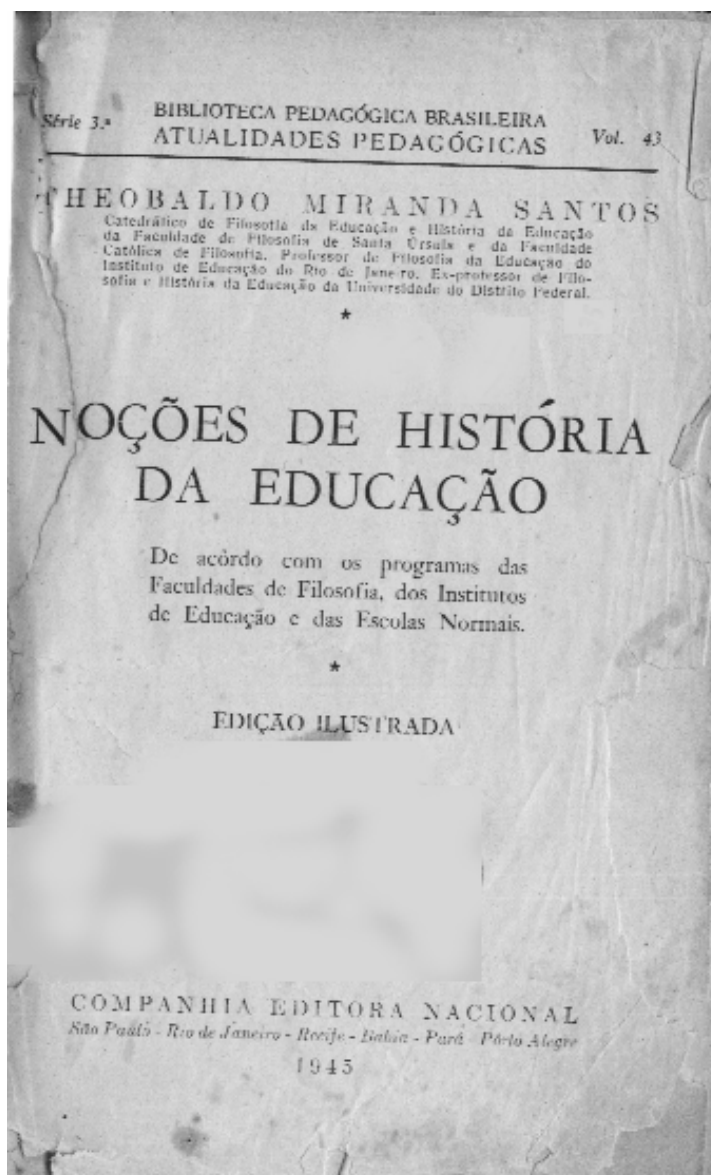


Fig. 5 - Contracapa do manual de Theobaldo Miranda Santos, 1.ed.,1945

Observei que qualquer leitor, ao ter contato com os manuais, reconheceria a qual editora pertencia às obras (estratégia comercial bastante comum), bem como informações sobre a formação dos escritores. No caso do manual de Miranda Santos fica evidenciado ainda para quem se destinava o manual.

### • A DISPOSIÇÃO DE ITENS NOS MANUAIS

No manual de Peixoto há a seguinte organização:

- I. o “índice de materiais” (sumário) encontra-se ao final da obra;

- II. o texto inicia pelo prefácio e introdução;
- III. os capítulos são organizados e divididos por meio de algarismos romanos;
- IV. a primeira página de cada capítulo, como demonstrado no capítulo 2 deste trabalho, está acompanhada de um “sincronismo” no qual Peixoto descreve datas e os principais acontecimentos do conteúdo proposto.

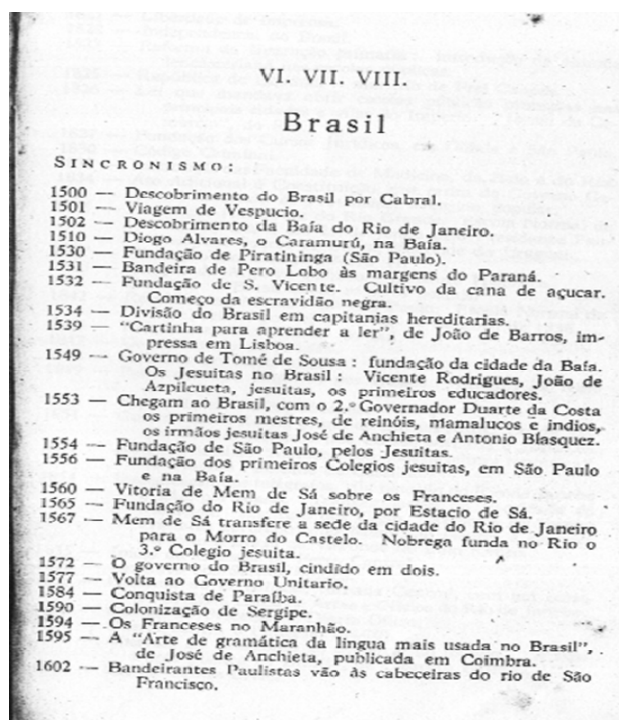


Fig. 6 - Exemplo de uma parte do “Sincronismo” sobre o Brasil.

Fonte: PEIXOTO, Afrânio, 1942, p. 273

As estratégias utilizadas por Theobaldo Miranda Santos revelam uma didatização<sup>39</sup> aprimorada:

- I. o “índice” (sumário) encontra-se no início da obra;
- II. o prefácio e a introdução aparecem após o índice;

<sup>39</sup> Neste caso, estou entendendo a didática como técnica de ensino, sendo que a utilização de algumas técnicas/estratégias torna o uso do manual mais eficiente.

- III. os capítulos são organizados e divididos por meio de algarismos romanos e os subtítulos por algarismos arábicos;
  - IV. cada título, como demonstrado no capítulo 2 deste trabalho, está acompanhado no início por um pequeno SUMÁRIO e ao término por: NOTAS, LEITURAS e BIBLIOGRAFIAS.
- a. SUMÁRIO: representa a ordenação das principais idéias que serão abordadas no interior do texto.

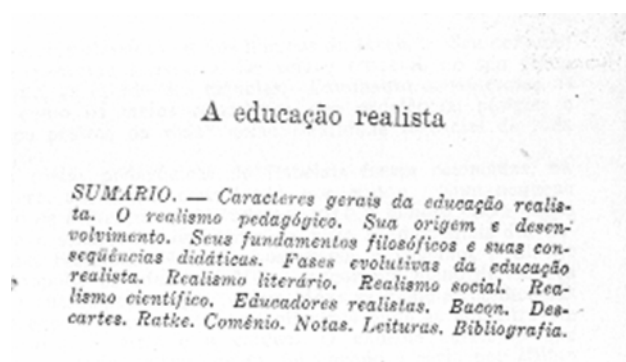


Fig. 7 - Exemplo de sumário: “A educação realista”  
Fonte: SANTOS, Theobaldo Miranda, 1950, p.271

- b. NOTAS: apresentação de algumas citações que explicam ou definem temáticas propostas pelo texto.

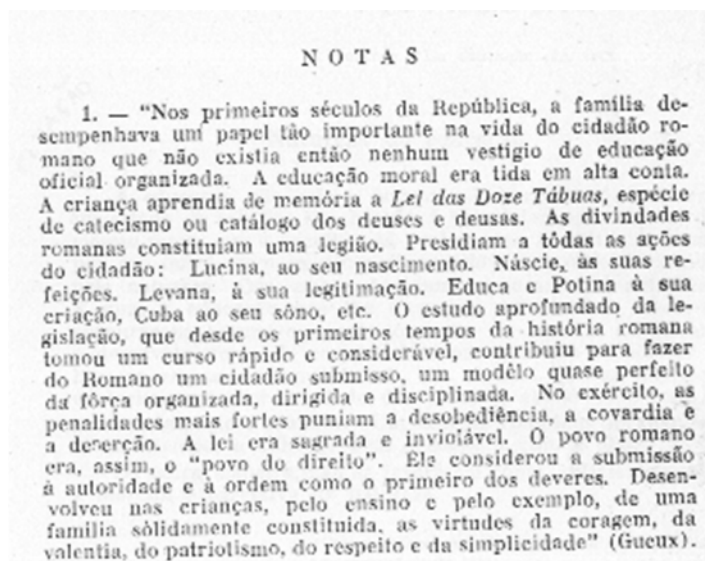


Fig. 8 - Nota sobre "A Educação em Roma"  
SANTOS, Theobaldo Miranda, 1950, p. 127

- c. LEITURAS: corresponde a pequenos trechos de obras que se referem ao conteúdo proposto. São sugestões de leitura, sempre acompanhadas da referência bibliográfica.

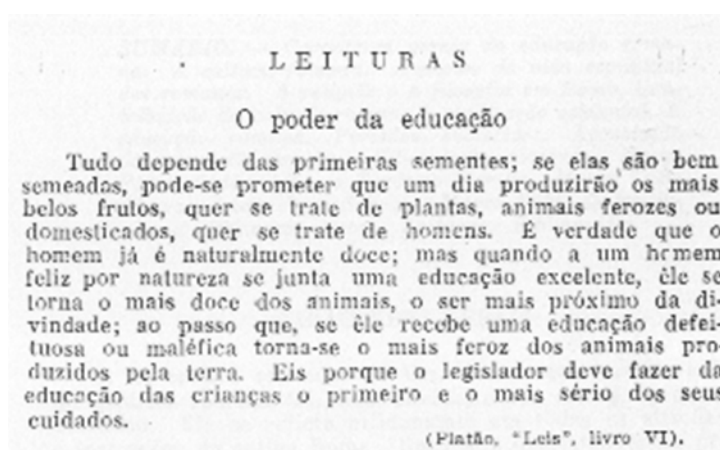


Fig. 9 - Sugestão de leitura sobre "Platão"  
Fonte: SANTOS, Theobaldo Miranda, 1950, p. 111

- d. BIBLIOGRAFIAS: são apresentadas, em média, de cinco a dez referências ao final de cada texto proposto.

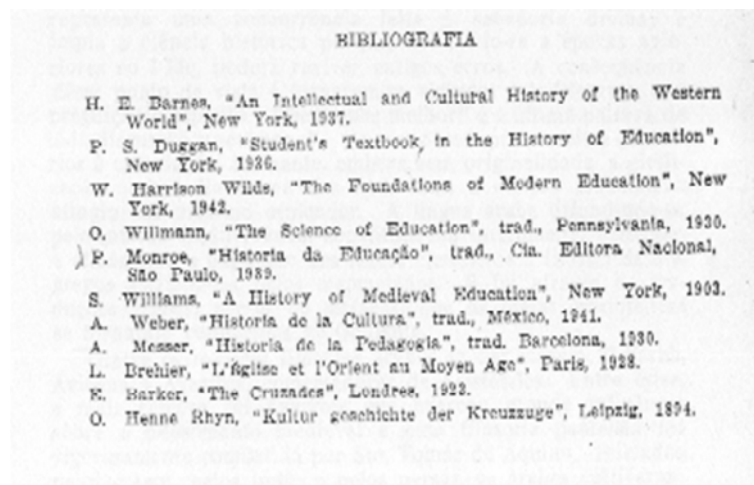


Fig. 10 - Bibliografia sobre a “Educação Feudal”  
 Fonte: SANTOS, Theobaldo Miranda, 1950, p. 207

Em relação ao manual de Peixoto, a estruturação do manual de Theobaldo Miranda Santos apresenta mais elementos organizadores, talvez porque, além de ser um autor acostumado a produzir manuais didáticos, ele explica em seu prefácio que sua obra é um compêndio que aborda *didaticamente* as doutrinas pedagógicas e as instituições educativas. BATISTA traz uma definição para o termo “compêndio”, que se aproxima com a disposição de conteúdos visualizados no manual de Miranda Santos:

(...) um conjunto de textos por meio dos quais se expunham, de forma resumida, os conteúdos do programa da disciplina. Esse tipo de livro didático permitia ao aluno estudar a matéria independentemente do professor, num trabalho individual, assumindo, por isso, um alto grau de autonomia do contexto da sala de aula. (1999, p. 550)

Nesta forma de organizar seu manual, Miranda Santos oferece às alunas normalistas a possibilidade de visualizar um conjunto de textos, bem como sugestões de citações, de notas e referências para um possível enriquecimento de repertório no processo de aprendizagem. Na mesma medida, estas citações, notas e referências também se constituíam num complemento a atividade do professor. Na obra de Afrânio Peixoto, não são oferecidos estes elementos que organizam o início e o fim

dos capítulos, mas o autor sempre inicia os capítulos pelo “sincronismo”, que apresentava resumidamente às estudantes e aos professores, um conjunto de acontecimentos políticos, econômicos e sociais.

Observei que, tanto no manual de Peixoto como no de Miranda Santos, não há proposta de exercícios ou atividades, uma tendência, como prevê BATISTA, nos manuais anteriores a década de 1970. Provavelmente o professor é que sugeria exercícios, atividades e avaliações. Nesse sentido, os manuais faziam a mediação entre o aluno e os saberes, como também entre o aluno e o professor. É uma dimensão para além dos programas de ensino, ou seja, estes manuais foram instrumentos que assumiram funções curriculares e seus textos mostraram lições, exemplos e imagens em consonância com a temática proposta, bem como com os ideais preconizados pelos autores.

No transcorrer desta dissertação, pudemos estar em contato com as diferentes lições e os diferentes “exemplos” propostos por Peixoto e Miranda Santos. Vale lembrar minha hipótese que os conteúdos estão organizados em ordem cronológica, mostrando que a evolução da educação está ligada à evolução da sociedade.

### • OS ENUNCIADOS

Afrânio Peixoto, como já enfatizado anteriormente, organiza seus textos em três grandes períodos: A EDUCAÇÃO ANTIGA, A EDUCAÇÃO MEDIEVAL, A EDUCAÇÃO CONTEMPORANEA. A convenção usada para dar destaque aos títulos – *letra caixa-alta*, indica a importância dada aos períodos abordados. Nestes estão dispostos em *letra minúscula com a primeira em maiúscula (fonte maior)* o título dos capítulos; por sua vez, os subtítulos estão negritados em *letra minúscula com a primeira em maiúscula*.



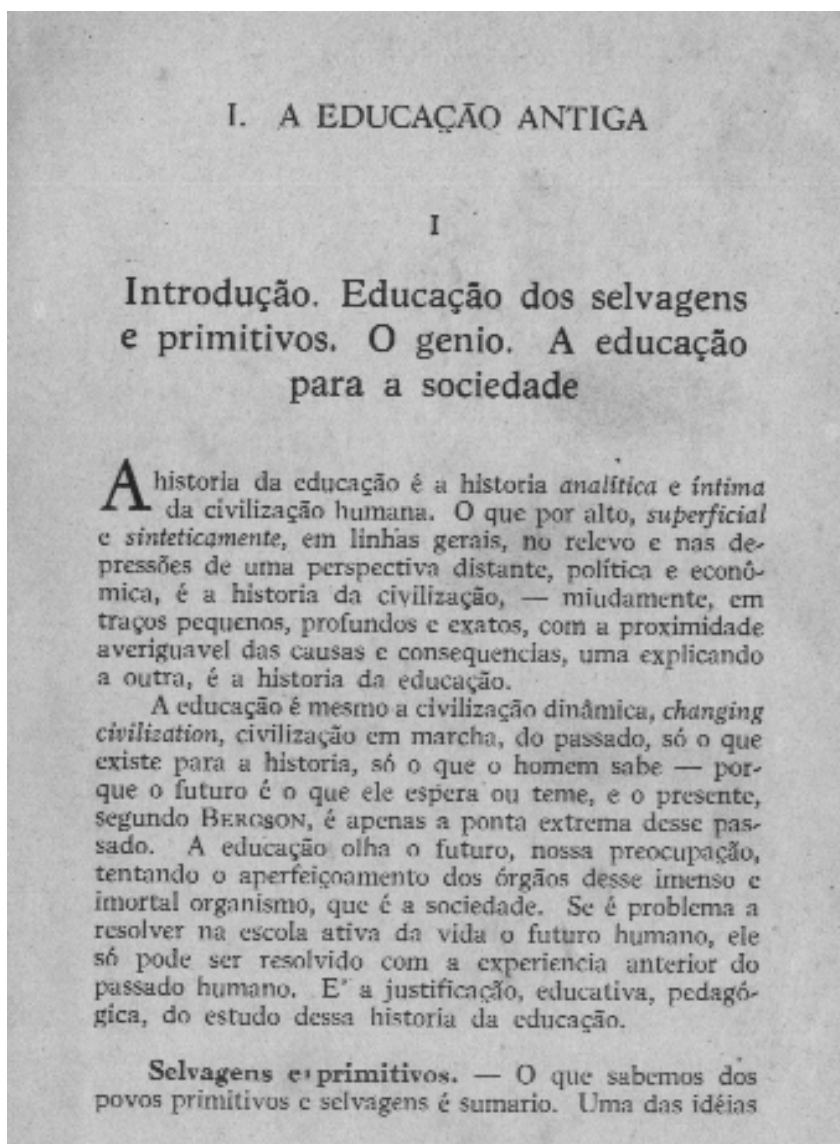


Fig. 11 - Exemplo de enunciados no Capítulo I do manual de Afrânio Peixoto  
PEIXOTO, Afrânio, 1942, p.09

Theobaldo Miranda Santos sempre reserva uma página inicial para dar destaque aos títulos e capítulos. No interior do texto, os títulos (que generalizam os conteúdos dos capítulos) estão dispostos em *letra caixa-alta*, os títulos dos capítulos em *letra minúscula com a primeira em maiúscula* e os subtítulos em *letra minúscula negritada*. No sumário de sua obra os títulos estão em *letra caixa-alta (negrito e fonte maior)* dando ênfase aos temas propostos, os títulos dos capítulos em *letra caixa-alta*, e os subtítulos em *letra minúscula com a primeira letra em maiúscula*.

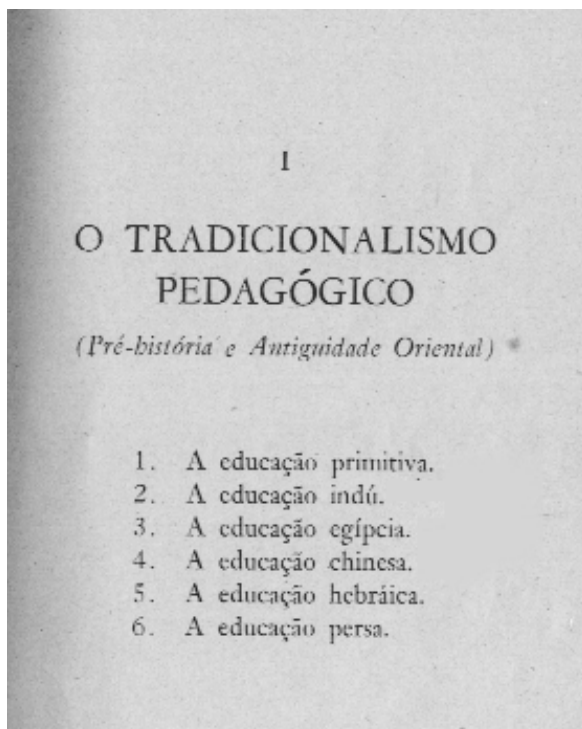


Fig. 12 - Exemplo de enunciado (página inteira) no Capítulo I, do manual de Theobaldo Miranda Santos  
Fonte: SANTOS, Theobaldo Miranda 1945, p.27.

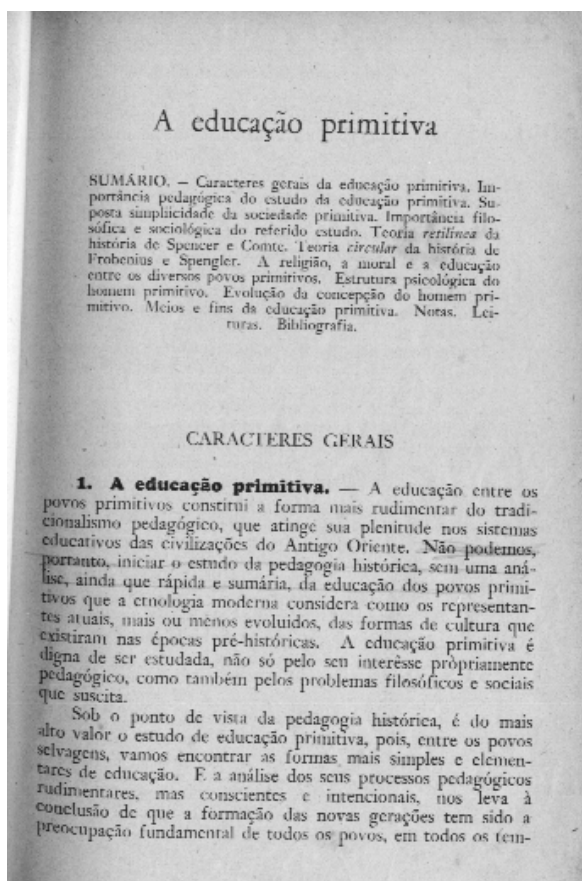


Fig. 13 - Exemplo de enunciados no Capítulo I, do manual de Theobaldo Miranda Santos.  
Fonte: SANTOS, Theobaldo Miranda, 1945, p. 29.

Em ambos os manuais os enunciados em *letra caixa-alta* (destaque) antecipam os conteúdos contemplados; os títulos dos capítulos e os subtítulos são divididos por seções menores que revelam textos breves e fechados, separados a fim de tornar os estágios da história da educação mais bem compreendidos.

### • UMA SELEÇÃO DE IMAGENS

Uma aluna normalista ou um professor, ao se deparar com os manuais de Peixoto e Miranda Santos, poderia estudar/ler sobre os diferentes “estágios” da civilização por meio de textos, mas também por intermédio de imagens. Por isso, a tabela abaixo mostra um índice<sup>40</sup> (por conteúdos) das imagens presentes nos manuais de Peixoto e Miranda Santos.

<b>AFRÂNIO PEIXOTO (capítulos)</b>	<b>IMAGENS</b>	<b>THEOBALDO MIRANDA SANTOS (capítulos)</b>	<b>IMAGENS</b>
Educação Arcaica	Confúcio. Lao-Tseu. Escrita Assíria. Cilindros assírios. Touro alado assírio. Rei persa em combate. Escriba sentado. Letras hieroglíficas. Junco Ciperácea (planta da qual se produz o papiro). Costumes judeus.	Educação Primitiva Educação Indú Educação Egípcia Educação Chinesa Educação Hebraica Educação Persa	Cerimônia de iniciação da puberdade numa tribo africana. Um mandarim chinês. Tipos do antigo Egito. Ruínas de um templo egípcio. Escriba sentado escrevendo num rolo de papiro. Papiro ornado. Estudantes egípcios escrevendo ditado na escola. Reconstituição de um templo de Jerusalém. Arte persa: fragmentos do “Friso dos Imortais”. Guerreiros Persas.
Grécia	Coruja simbólica de Atenas. Acrópole de Atenas. Meninos na escola (vaso grego). Péricles. Demóstenes. Isocrates. Pitágoras.	A educação grega	Lição de escrita, de leitura e de música numa escola de Atenas. Jovem ateniense interrogado, no ginásio, por um retórico. Interior de uma escola de Atenas. Juramento de um efebo

<sup>40</sup> Nesta tabela, bem como na descrição das imagens, procurei manter a grafia original dos textos de Miranda Santos e Peixoto.

	Sócrates. Platão. Xenofonte. Aristóteles. Plutarco.		Jovem ateniense estudando. Material escolar de um estudante grego. Uma criança ateniense, acompanhada de sua mãe. Jovens gregos exercitando-se no Box e no “pancratium”. Lição de oratória numa escola grega. Um sofista. Sócrates. Platão. Aristóteles.
Roma	A loba (símbolo romano). Forum romano. Cornélia, mãe de Gracos. Tabua encerada, tinteiro e calamo ou caneta. Tabua e pedrinha ou cálculos e estojos. Instrumentos romanos para escrever. Cena de escola: o mestre açoitando o aluno. Cícero.		Um sacrifício em Roma Teatro romano: cena de uma comédia. Escola romana. Cena escolar galo-romana. Exame numa escola romana. Orador romano. Marco Aurélio. Cícero. Sêneca.
Patrística, Monástica. Invasão Árabe. Carlos Magno. Cavalaria. Cruzadas. Escolástica. As Universidades	Orígenes. São Jerónimo. Santo Agostinho. Abade e monge beneditinos. Árabes mulçumanos em oração. Escrita carolíngia. Carlos Magno. Cavaleiros em batalha. Representação de aula, em universidade medieval. Simbolismos Medievais: Gramática, Dialética, Retórica, Lógica, Universidade, Filosofia “Sorbona”, em Paris. Abelardo.	Educação Apostólica Educação Patrística Educação Monástica Educação escolástica  Educação feudal Educação islâmica	Cena escolar da Idade Média. O ensino de Gramática numa escola medieval Santo Agostinho. Aula de filosofia numa escola monástica. Uma criança é entregue pelos pais ao mestre de Gramática. Ensino de Teologia no período escolástico. Professor Medieval ditando a lição aos alunos. Aula num colégio do século XIV. Selo da Universidade de Paris. Reunião de doutores na Universidade de Paris. Aula na Universidade de Bolonha. Cortejo de estudantes na Idade Média. Aula na Faculdade de Medicina. “São Luís entrega a

			<p>Roberto Sorbon a carta de fundação do seu colégio”.</p> <p>O colégio de Sorbonne, no século XVI.</p> <p>“O soberano conforto do estudo”.</p> <p>Visita dos estudantes à feira.</p> <p>Selo das Quadro Nações.</p> <p>Santo Alberto Magno.</p> <p>Santo Tomás de Aquino.</p>
Renascimento	<p>Copista de manuscrito (Século XV).</p> <p>Fragmento do primeiro texto impresso em caracteres moveis.</p> <p>Linotipo, máquina tipográfica moderna.</p> <p>João Gutenberg.</p> <p>Nicolau Copérnico.</p> <p>Erasmus.</p> <p>Rabelais.</p> <p>Montaigne.</p> <p>Lutero.</p> <p>Melanchton.</p> <p>“Inacio de Loiola”.</p>	<p>Educação renascentista</p> <p>Educação reformista</p> <p>Educação contra-reformista</p> <p>Educação Jansenista</p>	<p>Escola no tempo de Luís XIII.</p> <p>Reitor da Universidade de Paris.</p> <p>“Bedel da Universidade de Paris marchando na frente do Reitor durante uma cerimônia”.</p> <p>Um médico do século XVI.</p> <p>Escola de Medicina de Montpellier.</p> <p>Erasmus.</p> <p>Vives.</p> <p>Curso de Direito Civil na Universidade de Bolonha.</p> <p>Rabelais.</p> <p>Montaigne.</p> <p>Lutero.</p> <p>Melanchton.</p> <p>Fénélon.</p> <p>Loyola.</p>
<p>Educação na Idade Moderna</p> <p>Locke e Rousseau.</p> <p>Filósofos e revolucionários</p>	<p>Escola (na extrema à direita, sobre a mesa, está um feixe de varas, ou “férula”).</p> <p>Francis Bacon.</p> <p>Descartes.</p> <p>Comenius.</p> <p>Bossuet.</p> <p>Fénélon.</p> <p>Madame de Maitenon.</p> <p>Jonh Locke.</p> <p>Rousseau.</p> <p>Frontispicio reduzido do “Emilio”.</p> <p>Condillac.</p> <p>Kant.</p> <p>Condorcet.</p> <p>Turgot.</p> <p>La Chalotais.</p> <p>Lakanal.</p>	<p>Educação realista</p> <p>Educação disciplinar</p> <p>Educação pietista</p> <p>Educação racionalista</p> <p>Educação naturalista</p> <p>Educação filantropista</p> <p>Educação revolucionária</p> <p>Educação psicológica</p> <p>Educação científica</p>	<p>Bacon.</p> <p>Comênio.</p> <p>Locke.</p> <p>Voltaire.</p> <p>Entrada principal da Universidade de Salamanca.</p> <p>Biblioteca da Universidade de Praga.</p> <p>Rousseau.</p> <p>Saída do colégio no século XVII.</p> <p>Um aluno da Escola Politécnica, no tempo de Napoleão I</p> <p>A Escola Politécnica.</p> <p>A Faculdade de Medicina de Paris, em 1830.</p> <p>“Como se estudava direito em Paris...”.</p> <p>Pestalozzi.</p>

			Kant. Herbart. Froebel. Schleiermacher. Spencer.
Pestalozzi, Girard, Froebel, Herbart, J. P. Richter. Ensino Mutuo  Comte, Stuart-Mill, Spencer, Bain, Freud. Ensino de anormais.  Estados Unidos da América do Norte  América Latina  Escola Nova	Franke. Basedow. Pestalozzi. Girard. Froebel. Herbart. "Lencaster". Bell. Herbert Spencer. Alexandre Bain. Abade de L'Epée. Valentin Haüy. Mann. W. James. J. Dewey. Tolstoi, precursor da escola nova. Os pioneiros da educação nova. Maria Montessori. William H. Kilpatrick. Edouard Claparède. Adolphe Ferrière.	Educação individualista Educação socialista Educação nacionalista Educação pragmatista Educação técnica  Educação espiritualista Educação cristã	Tolstoi. Natorp. Kerschensteiner. Durkheim. Fichte. Kriek. Dewey. Kilpatrick. Maria Montessori. Washburne. Entrada principal do Colégio de Eton, na Inglaterra. Cortejo de estudantes da Universidade de Cambridge. Biblioteca de Trinity Hall, em Cambridge. Trinity College de Oxford (Inglaterra). Universidade de Colônia (Alemanha). Cortejo de estudantes da Universidade de Marburgo. Pátio de Sorbonne (Paris). Universidade de Roma (Itália). Universidade de Colúmbia . Colação de grau na Universidade de Colúmbia. Universidade de New York. Universidade de Harvard Museu de Arte da Universidade de Yale. Vista aérea do Colégio de Wellesley. Boutroux. Eucken. D. Bosco. Willmann. Newman. Spalding.
Brasil	Padre Anchieta. José Bonifácio. Pedro II. Ruy Barbosa. Benjamin Constant.	Educação Brasileira (apêndice)	Padre Anchieta. Padre Vieira. Bernardo Pereira de Vasconcelos. Conselheiro Leôncio de Carvalho. Rui Barbosa.

			D. Pedro II. Benjamin Constant.
--	--	--	------------------------------------

De maneira geral, as imagens estão relacionadas principalmente a um universo cultural e educativo: cenas de cotidianos escolares, ícones da História (educadores, filósofos) e instituições educativas. Observei que a função das imagens nestes manuais é a de ilustrar o texto. A seguir mostro algumas imagens que estão presentes nos manuais.

Tanto para Peixoto como para Miranda Santos, tratar da educação primitiva na primeira parte do texto representou mostrar que esta foi marcada por rituais e cultos. Assim como o texto explica este fenômeno, as imagens o complementam.



Fig. 14 - Cerimônia da iniciação da puberdade numa tribo (sic) africana  
Fonte: SANTOS, 1950, p. 32

Os autores enfatizam com texto e imagens que nos tempos mais remotos da história da civilização, tanto o papiro como as formas de escrita transformaram a civilização. Apesar de poucas, as informações e imagens sobre a educação chinesa, hebraica, persa, egípcia, entre outras, conservam pedagogicamente a história da educação destas civilizações.

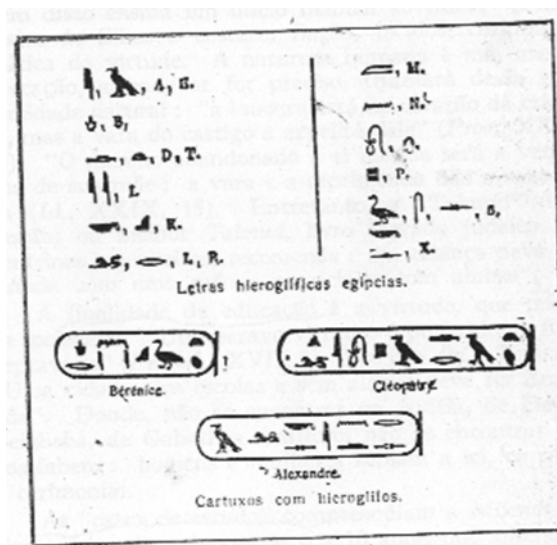


Fig. 15 - Letras Egípcias.  
Fonte: PEIXOTO, 1942, p. 33



Fig. 16 - Planta da qual o papiro era produzido.  
Fonte: PEIXOTO, 1942, p. 34

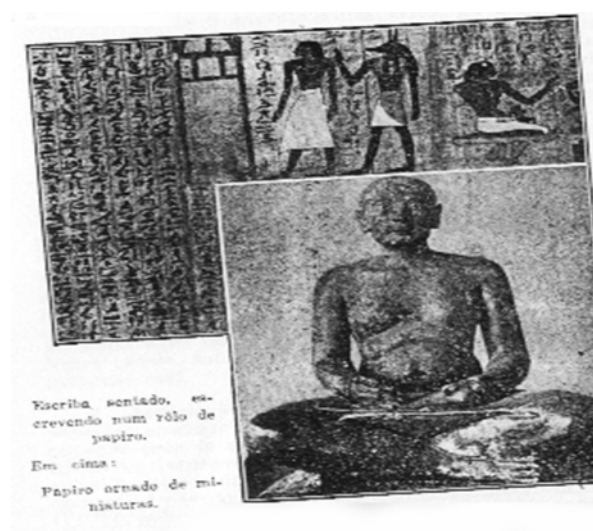


Fig. 17 - Acima um papiro, abaixo um escriba egípcio.  
Fonte: SANTOS, 1950, p.58

A Grécia, uma nação que facilitou o comércio entre o Oriente e o Ocidente, serviu de fonte de estudos para muitos historiadores e professores. Foi considerada por muitos berço da cultura, da civilização e da educação. Assim, não poderia deixar de ser uma importante civilização tanto para Miranda Santos como para Peixoto. Os



autores apresentam imagens que por vezes se repetem nas duas obras e revelam o desenvolvimento educativo desta civilização. Peixoto prioriza as imagens dos “educadores gregos” (Sócrates, Platão, Aristóteles, Xenofonte, entre outros), Miranda Santos além dos educadores apresenta imagens de um cotidiano educativo.



Fig. 18 - Vaso pintado, mostrando meninos gregos no cotidiano escolar.

Fonte: PEIXOTO, 1942, p.46



Fig. 19 - (A mesma gravura).

Fonte: SANTOS, 1950, p.86



Fig. 20 - Sócrates

Fonte: PEIXOTO, 1942, p.55



Fig. 21 - Sócrates

Fonte: SANTOS, 1942, p.100

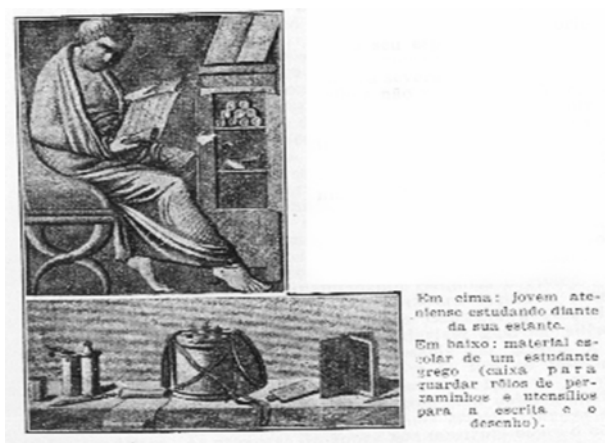


Fig. 22 - Cotidiano de um jovem estudante e os materiais escolares - (abaixo).

Fonte: SANTOS, 1950, p.90



Fig. 23 - Criança recebendo ensinamentos de um mestre.

Fonte: SANTOS, 1950, p. 91

A educação romana também se tornou uma lição. Uma educação organizada pela disciplina e justiça deveria ser contemplada. Para além do texto, Miranda Santos evoca imagens de cenas escolares. Por sua vez, Peixoto mostra gravuras de instrumentos usados para escrever e uma única cena escolar, na qual um mestre está açoitando um aluno. Neste momento, Peixoto critica esta ação do mestre e a condena para a modernidade:

*A férula, de ferire*, tanto é a vara, o açoite, chicote ou chibata, como é a palmatoria, com que se batia na palma das mãos. Este suplicio romano teve

largo uso universal, quasi até nossos dias e, não duvido, haja por aí além, ainda tal escola, em que se use... (PEIXOTO, p.74, 1942)



Cena de escola: o mestre açoita o aluno, que os colegas seguram: fresco pintado em uma vila heleno-romana de Herculaneum.

Fig. 24 - Castigos nas escolas romanas.  
Fonte: PEIXOTO, 1942, p.74



Exame numa escola romana.

Fig. 25 - A educação em Roma.  
Fonte: SANTOS, 1950, p.74

De um ponto de vista pedagógico, o período medieval passou a dar ao mundo uma nova visão de cultura submetida aos preceitos cristãos. Miranda Santos apresenta em seu manual, uma quantidade significativa de imagens para representar este período. Assim, a história da educação – enquanto conteúdo escolar – ganha um *corpus* significativo nesta parte de sua obra, pois a Filosofia, a Teologia, a Medicina e a Universidade são enfatizadas na forma de texto e de imagens, estas por sua vez, revelam às alunas o cotidiano escolar deste período.



Fig. 26 - Aula na Faculdade de Medicina (séc. XIV).  
Fonte: SANTOS, 1950, p.183



Fig. 27 - Aula de Filosofia numa escola monástica.  
Fonte: SANTOS, 1950, p.160

Peixoto apresenta imagens de educadores medievais, o cotidiano escolar em universidade medieval, “simbolismos” que representam o Período Medieval:

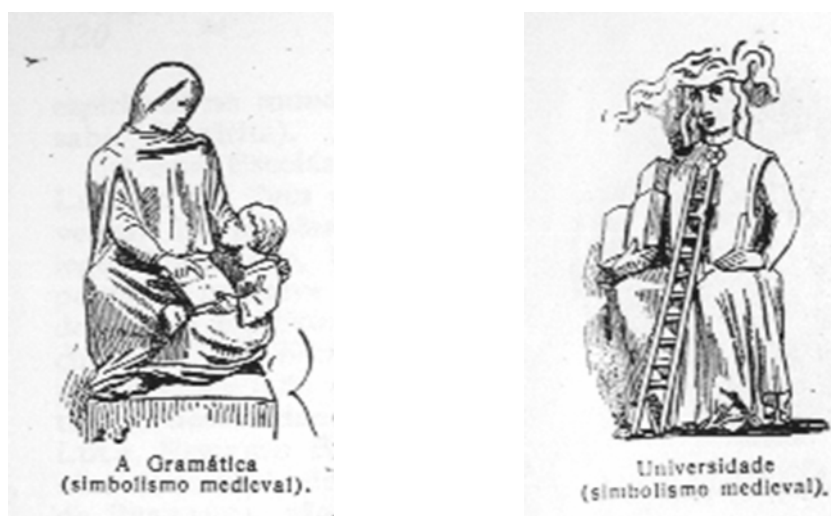
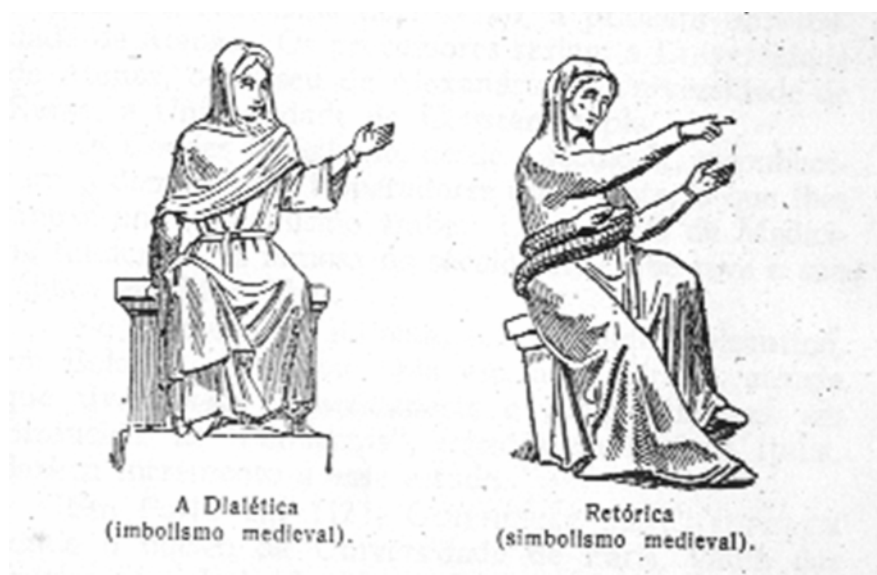


Fig. 28 - Simbolismos medievais.

Fonte: PEIXOTO, 1942. (“Gramática, Dialética e Retórica” p.118 ; a “Universidade”, p. 124)



O Renascimento “pedagógico” traz a idéia de progresso e evolução por meio das invenções, das descobertas, das navegações, além da revalorização da cultura greco-latina. Estes acontecimentos aliados à formação do homem burguês tornaram-se primordiais nos manuais de história da educação.

Ao mostrar às alunas que o Renascimento contribuiu significativamente para a expansão da educação, Peixoto apresenta em seu manual a imagem da “máquina tipográfica” inventada por Gutenberg, a qual facilitou a produção de livros e o acesso a leitura.

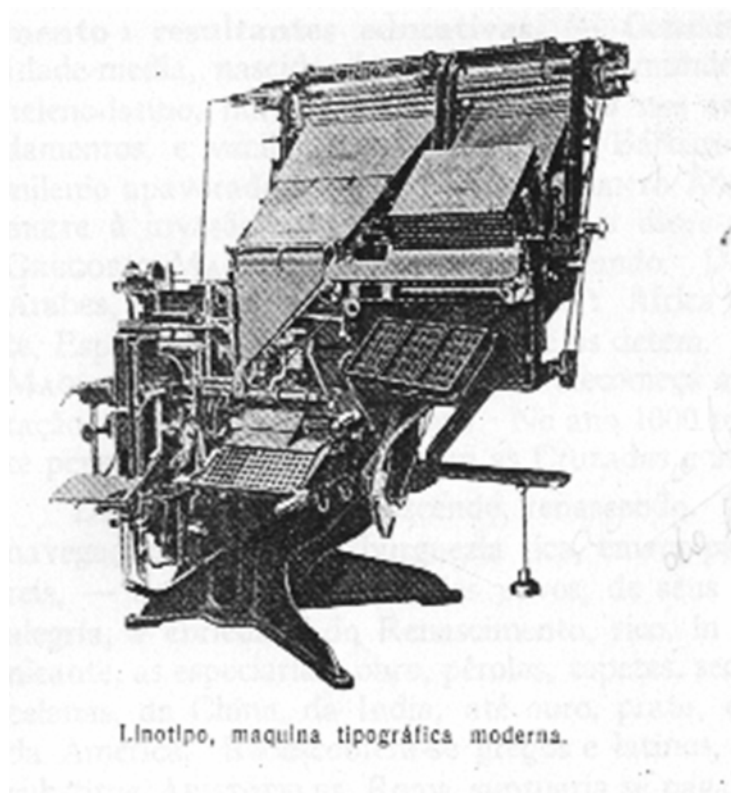


Fig. 29 - “Linotipo, maquina tipográfica moderna”.  
Fonte: PEIXOTO, 1942, p.143

As imagens de educadores renascentistas (Vives, Rabelais, Erasmo, Mointaigne, entre outros) personificam o conteúdo sobre o Renascimento nos manuais de Peixoto e Miranda Santos.



Fig. 30 – Montaigne  
Fonte: PEIXOTO, 1942, p.158



Fig. 31 - Montaigne  
Fonte: SANTOS, 1950, p.233

Na trajetória “evolutiva” da história da educação, os manuais apresentam o pensamento pedagógico moderno. Este período foi representado com textos e imagens de ícones da história (educadores, filósofos, “revolucionários”), tanto na obra de Peixoto como na de Miranda Santos. Destaque especial deve ser dado ao capítulo sobre a “Educação Técnica” de Miranda Santos, no qual são mostradas imagens de famosas escolas e universidades – *templos de civilização*, espalhadas pelo mundo.

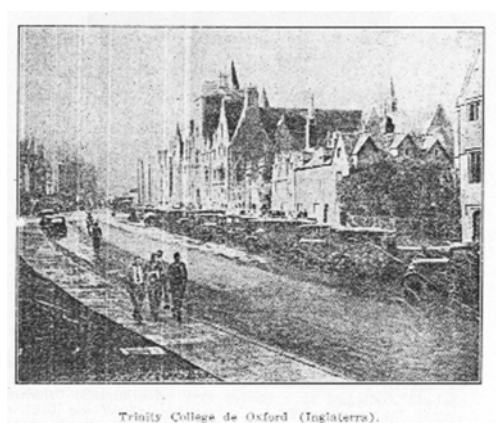


Fig. 32 - College de Oxford (Inglaterra)  
Fonte: SANTOS, 1950, p.429

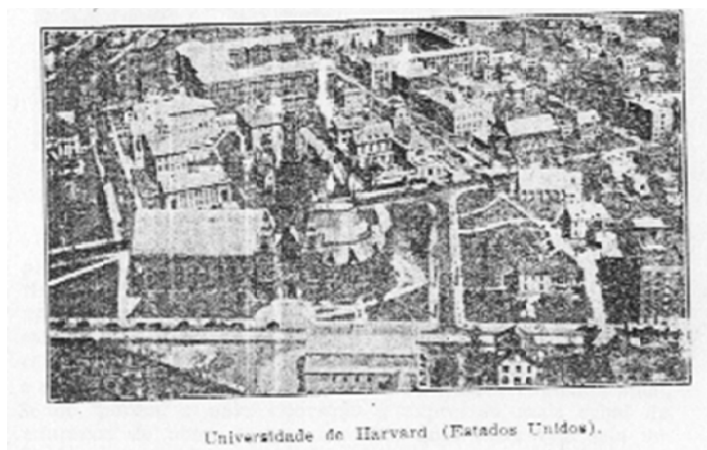


Fig. 33 - “Universidade de Harvard (Estados Unidos)”.  
Fonte: SANTOS, 1950, p.441

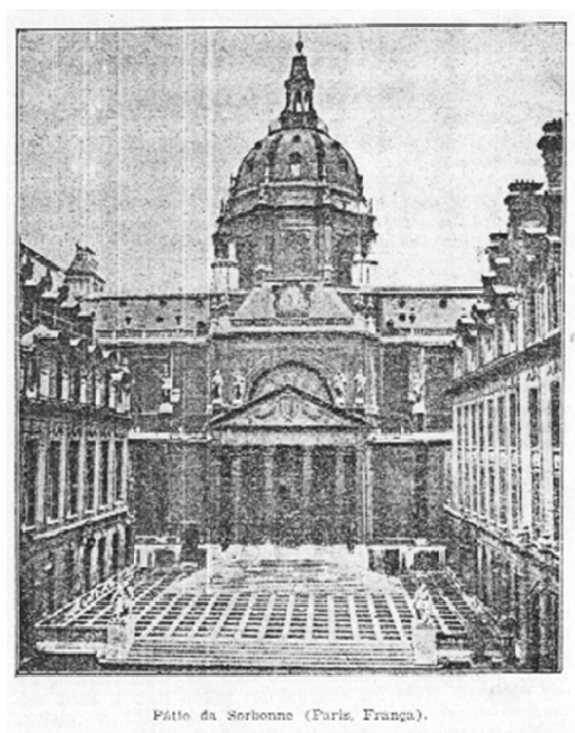


Fig. 34 - “Pátio de Sorbonne (Paris, França)”.  
Fonte: SANTOS, 1950, p.433



Apenas no manual de Peixoto registrei a presença de quatorze imagens de “grandes personalidades” do Período Moderno (destaque especial para a figura de uma mulher: “Madame de Maitenon”). Neste capítulo ainda, Peixoto mostra para as alunas que as escolas da Reforma e da Contra-Reforma mantiveram o uso de castigos corporais contra os alunos, como mostra a imagem a seguir:



Fig. 35 - “Na mesa do mestre há um feixe de varas”.  
Fonte: PEIXOTO, p. 169, 1942



Fig. 36 - Madame de Maitenon.  
Fonte: PEIXOTO, p. 181, 1942



Fig. 37 - Rousseau.  
Fonte: PEIXOTO, p. 189, 1942

Ao contrapor-se ao “velho e ultrapassado”, os manuais apresentam o “Período Contemporâneo”. Por isso, não poderia deixar de estar presente nestas obras a imagem do educador John Dewey e textos sobre a Escola Nova.



Fig. 38 - Dewey  
Fonte: PEIXOTO, p. 259, 1942



Fig 39 - Dewey  
Fonte: SANTOS, p. 401, 1950

No capítulo referente ao Brasil, os autores apresentam um balanço sobre a educação (como vimos no capítulo 3 deste trabalho). Pedagogicamente, os autores constroem o texto respeitando cronologicamente as mudanças educacionais do país. Com relação às imagens, na obra de Miranda Santos da 1ª edição para a 3ª edição, notamos que algumas imagens foram suprimidas, como veremos nos exemplos a seguir:



Fig. 42 - Fernando de Azevedo  
Fonte: SANTOS, 1945, p.573



Fig. 41 - D. João VI (figura de página inteira)  
Fonte: SANTOS 1945, p.559.



Fig. 40 - Gustavo Capanema  
(figura de página inteira)  
Fonte: SANTOS. 1945. n.578

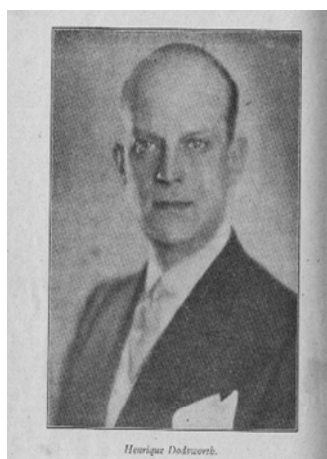


Fig. 43 - Henrique Dodsworth  
(figura de página inteira),  
Fonte: SANTOS, 1945, p.580

Neste inventário pedagógico que estou delineando, Peixoto – *o pioneiro* – encerra sua obra com o capítulo sobre a Escola Nova e com uma imagem dos Pioneiros da Educação Nova. Por sua vez, antes do “apêndice” sobre a educação brasileira, Miranda Santos – *o católico* – encerra sua obra com o capítulo sobre a educação cristã e com imagens de educadores cristãos.

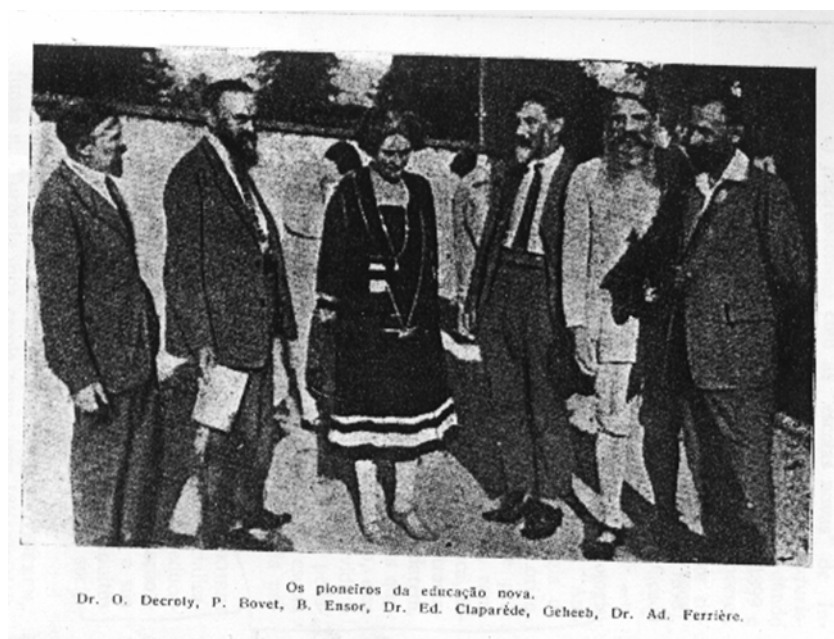


Fig. 44 - Da esquerda para direita: Decroly, P. Bovet, B. Ensor, E. Claparède, Geheeb, Ferrière.  
Fonte: PEIXOTO, 1942, p.334

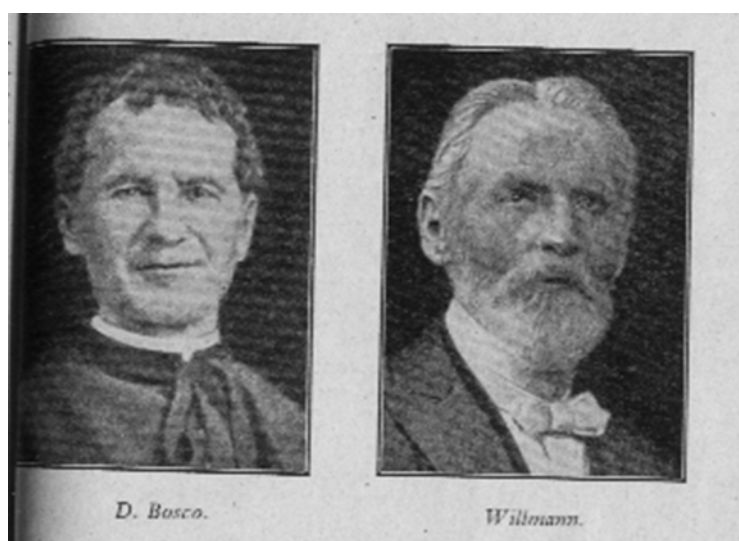


Fig. 45 - Da esquerda para direita: D. Bosco, Willmann.  
Fonte: SANTOS, 1945, p.527

Numa visão ampla, *inventando* ou se *apropriando* de modelos, os manuais de Afrânio Peixoto e Theobaldo Miranda Santos abrandaram a complexa e densa história da educação das civilizações. Trata-se de um *inventário pedagógico*, que tanto em sua estrutura e organização quanto em seu conteúdo percorreu a história das educações de forma redutora por vezes “atropelada”, descomplicada mas por vezes “confusa”, ambientalizada por vezes “descontextualizada”. Mas, um *inventário pedagógico* repleto de ideais, de juízos e de *noções*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*(...) Pois bem, o sonho a realizar é este. Escolher um bom professor, melhor, uma bela, jovem, interessante e interessada professora, dotada do dom de ensinar. Fazê-la, por um método pedagógico experimentado, dar instrutivas e agradáveis lições, diante do registro que será vidente e falante, a letra impressa, escrita, falada, conjugada; as palavras, as frases, a historieta, os objetos, mostrados, combinados, dispostos para uma impregnação na alma dos milhares de adultos e crianças que veriam, por todos os recantos do Brasil, passarem e repassarem estas fitas lições, instrutoras e educadoras do povo. A lição curta, divertida, graciosa, descontinuada por um incidente apropriado, que dê vida e curiosidade à lição que vai ser continuada. Todo um curso assim. (...) ...que mundo novo tem esse sonho, incluso! (Peixoto, 1931, p.481)*



Baile de formatura - Clube Curitibano, dezembro de 1941

Fig. 46 – Baile de formatura – Clube Curitibano, dezembro de 1942

Fonte: PILOTTO, 2004, p. 52

A história da formação de professoras normalistas é uma paixão que cultivo não só pelos anos de estudo no Instituto de Educação do Paraná, mas pelo intenso interesse que ela desperta para a manutenção da memória de nós, professores.

Ao término deste trabalho, que teve como objetivo desvelar a historicidade dos manuais de História da Educação de Afrânio Peixoto e Theobaldo Miranda Santos, destinados aos cursos de formação de professoras nas décadas de 1930 e 1940, penso que consegui recuperar não só a escrita da história da educação narradas pelos autores, como também os sentidos sobre educação idealizados pelo médico Peixoto e pelo dentista Miranda Santos. Neste sentido, ao redimensionar as trajetórias de formação de Peixoto e Miranda Santos, percebi que seus discursos estavam ligados a de grupos específicos (“pioneiros” e “católicos”), que, em certa medida, inspirariam a escrita de seus manuais.

O *desenho* da História da Educação feito por estes autores revelou uma estreita relação entre *história, educação e civilização*. A história foi narrada dos povos primitivos, gregos, romanos até a história contemporânea, a fim de ensinar sobre o processo de evolução e de civilidade das sociedades. Neste *desenho*, foi mostrado que uma sociedade só é civilizada quando educada. Por isso, contar a história por meio das doutrinas e idéias pedagógicas em sua gênese e evolução, apoiadas nas idéias desenvolvidas pelos ícones da história intelectual da filosofia e da pedagogia, tornou-se uma estratégia de organização dos educadores brasileiros. Aliás, os autores utilizaram o passado como forma de justificar os erros e acertos do presente.

Nesta trajetória de explicações sobre o passado, foi fundamental minha pesquisa sobre as fontes que colaboraram na escrita, na estrutura e na organização destes manuais. Isto ocorre porque, analisando os manuais, apesar de Peixoto eclipsar suas fontes e Miranda Santos revelá-las, pude observar suas aproximações com os *autores-educadores* associados a uma pedagogia moderna como a de Riboulet e Compayré, a historiadores como o norte-americano Paul Monroe (especialista em História da Educação), filósofos e educadores alemães, franceses, entre outros. Neste sentido, foi importante escrever sobre as *lições* presentes no manual de Paul Monroe, como forma de perceber as aproximações entre este autor (significativamente citado) e os escritores brasileiros. A mais significativa *lição* está relacionada à aproximação que

Monroe estabelece entre educação e civilização por meio da história do passado educativo.

Neste processo, fez-se necessário analisar os procedimentos historiográficos utilizados por Peixoto e Miranda Santos na escrita dos manuais, a fim de compreender os sentidos que haviam sido reservados sobre a história da educação à formação das alunas normalistas. Como hipóteses, sugeri que os manuais reuniam alguns sentidos particularizados: como o da *pragmática*, o da *exemplaridade* e o da *escatologia*. Passei a considerar “pragmática” esta escrita porque, antes de tentar compreender o passado, os autores procuraram dizer o que era preciso fazer no presente. Estes manuais evidenciaram uma escrita “exemplar” porque trataram o estudo do passado como *lição*, como momento de compreensão do não instituído, dos erros e dos acertos cometidos pelas gerações anteriores. Na relação entre passado e presente, estas escritas mostraram-se “escatológicas” porque aderiram à filosofia da história do progresso, da evolução e inexorável modernização da sociedade, bem como assume a idéia de fim da história, sendo marcadas pelo “anacronismo” à medida que problematizaram o passado, da história antiga à história moderna, a partir dos problemas políticos e educacionais em disputa nos anos trinta do século XX. Pude verificar, igualmente, o “engajamento” dos autores, no sentido de incutir nos seus leitores uma visão apaixonada pela história *da educação das civilizações*, inclusive sobre a história do Brasil. Estes brasileiros, Afrânio Peixoto e Theobaldo Miranda Santos, não eram historiadores, mas educadores engajados às causas nacionais e educativas. Foram homens que, levados a escrever manuais escolares, fizeram parte da constituição da história não só deste saber – *história da educação* – mas também de um legado sobre educação.

A importância maior de análise destes manuais não está na produção de críticas à escrita da história de Miranda Santos e Peixoto, mas, perceber que os manuais destes autores são produtores de memória educacional e divulgadores de um *saber* para o processo de formação do magistério, assim como suas teses principais sobre a História da Educação do Brasil e os seus procedimentos historiográficos *escatológicos*, *pragmáticos* e *exemplares* reverberaram na produção da escrita da História da Educação no Brasil por um longo período histórico.



Não poderia deixar de escrever sobre a visão apaixonada destes *educadores-escritores* pelo passado e pelo presente da educação brasileira num capítulo especial. É uma visão apaixonada, porque, ao descreverem – *reinventarem* – esta história do Período Colonial ao Período Republicano, revelaram consensos relacionados ao desapontamento com o passado educativo do país e, na busca por um futuro “melhor”, evidenciaram dissensos relacionados à *pedagogia moderna* que deveria conduzir o ensino e a aprendizagem da *escola moderna* vista como “ativa e progressista” para Peixoto e “pedagogicamente cristã” para Miranda Santos.

Minha aprendizagem sobre *livros e leituras* para a formação de professoras aliada à minha formação e atuação<sup>41</sup> na área de Pedagogia, significativamente colaboraram para que pudesse “olhar” estes manuais vislumbrando-os enquanto um *inventário pedagógico*. Este inventário foi observado a partir da estrutura e da organização pedagógica destes manuais destinados ao uso de professores para ensinar e de alunas para aprender, a fim de serem didaticamente manuseados e facilmente lidos. Assim, mostrei que os textos aliados a um repertório de imagens (gravuras), mostraram pedagogicamente os fenômenos educativos, a cultura e os ícones da história mundial e da educação.

Aprendi e procurei demonstrar que as *noções* apresentadas por Peixoto e Miranda Santos sobre história e educação revelaram não só ensinamentos úteis para as alunas normalistas, mas seus julgamentos sobre o passado, seus engajamentos no contexto da década de 1930 e seus desejos para um futuro no qual a escola é o lugar de transformação da sociedade brasileira e a educação seu instrumento necessário.

---

<sup>41</sup> Atualmente trabalho em uma equipe de pedagogas que fazem, na Secretaria Municipal da Educação de Curitiba – Departamento de Educação Infantil (Núcleo Regional da Cidade Industrial), atendimento e supervisão pedagógica a 21 Escolas Municipais e 33 CMEIS (Centros Municipais de Educação Infantil) localizados nesta regional.

## FONTES

### ♦ *Artigos*

HONGYU, Zhou. *Teachers College and Chinese Education: A College and a Country – Teachers College, Columbia University and Modern Chinese Education*, 2001. Disponível em: <<http://www.columbiauniversity.com>> Acessado em: 05 out 2006.

REISNER, Edward H. *A tribute to Professor Paul Monroe (1869-1947) of Teacher College, Columbia University*, 1948. Disponível em <<http://www.tcrecord.org>> Acessado em 04 jan 2007.

SUZZALLO, Henry. Paul Monroe. In: *História da Educação*. Tradução de Idel Becker e Therezinha G. Garcia. 7.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional., 1968.

### ♦ *Atas de Congregação, Livros de Cursos, Regimentos, Pareceres*

ATAS DE SECÇÕES DA CONGREGAÇÃO NA ESCOLA NORMAL SECUNDÁRIA DE CURITIBA DE 1925 a 1934.

LIVRO DE CURSOS ESPECIAIS DO CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA ESCOLA NORMAL DE CURITIBA 1930 a 1935.

REGIMENTO INTERNO DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DO PARANÁ PROF. ERASMO PILOTTO.

PARECER DA COMISSÃO NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO. Parecer nº F-28/1941, Processo nº 37.321/40.

### ♦ *Livros*

MONROE, Paul. *História da Educação*. 7.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, trad. Idel Becker e Therezinha G. Garcia, 1968.

PEIXOTO, A. *Noções de História da Educação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933. Exemplar nº 4250.

PEIXOTO, A. *Noções de História da Educação*. 2.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936. Exemplar nº 2953.

PEIXOTO, A. *Noções de História da Educação*. 3.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.

RIBEIRO, L. *Afrânio Peixoto*. Rio de Janeiro: Conde, 1950.

SANTOS, Theobaldo Miranda. *Noções de História da Educação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945. (Edição Ilustrada).

SANTOS, Theobaldo Miranda. *Noções de História da Educação*. 2.ed. ilustrada. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1948. (Edição Ilustrada). Exemplar nº 0888.

SANTOS, Theobaldo Miranda. *Noções de História da Educação*. 3.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1951. (Edição Ilustrada). Exemplar nº 06.

SANTOS, Theobaldo Miranda. *Noções de História da Educação*. 4.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1952. (Curso de Psicologia e Pedagogia, v.2). Exemplar nº 4221.

SANTOS, Theobaldo Miranda. *Noções de História da Educação*. 5.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1954. (Curso de Psicologia e Pedagogia, v.2). Exemplar nº 2956.

SANTOS, Theobaldo Miranda. *Noções de História da Educação*. 6.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955. (Curso de Psicologia e Pedagogia, v.2). Exemplar nº 0653.

SANTOS, Theobaldo Miranda. *Noções de História da Educação*. 7.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957. (Curso de Psicologia e Pedagogia, v.2). Exemplar nº 02.

SANTOS, Theobaldo Miranda. *Noções de História da Educação*. 8.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958. (Curso de Psicologia e Pedagogia, v.2). Exemplar nº 2519.

SANTOS, Theobaldo Miranda. *Noções de História da Educação*. 9.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960. (Curso de Psicologia e Pedagogia, v.2). Exemplar nº 01.

♦ *Mapas de edições editoriais*

MAPA DE EDIÇÕES DA COMPANHIA EDITORA NACIONAL. 1934-1936. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

MAPA DE EDIÇÕES DA COMPANHIA EDITORA NACIONAL. 1939-1945. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

MAPA DE EDIÇÕES DA COMPANHIA EDITORA NACIONAL. 1946-1950. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

MAPA DE EDIÇÕES DA COMPANHIA EDITORA NACIONAL. 1951-1955. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

MAPA DE EDIÇÕES DA COMPANHIA EDITORA NACIONAL. 1956-1965. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

## REFERENCIAS

ABREU, Márcia (org.) *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado de letras; Associação de leitura do Brasil, Fapesp, 1999. (Coleção Histórias de Leitura)

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Disponível em: <[www.academia.org.br](http://www.academia.org.br)> Acessado em: 06 mai 2007.

ALMEIDA, J. R. P. *Instrução Pública no Brasil (1500-1889)*. 2.ed. São Paulo EDUC, 2000.

AZEVEDO, F. Introdução. In: \_\_\_\_\_. *A cultura brasileira: introdução ao estudo da cultura brasileira*. 4.ed. Brasília: UNB, 1963.

BARBOZA, A. C. C. *Cartilha do Operario: alfabetização de adolescentes e adultos em São Paulo (1920-1930)*. 2006. 212f. Dissertação (Mestrado em Educação). Curso de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação de São Paulo, São Paulo, 2006.

BARROS, R. S. M. *A ilustração brasileira e a idéia de universidade*. São Paulo: EDUSP, 1986.

BATISTA, A. A. G. Um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos. In: ABREU, Márcia (org.) *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado de letras; Associação de leitura do Brasil, Fapesp, 1999. (Coleção Histórias de Leitura)

BENINCÁ, Elli. A memória como elemento educativo. In: TEDESCO, João Carlos (org). *Usos de memória*. Passo Fundo, UPF, 2002.

BURKE, P. A História como Memória Social. In: *O mundo como teatro – Estudos de Antropologia Histórica*. Lisboa: Difel, 1992.

\_\_\_\_\_. *A escola de annales (1920-1989): a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: Unesp, 1997.

CÂMARA JR. e MATTOSO, J. *História da Lingüística*. Tradução: Maria do Amparo Barbosa de Azevedo. 4.ed. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 1986.

CAMARA, S. A constituição dos saberes escolares e as representações de infância na Reforma Fernando de Azevedo de 1927 a 1930. In: *Revista Brasileira de História da Educação*. N. 08. [S. L.] Editora Autores Associados, 2004. (anual)

CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. 2. ed., Lisboa: Difel, trad. Maria Manuela Galhardo, 2002.

\_\_\_\_\_. Prólogo a la edición española. *El Mundo como Representación: historia cultural: entre práctica y representación*. 2.ed. Barcelona: Gedisa, 1995, p.I-IX.

CARVALHO, M. M. C. O novo, o velho, o perigoso: relendo a cultura brasileira. In: *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n.71, p.23-35, nov. 1989.

\_\_\_\_\_. A configuração da historiografia educacional brasileira. In: FREITAS, M. C. (org). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.

CARVALHO, M. M. C.; VIDAL, Diana Gonçalves. (orgs). *Biblioteca e formação docente: [percursos de leitura]*. Belo Horizonte/ São Paulo: Autêntica Editora/ Centro de Memória da Educação- FEUSP, FINEP, 2000.

\_\_\_\_\_. O Território do consenso e a demarcação do perigo: política e memória do debate educacional dos anos 30. In: FREITAS, M. Cezar de. (org). *Memória intelectual da educação brasileira*. 4.ed. Bragança Paulista: EDUSF, 2002. (Coleção Estudos CDAPH. - Série Memória).

\_\_\_\_\_. *A escola e a república e outros ensaios*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

\_\_\_\_\_. Pedagogia da Escola Nova e usos do impresso: itinerário de uma investigação. In: *Revista do Centro de Educação*, v. 30 – n. 02, 2005. Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2005. (Dossiê: História da Educação)

COSTA, Maria José Franco Ferreira da. *A dimensão de um homem: Lysimaco Ferreira da Costa – o educador*. Curitiba: Imprensa da UFPR, 1987.

COSTA, Marisa Vorraber (org). *Escola básica na virada do século: cultura, política e currículo*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

DAROS, M. D; DANIEL, L. S.; SILVA, A. C. *Fontes históricas: contribuições para o estudo da formação de professores catarinenses*. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2005 (Série Pesquisas; 4)

DEWEY, John. *Vida e Educação*. Tradução: Anísio Teixeira. 5.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959. (Coleção Atualidades Pedagógicas)

DIEHL, A. A. *A cultura historiográfica brasileira: do IHGB aos anos 1930*. Passo Fundo: EDIUPF, 1988.

\_\_\_\_\_. Memória e identidade. Perspectiva para a história. In: TEDESCO, João Carlos (org.). *Usos de memórias (política, educação e identidade)*. Passo Fundo: UPF, 2002.

ELIAS, N. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. 2v.

FEBRVE, Lucien. *Combates pela História*. 3 ed. Lisboa: Presença, 1989.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Tradução Laura F. de Almeida Sampaio. 13.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

FRAGO, A.V. Del espacio escolar y la escuela como lugar: propuestas y cuestiones. In: *História de la Educación*, v. 13-14, 1993-1994.

FREITAS, M. C. *Memória intelectual da educação brasileira*. 2.ed. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

GADOTTI, Moacir. *História das idéias pedagógicas*. 5. Ed. São Paulo: Ática, 1997.

GINZBURG, C. *O queijo e os vermes; o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GONDRA, José (org.). *Dos arquivos à escrita da história: a educação brasileira entre o Império e a República*. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001, pp.11-58.

GOODSON, Ivor. *Tornando-se uma matéria acadêmica: padrões de explicação e evolução*. *Teoria & Educação*. N.2. Porto Alegre: Pannonica, 1990, p. 230-254.

\_\_\_\_\_. La construcción social del currículo: posibilidades y ambitos de investigación de la historia del currículo. In: *Revista de Educación*. Madri, 1991, p.7-37, mayo-agosto.

\_\_\_\_\_. *Historia del currículum: la construcción social de las disciplinas escolares*. Barcelona: Ediciones Pomares- Corredor, 1995.

GRAMSCI, Antônio. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

HALBWACHS, Maurice. *Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HAMILTON, David. *Mudança social e mudança pedagógica: a trajetória de uma pesquisa histórica*. *Teoria e Educação*. N.2. Porto Alegre: Pannonica, 1992, p.3-32.

HERSCHMANN, Micael M. & PEREIRA, Carlos Alberto M. (orgs). *A invenção do Brasil Moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

IWAYA, Marilda. *Palácio da Instrução: representações sobre o Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto (1940-1960)*. 2001. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2001.

JULIA, Dominique. Disciplinas escolares: objetivos, ensino e apropriação. In: LOPES, Alice Casimiro e MACEDO, Elizabeth (orgs.). *Disciplinas e integração curricular: história e políticas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LE GOFF, J. História. *História e memória*. Campinas: UNICAMP, 1994. p. 17-166.

LOPES, Eliane Marta T. & GALVÃO, Ana Maria de O. *História da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. A escola e a pluralidade dos tempos e espaços. In: COSTA, Marisa Vorraber (org). *Escola básica na virada do século: cultura, política e currículo*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LOURENÇO FILHO, M. B. *Introdução ao estudo da Escola Nova*. 11. ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1974.

\_\_\_\_\_. *A formação de professores: da Escola Normal à Escola da Educação*. Organização: Ruy Lourenço Filho. Brasília: INEP, 2001.

MONARCHA, Carlos. *Escola Normal da Praça: o lado noturno das luzes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.

MORAIS, M. H. J. S. *Da pedagogia que “pegou de galho” à uma pedagogia cristã nova e brasileira: Theobaldo Miranda Santos (1904-1971) e seus manuais didáticos*. 2004. 103f. Dissertação (Mestrado em Educação). Curso de Pós-Graduação em Educação, FEUSP, São Paulo, 2004.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa. *Currículos e Programas no Brasil*. Campinas, SP: Papirus, 1990. (Coleção Magistério: Formação e trabalho Pedagógico).

MORIN, E. *Para sair do século XX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

MUNAKATA, K. Produção e leituras. In: ABREU, Márcia (org.) *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado de letras: Associação de leitura do Brasil, Fapesp, 1999. (Coleção Histórias de Leitura)

NAGLE, J. *Educação e sociedade na Primeira República*. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 131-165.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: *Projeto História: História e Cultura*. São Paulo: Editora da PUC, 1981, p. 7-28.

NUNES, Clarice. A instrução pública e a primeira história sistematizada da educação brasileira. *Cadernos de Pesquisa*, n.93, p.51-9, 1995.

\_\_\_\_\_. Ensino e Historiografia da Educação: Problemática de uma Hipótese. In: *Revista Brasileira de Educação*, n. 1, p. 67-79, 1996.



\_\_\_\_\_. O ensino da história da educação e a produção de sentidos na sala de aula. In: *Revista Brasileira de História da Educação*. n. 06. [S.L.]: Editora Autores Associados, 2003. (Dossiê “Memórias do Ensino de História da Educação”)

PAGNI, P. Â. *Do manifesto de 1932 à construção de um saber pedagógico: ensaiando um diálogo entre Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira*. Ijuí: Unijuí, 2000.

PEIXOTO, Afrânio. *Marta e Maria. Documentos de ação pública*. Lisboa, Tipografia da Sociedade Gráfica Editorial, 1931.

PILOTTO, Erasmo. *Prática da Escola Serena*. Curitiba, 1954.

\_\_\_\_\_. *Autobiografia*. [org. Denise Grein Santos]. Curitiba: Editora UFPR, 2004.

PINTASSILGO, J. Os manuais de pedagogia no primeiro terço do século XX: entre a tradição e a inovação. In: PINTASSILGO; M. C. FREITAS; M. J. MOGARRO; & M. M. C. CARVALHO (orgs.). *História da escola em Portugal e no Brasil. Circulação e apropriação de modelos culturais*. Lisboa: Edições Colibri / CIEFCUL, 2006, p.175-200.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*. vol.n5, n.10. Rio de Janeiro: [S.N.], p. 200-215.

\_\_\_\_\_. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Estudos Históricos: teoria e história*. V.n.2, n. 3. Rio de Janeiro: [S.N.], 1989, p. 03-15.

RAGAZZINI, D. Os estudos históricos-educativos a história da educação. In: SANFELICE, J. L. ; SAVIANI, D.; LOMBARDI, J. C. (orgs). *História da Educação: Perspectivas para um intercâmbio internacional*. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR, 1999 (Coleção educação contemporânea).

ROBALLO, Roberlayne de O. Borges; e VIEIRA, Carlos Eduardo. Afrânio Peixoto e as noções de história da educação: a questão da formação de professores na década de trinta no Brasil. In: Congresso Luso Brasileiro de História da Educação, VI, 2006. *Percursos e Desafios da Pesquisa e do Ensino de História da Educação*. Uberlândia, Minas Gerais, 2006.

ROCHA, M. B. M de. *Matrizes da modernidade republicana: cultura política e pensamento educacional no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados: Brasília, DF: Editora Plano, 2004.

ROCHA, H.H.P. Recordação para professoras: a história da educação brasileira narrada por Afrânio Peixoto. In: GONDRA, J. *Dos arquivos à escrita da história: educação brasileira entre o império e a república no século XIX*. Bragança Paulista: USF, 2001, p. 11-36.

SACRISTÁN, J. Gimeno & PÉREZ GÓMEZ, A. I. *Compreender e transformar o ensino*. Tradução: Ernani F. da Fonseca Rosa. 4.ed. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

SARTRE, J. P. Os tempos modernos – apresentação. In: BASTOS, E. R.; REGO, W. D. L. (org). *Intelectuais e Política: a moralidade do compromisso*. São Paulo: Olho d'Água, 1999.

SAVIANI, D.; LOMBARDI, J. C.; SANFELICE, J. L. (orgs). *História da Educação: perspectivas para um intercâmbio internacional*. Campinas, SP: Autores Associados; HISTEDBR, 1999 (Coleção Educação Contemporânea).

\_\_\_\_\_. *História e história da educação*. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados; HISTEDBR, 2000 (Coleção Educação Contemporânea).

SILVA, R. F. *História da Historiografia*. Bauru: EDUSC, 2001, p.9-168.

SILVA, Vivian Batista da. Uma história das leituras para professores – análise da produção e circulação de saberes especializados nos manuais pedagógicos (1930-1971). In: *Revista Brasileira de História da Educação*. N. 06, Editora Autores Associados, 2003. (Dossiê “Memórias do Ensino de História da Educação”)

SOUZA, Rosa Fátima de. *Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo: (1890-1910)*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

TABORDA DE OLIVEIRA, M.; RANZI, S. M. F. (orgs.). *História das disciplinas Escolares no Brasil: contribuições para o debate*. Bragança Paulista: Ed. da Universidade São Francisco, 2002.

TANURI, L. M. A historiografia da educação brasileira: uma contribuição para o seu estudo na década anterior à instalação dos cursos de pós-graduação. In: MONARCA, C. *História da Educação Brasileira: formação do campo*. Ijuí: Unilúí, 1999.

TOLEDO, M. R. de A. *Coleção Atualidades Pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial (1931-1981)*. 2001.324f. Tese (Doutorado em Educação). Curso de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

VEIGA, C. G.; FARIA FILHO, L. M. A escrita da história da educação mineira: a produção de Paulo Kruger. In: GONDRA, J. *Dos arquivos à escrita da história: educação brasileira entre o império e a república no século XIX*. Bragança Paulista: USF, 2001, p. 37-58.

VIDAL, D. G. Uma biblioteca escolar: práticas de formação docente no Rio de Janeiro, 1927-1935. In: CARVALHO, M. M. C.; VIDAL, Diana Gonçalves. (orgs). *Biblioteca e formação docente: [percursos de leitura]*. Belo Horizonte/ São Paulo: Autêntica Editora/ Centro de Memória da Educação- FEUSP; FINEP, 2000.

\_\_\_\_\_. *O exercício disciplinado do olhar: livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2001.

VIDAL, Diana Gonçalves, e HILSDORF, Maria Lúcia Spedo (orgs). *Brasil 500 Anos: tópicos em História da Educação*. São Paulo: Ed.da Universidade de São Paulo, 2001a.

\_\_\_\_\_. *Culturas escolares: estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX)*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. (Coleção Memória da Educação)

\_\_\_\_\_; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *As lentes da história e historiografia da educação no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

VIEIRA, C. E. Anísio Teixeira e a pesquisa em Educação no Brasil: ensaio sobre o processo de formação do campo. In.: *Série Estudos Periódicos do Mestrado em Educação da UCDB*. Campo Grande, v. 1, n. 15, 2003, p. 167-178.

\_\_\_\_\_. *O discurso da modernidade na I Conferência Nacional de Educação (Curitiba-1927)*. In: Congresso Brasileiro de História da Educação, 2004, Curitiba. *A educação escolar em perspectiva histórica*. Curitiba: Editora Universitária Marcelino Champagnat, 2004. v.1, p.1-11.

VILLAÇA, A. C. *O pensamento católico no Brasil (1928-2005)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

XAVIER, L. N. *Para além do campo educacional: um estudo sobre o manifesto dos pioneiros da educação nova (1932)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

WARDE, M. J. O papel da pesquisa na pós-graduação. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 73, p.67-75, maio, 1990.

\_\_\_\_\_. Questões Teóricas e de Método: A História da Educação nos Marcos de uma História das Disciplinas. In: SAVIANI, D.; LOMBARDI, J. C.; SANFELICE, J. L. (orgs). *História e história da educação*. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados; HISTEDBR, 2000 (Coleção Educação Contemporânea).

WHITE, A. M. I. L. D. E. E. *A arte de ensinar: um manual para mestres, alunos e para todos que se interessam pelo verdadeiro ensino da mocidade*. São Paulo: Siqueira Nagel & Comp, 1911.